



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Renata Fagundes Barros

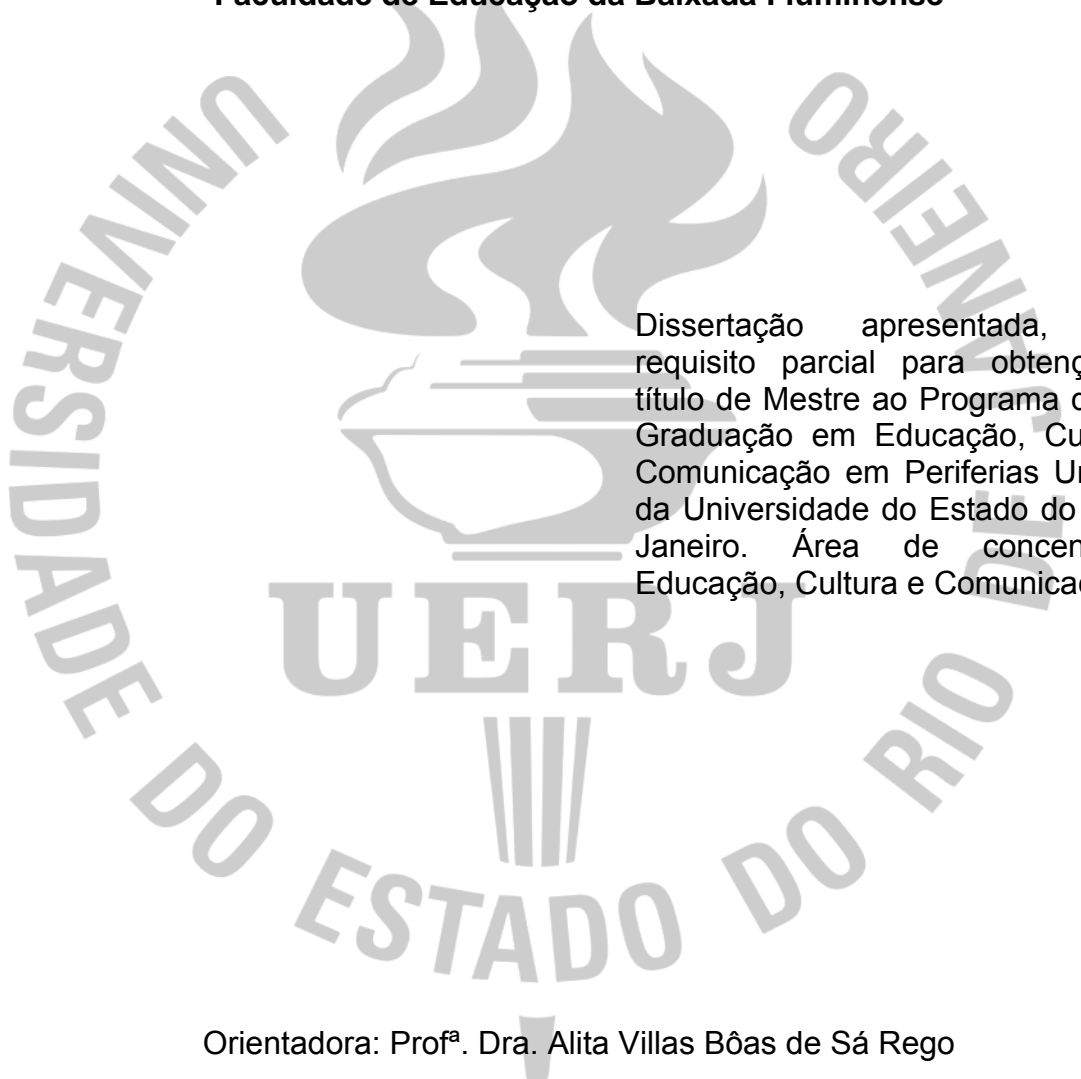
**LABORAV: uma cartografia da produção audiovisual na
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense**

Duque de Caxias

2014

Renata Fagundes Barros

**LABORAV: uma cartografia da produção audiovisual na
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação, Cultura e Comunicação.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Alita Villas Bôas de Sá Rego

Duque de Caxias

2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/C

B277	Barros, Renata Fagundes
Tese	Laborav: uma cartografia da produção audiovisual na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense / Renata Fagundes Barros - 2014. 150f. Orientador: Alita Villas Boas de Sá Rego. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 1. Tecnologia Educacional – Teses 2. Tecnologia da Informação - Teses. 3. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - Teses. I. Sá Rego, Alita Villas Boas de. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.
	CDU 37:004(815.3)

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

Assinatura

Data

Renata Fagundes Barros

**LABORAV: uma cartografia da produção audiovisual na
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação Cultura e comunicação em Periferias Urbanas.

Aprovada em 10 de Setembro de 2014

Banca examinadora:

Prof^a Dra Alita Villas Boas de Sá Rego (Orientadora)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof. Dr. Mauro José Sá Rego Costa
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof. Dr. Leonel Azevedo de Aguiar
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Duque de Caxias

2014

DEDICATÓRIA

Ao meu marido por trazer luz e alegria a minha vida, por me apoiar e sempre me incentivar para que eu alcançasse esse objetivo. Ao meu filho pela compreensão, pelo companheirismo e pelo tempo dedicado a mim. Aos dois por suportarem as ausências, as chatices e por estarem sempre ao meu lado nessa conquista, o meu amor e minha sincera gratidão a vocês, sem os quais a vida seria um vazio.

AGRADECIMENTOS

À professora Alita pela generosidade, compreensão e confiança dispensados a mim durante o tempo da orientação.

Ao professor Mauro pelas aulas inesquecíveis de filosofia na rádio, por ser um grande mestre que levarei para sempre em meu coração.

Ao professor Leonel por aceitar o convite tão tardio para fazer parte da banca.

A Faperj pelo suporte necessário e importante a esta pesquisa.

Aos Amigos que de várias formas contribuíram com esta pesquisa. Principalmente os que foram personagens dela. Ariana, Carol, Cecile, Bruno, Débora, Eni, Karla, Lu Brasil, Lucas, Luciano, Maria José, Maurício, Murilo e Thiago.

A minha mãe por ter sido sempre um grande exemplo para mim.

Por fim quero expressar minha imensa gratidão ao meu marido e ao meu filho pela paciência que tiveram comigo.

Ninguém educa ninguém - ninguém se educa a si mesmo - os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.

Paulo Freire

RESUMO

FAGUNDES, R. B. *Laborav*: uma cartografia da produção audiovisual na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Dissertação (Mestrado em Educação Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas) 2014. 150 f. – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Duque de Caxias.

A pesquisa *LABORAV*: uma cartografia da produção audiovisual na Faculdade de educação da Baixada Fluminense, tem como objetivo cartografar os efeitos das tecnologias de informação e comunicação, com ênfase no audiovisual, inseridas no ambiente educacional, e verificar se a produção de vídeo nas escolas pode apresentar-se como um contraponto à ideia de unificação do ambiente cultural vinda dos meios de comunicação de massa que predominaram no século XX. Vamos experimentar a produção audiovisual como algo capaz de produzir novos territórios existenciais a partir de processos de singularização. Nosso objeto de estudo são as atividades realizadas no Laborav, o Laboratório de Recursos Audiovisuais da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Estamos observando de que modo os integrantes do grupo que participam das atividades do Laborav se apropriam dos equipamentos de vídeo e a subjetividade produzida nesta relação. Utilizaremos como referencial teórico os filósofos Gilles Deleuze, Felix Guattari, Michel Foucault, Michael Hardt e Antonio Negri entre outros do mesmo campo epistemológico, além da bibliografia técnica da área.

Palavras-chaves: Audiovisual.Tecnologias. Singularização. Subjetividade.

ABSTRACT

FAGUNDES, R. B. *Laborav*: a cartography of audiovisual production in the Faculty of Education of the Baixada Fluminense. Dissertação (Mestrado em Educação Cultural e Comunicação em Periferias Urbanas) 2014. 150f. – Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Duque de Caxias.

The research LABORAV: uma cartografia da produção audiovisual na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, has as objective to map the technologies of information and communication effects, with emphases on audiovisual, that are inserted in the educational environment and verify if video production in the schools may present as a counterpoint the idea of cultural environment's unification that predominated at XX century. We will experience the audiovisual production as something capable to produce new existential territories from autonomous singling processes. Our study object are the activities that are performed on LABORAV, the: audiovisual research laboratory. We are noting the way that LABORAV members take part of LABORAV activities, equipments and the subjectivity's relation. We will use as theoretical reference the philosophers LABORAV: uma cartografia da produção audiovisual na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense and others of the some epistemologic al camp, beyond the thecnical bibliography of the area.

Keywords: Audio-visual. Technologies. Singling. Subjectivity.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Camiseta do Laborav utilizada em gravação de externa.....	66
Figura 2 - Entrada do prédio da FEBF.....	88
Figura 3 - Salas de aula multimidea	88
Figura 4 - Sala Revoluti	89
Figura 5 - Laboratório de informática	89
Figura 6 - Sala de Reunião e edição do Laborav	90
Figura 7 - Ilhas de edição	90

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	INTERFACE ENTRE COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO	15
1.1	Políticas educacionais recognitivas	21
1.2	Um mundo de imagens	24
1.3	Metodologia	25
1.4	Pesquisador implicado	28
1.5	Nosso percurso	29
2	NO MUNDO DOS CONCEITOS	30
2.1	Pistas para o trabalho do cartógrafo	30
2.1.1	<u>Cartografia: mapas, territórios, rizomas e a força do caos</u>	33
2.1.2	<u>Territorialização e desterritorialização</u>	36
2.1.3	<u>O Dispositivo</u>	37
2.2	Linhas do diagrama	39
2.2.1	<u>O diagrama</u>	39
2.2.2	<u>O que são as linhas</u>	40
2.2.3	<u>Território nômade</u>	42
2.2.4	<u>Trabalho imaterial</u>	43
2.2.5	<u>A subjetividade como produção</u>	48
2.2.6	<u>Comunicação e produção de subjetividade</u>	50
2.2.7	<u>A subjetividade maquínica</u>	51
3	O DISPOSITIVO LABORAV	54
3.1	A genese do Laborav	54
3.2	Produção do Laborav até 2011	67
3.3	Produção do Laborav entre 2011 e 2013	69
3.3.1	<u>Colóquio Deleuze Guattari, filosofia prática</u>	70
3.3.2	<u>Diario da FEBF</u>	71
3.3.3	<u>Capoeira em transe</u>	71
3.3.4	<u>Tai chi</u>	72
3.3.5	<u>A oficina de edição</u>	73
3.3.6	<u>Juca Mineiro</u>	73

3.3.7	<u>Fatos Caxienses</u>	74
3.3.8	<u>Conte Comigo</u>	74
4.	O PESQUISADOR PESQUISADO	75
4.1	Colóquio Deleuze e Guattari, filosofia e prática	76
4.1.2	<u>Tai Chi</u>	78
4.1.3	<u>Occupy wall street</u>	78
4.1.4	<u>Oficina de edição</u>	80
4.1.5	<u>Juca Mineiro</u>	81
4.1.6	<u>Conte comigo</u>	82
4.1.7	<u>Zona autônoma de produção</u>	84
5	DESEMBARAÇANDO AS LINHAS	87
5.1	Linhas de força	87
5.1.2	<u>A estrutura da faculdade</u>	88
5.1.3	<u>Instalações o Laborav</u>	89
5.2	Linhas de subjetivação	92
5.3	Linhas de visibilidade	93
5.4	Linhas de enunciação	96
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REERÊNCIAS	101
	ANEXOS	104

INTRODUÇÃO

Um rapaz senta-se ao lado de uma estátua de Carlos Drummond de Andrade na praia de Copacabana e começa a lhe fazer perguntas, demonstrando-se satisfeito, por não ter recebido nenhuma resposta da estátua. Reafirmando o nome do programa que está apresentando, ele informa ao seu espectador que, quem cala consente.

Quem Calar Consente é um dos episódios de uma série de televisão criada pelo aluno de Geografia Rodrigo Lobato. O projeto da série foi elaborado durante as reuniões de produção do Laborav, o Laboratório de Recursos Audiovisuais da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, o campus da UERJ em Duque de Caxias.

O objetivo desta pesquisa é cartografar a produção de conhecimento na área do audiovisual através das práticas realizadas no laboratório de recursos audiovisuais de uma faculdade de educação. Vamos investigar a metodologia do fazer e conhecer, a produção de subjetividade e os processos de singularização decorrentes deste processo. Tomaremos como base a evolução da tecnologia que barateou o acesso aos equipamentos de captura de imagens, edição e distribuição de conteúdo audiovisual, trabalhando sempre na interface entre comunicação e educação.

Nossa pesquisa será realizada no LABORAV – Laboratório de Recursos Audiovisuais da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, um espaço aberto aos alunos, professores, funcionários e moradores da comunidade da Vila São Luis, no Município de Duque de Caxias, cuja proposta é oferecer condições para a criação de uma produção audiovisual capaz de se opor aos modos de produção e à programação encontrada nos meios de comunicação de massa tradicionais. Vamos acompanhar a experiência do funcionamento do Laborav entre os anos de 2010 e 2013. Vamos nos afastar das pesquisas em educação que privilegiam os aspectos relativos às técnicas de ensino. Será uma experiência do aprendizado audiovisual, seus processos e práticas seguindo as pistas de Foucault, Deleuze e Guattari, através do método da cartografia.

O Laborav foi criado, no segundo semestre de 2008, como parte do projeto de pesquisa da bolsa de recém doutor da professora Alita Villas Boas de Sá Rego, *Imagens sensoriais digitais e suas narrativas: a produção de material didático audiovisual para jovens da periferias no século XXI*. Era um projeto teórico-prático, que foi pensado para servir de base para as práticas audiovisuais culturais e educativas presentes nas comunidades periféricas. O projeto também visava discutí-las teoricamente para romper com preconceitos em relação à sua produção e disseminação. Desde o dia de sua criação, o Laborav nunca parou de produzir. Seu funcionamento, porém, passa por adequações a cada novo grupo formado. As oficinas e reuniões semanais se mantêm, porém ajustam-se aos temas de interesse de cada grupo de bolsistas e mestrandos que frequentam o espaço em um determinado período, geralmente de dois anos. Por isso não seria possível tentar traçar uma identidade para o Laborav, já que o mesmo adéqua-se a cada grupo que se forma, sendo um constante devir formado por seus integrantes.

Para os primeiros laboravianos, participar das atividades de produção audiovisual configurava-se como um fator de resistência ao controle social, já que seu caráter autônomo permitia a invenção de uma outra estética: aquela que nasce do conhecer através do fazer. Como era um espaço onde era possível realizar novas territorializações dos produtos audiovisuais, o Laborav representava também, um lugar de resistência ao movimento de serialização da subjetividade, já que propiciava a atualização da potência criativa de seus integrantes, o exercício da força local, fazendo e desfazendo alianças e criando a possibilidade de modos de expressão e de articulação rizomáticas.

O grupo que participou do Laborav, a partir de 2011 era composto por alunos bolsistas e voluntários, alunos da FEBF que tomaram conhecimento da existência do laboratório quando cursaram a disciplina eletiva *Multimídia e Educação 1 (ênfase no audiovisual)*, na qual cada um deveria criar um projeto de vídeo com formato e tema livres. Estes vídeos faziam parte da avaliação final da disciplina. Durante as aulas, aprendia-se a colocar o projeto em prática, verificando suas possibilidades de produção: realizar a pesquisa, preparar um roteiro, fazer a produção, montar a equipe, posicionar e operar a câmera, editar. Verificavam-se se todas expectativas em relação ao projeto eram possíveis de serem realizadas, as dificuldades a serem superadas e o que precisava ser modificado.

Alguns alunos que cursavam a disciplina acabavam se integrando ao Laboratório como voluntários, e produzindo outros projetos que não estavam vinculados a nenhuma disciplina. Tal fato aguçou minha curiosidade, sendo um dos motivadores para esta pesquisa, já que provocaram as seguintes questões: se a disciplina não é obrigatória e não faz parte da formação, porque alguns alunos permanecem no grupo? Qual é a motivação dos integrantes do grupo assim como a força que os atrai e os mantém no projeto? O que estão procurando os alunos de pedagogia quando se envolvem no projeto de produção audiovisual? Seriam as práticas realizadas no Laborav um modo de subjetivação indicado para um processo de subjetivação autônomo? O método do fazer e conhecer é uma linha de fuga às políticas educacionais recongnitivas do ensino tradicional?

1 INTERFACE ENTRE COMUNICAÇÃO, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO

Em um mundo cada vez mais virtualizado, onde pessoas se relacionam através dos computadores e dos dispositivos móveis de informação e comunicação, não há como não abordar as questões que envolvem a tecnologia em ambientes de aprendizagem. Mesmo tentando resistir a toda e qualquer forma de mudança, como faziam muitos futuros professores que cursam a FEBF. A tecnologia, principalmente após a convergência das mídias tem obrigado a todos, mesmo os que não são adeptos a ela, a adotar novas formas de pensar agir e sentir. Por isso, acreditamos que, através da criação de produtos multimídia e/ou audiovisuais, surge outra forma de ensinar a lidar com o grande número de imagens que circulam em diferentes meios de comunicação, a desvendar seus códigos, a dominar as várias possibilidades de expressão e as possíveis manipulações.

Afinal desde que McLuhan lançou *O meio é a mensagem*, na década de 1960, muitos especialistas têm procurado compreender e explicar o processo de aprendizado por intermédio das práticas audiovisuais que expandem cada vez mais seu aparato técnico das TVs aos computadores, celulares e *tablets*. Eclodindo uma série de teorias de aprendizagem pelo meio audiovisual. Entretanto nos recusamos a pensar uma educação que forme espectadores como é possível encontrar em alguns “manuais” e livros como cursos preparatórios e propostas pedagógicas para a formação do telespectador. Todos com a mesma intenção, reforçar um modelo de telespectadores.

Desta forma nos recusamos a pensar em utilizar, formas explicativas para formação de expectadores críticos como é possível encontrar em Ferres (1996) e Belone (1991), pois teorias que formam expectadores, apenas reforçam o modelo de educação que faz uso audiovisual como um livro. “*a mídia representa um campo autônomo do conhecimento que deve ser estudado e ensinado as crianças da mesma forma que estudamos e ensinamos a literatura, por exemplo.*” (BELLONI, 1991, p.41). O receptor apenas consome o que já estava escrito, acabado e pronto com um caráter mercantil que reforça a lógica dominante, por isso acreditamos que ensinar a ser um espectador não é uma prática crítica e muito menos libertadora. O principio pedagógico que por muito tempo orientou a

proposta de integração de tecnologia de informação e comunicação nas escolas tratava-se de discursos divergentes a ideia da mudança, com discursos que apenas reforçavam um comportamento desejado, formado com seus manuais e lições.

Por muito tempo acreditou-se que esta era a educação moderna que poderia ser oferecida nas escolas e universidades como um modelo de ensino. Não se trata de desqualificar ou negar as práticas que se materializam no fazer pedagógico. A ideia proposta por nós é pensar que as práticas de ensino não se reduzem a uma única direção, acreditamos na experiência audiovisual, possibilitando explicitar algumas questões as quais aludem à educação, tais como os conceitos que assumimos quando utilizamos mídias eletrônicas.

É necessário esclarecer a razão a qual a partir daqui deixaremos de falar em educação para as mídias e passaremos a chamar de “aprendizagem audiovisual”. Definimos esta nomenclatura como a mais adequada, devido à convergência das mídias provocadas pelo avanço digital, que tornou cada vez mais tênue às diferenças entre elas. É possível pensar formas de educar para usos mais democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que vão permitir processos de singularização autônomos e que se configura como um dos desafios mais pragmáticos que a educação encontrou nos últimos tempos: abrir mão do discurso teórico e fazer com que os alunos produzam suas próprias narrativas audiovisuais, capturando e editando imagens que permitam desvendar os mecanismos de produção de discursos ideológicos da sociedade de controle contemporânea, de uma forma mais objetiva do que a mera leitura crítica das imagens/ mensagens produzidos pelos meios de comunicação de massa.

É notório que muitos atravessamentos compõem à discussão da formação conceitual e metodológica, referindo-se às tecnologias da informação e comunicação. A questão que propomos neste trabalho, não é pensada com intuito de formar o futuro professor — a partir de modelos, aplicando métodos — muito pelo contrário, a proposta da formação de professores assume o desafio de desmanchar modelos rígidos e predeterminados, evidenciaremos a necessidade de não confundir uma forma de ensinar com o único modo de praticá-la. Assumiremos neste contexto, a dimensão de uma formação inventiva, (KASTRUP, 2005 p. 28).

A experiência que apresentamos nesta pesquisa e que trata do uso da tecnologia audiovisual no ambiente educacional de forma criativa e produtiva ainda

encontra muita resistência. Os professores sentem-se ameaçados pelos dispositivos tecnológicos e temem serem substituídos por máquinas. Este é o perigo que corre aquele professor reprodutor, que se limita a transmitir conhecimentos prontos, produzidos ao longo do tempo, as quais não interessam às crianças e aos jovens do século XXI, adeptos do *upload* e *download* permitido pelas tecnologias de informação e comunicação e que produzem o que consomem. Acreditamos que, desta forma, estaremos colaborando na produção e atualização do conhecimento na área da tecnologia educacional e na ampliação do conhecimento sobre as relações dos meios de comunicação e as tecnologias de informação e comunicação na periferia do Rio de Janeiro.

Não estamos alheios ao fato de que o sistema econômico, ao longo da história, teve forte influência na educação transformando-a numa instância fundamental na formação do trabalhador. Vários modelos de educação estiveram intimamente ligados aos interesses de mercado, preparando mão de obra capacitada e formando consumidores. E que com o avanço do capitalismo industrial, a atuação da escola vai desde a difusão da ideologia dominante à qualificação de mão de obra. Com rígida separação entre a concepção do trabalho e a execução padronizada de tarefas, bastava, ensinar/adestrar para fazer. Isto já era suficiente para o exercício de um trabalho alienado, repetitivo e sem criatividade. Este modelo de educação atendeu ao sistema fordista até a década de 1940, perdendo seu valor no sistema *toyotista*, que passou a exigir níveis cada vez mais altos de qualificação e uma formação contínua que atendesse aos constantes avanços tecnológicos. É preciso justificar, porém, que o avanço tecnológico não traz mudanças apenas no trabalho e nas questões relacionadas a aprendizagem; envolve também mudança no comportamento social, nas relações entre as pessoas com seus semelhantes e na relação das pessoas com o trabalho, assunto que trataremos de forma mais detalhada um pouco adiante.

Por hora é importante esclarecer que o trabalho imaterial, por tratar-se de um tipo de trabalho que vai muito além da relação capitalista trabalho/lucro, é um exercício que manipula informações, afetos, emoções e bem estar. A concepção de trabalho imaterial foi encontrada em Antonio Negri e Maurizio Lazzarato no livro *Trabalho imaterial formas de vida e produção de subjetividade* (2008), e também em Antonio Negri e Michael Hardt em *Multidão* (2005) e *Império*(2001). São filósofos que

possuem uma grande influência do pós-estruturalismo francês, refletem sobre o mundo contemporâneo. Os autores encontram em Foucault e Deleuze importantes pontos de referência.

Mesmo com todo o avanço tecnológico ainda é possível perceber alguma resistência por parte dos sistemas educacionais em adequar suas práticas as novas formas de expressão que se fazem exigentes nos dias de hoje. Ainda não existe espaço para a criação, nos mantemos presos ao currículo e não temos a liberdade para criar nosso próprio material didático. Estamos presos a metodologias ultrapassadas diante das inúmeras possibilidades que temos para praticar e inventar nossas próprias formas de aprendizagem. De acordo a ideia de aprendizagem inventiva que encontramos em Kastrup (2005 p. 28), o processo de conhecimento criativo não se dá pela repetição mecânica ou através de uma regra predefinida, mas sim através da invenção de problemas e da reinvenção de si e do mundo.

Entretanto se compararmos o currículo de uma escola atual ao de uma escola de trinta anos atrás, observaremos que ainda não há espaço para práticas inventivas. Os currículos ainda atendem a interesses econômicos e de mercado, motivo pelo qual daremos uma especial atenção as tecnologias que nos permitem criar, inventar e trocar informações. Por isso destacamos a popularização das tecnologias da informação e da comunicação.

A natureza multimídia (textos, fotos, imagem em movimento, sons, músicas, desenhos, animações e, principalmente, interatividade) das tecnologias de informação e comunicação representam um grande potencial para a educação, por seu apelo cognitivo. Característica que segundo os pesquisadores citados pode causar modificações importantes, não apenas no comportamento, mas também em seu funcionamento psicológico, conforme explicam Coll, Marchesi e Palácios (2008). De acordo com suas pesquisas, podemos afirmar que as tecnologias de informação e comunicação são importantes mediadores do comportamento humano, já que, sua utilização modifica a maneira de memorizar, de pensar, de relacionar-se e também de aprender (Levi 1998), Coll, Marchesi e Palácios (2008) .

O uso das tecnologias deveria ser compreendido como facilitador da criação de ambientes de aprendizagem naturais, espontâneos, lúdicos, desafiadores e capaz de contribuir para a geração de micro mundos de todas as disciplinas ou como

incubadoras de conhecimento interdisciplinar. Uma ferramenta para ajudar a pensar e criar teorias transitórias, construindo e transformando, formulando e reformulando teorias.

Com o uso das tecnologias de informação e comunicação é possível pensar numa proposta educacional mais próxima da idealizada por Papert (1995), que propunha romper com o modelo de educação em que o processo está centrado no professor. Para ele as tecnologias da informação e comunicação é uma poderosa ferramenta para pensar com inteligência e emoção.

Por tecnologias de informação e comunicação, entende-se algo mais do que simples inovações no campo da ciência e tecnologia. Elas representam um domínio sem precedentes do homem sobre a natureza do universo, em seus aspectos genéticos, microeletrônicos e energéticos, com graves repercussões da vida social, econômica política e cultural dos povos (Maturana; Varela, 2001). Cada sistema semiótico possui suas limitações e potencialidades como instrumentos psicológicos, logo não é a mesma coisa aprender apoiando-se num texto escrito e em imagens estáticas ou em imagens em movimento, não apenas pelas exigências de uma ou outra tarefa, mas também pelo tipo de processos cognitivos que cada sistema solicita, potencializa e limita.

O uso das tecnologias da informação e da comunicação e a convergência das mídias aceleram os processos já existentes na maneira de experimentar a realidade, no uso da linguagem, nas formas de ler e escrever e na comunicação em geral, já constituindo um novo ambiente de vida. Devido ao domínio dessas tecnologias, o mundo se encontra cada vez mais representado por aqueles que se utilizam destes meios para transformar as experiências humanas através da produção de novas formas de pensar, agir e sentir (produção de subjetividade).

Neste trabalho entende-se por tecnologia aquelas que reúnem específicos meios de comunicação, como a informática, telecomunicações, gravações e a difusão dos meios eletrônicos de textos, imagens e som e a som em uma convergência.

Devemos analisar a grandeza deste fenômeno considerando que a quantidade de informações produzidas, somente nos últimos anos, superou a quantidade produzida em toda a nossa história. Essa proliferação de informações cada vez maior, de modo tão desordenado, ocorre num lugar de domínio psíquico coletivo,

chamado ciberespaço, que nos remete muito mais a uma nova estrutura social do que a um novo espaço.

A educação escolar, por sua vez não pode ser apenas espectadora. Ela deve ser produtora dessa cultura (Maturana, Varella 2001). As pessoas necessitam adquirir critérios que possam ajudá-las a estabelecer hierarquias de qualidade e de confiabilidade diante das informações. Estas aquisições são complexas e necessitam do apoio de novas práticas, (Fagundes, 1999), fato que cria novas exigências para as práticas escolares, ao mesmo tempo em que, transformam os objetivos da educação e a relação entre os diferentes contextos educacionais e sociais.

As interações, que antes ocorriam entre as pessoas de forma presencial, agora ocorrem, em grande parte do tempo, de forma virtual. Abrindo o caminho para a interatividade através do ciberespaço. A virtualização das relações humanas, além de causar mudanças no estado cognitivo, causa também mudanças no comportamento social, delegando ao computador o papel de veículo das relações pessoais, e até mesmo de aprendizagem. Mas este funciona, principalmente, como uma janela para o mundo. E esta janela, sempre aberta, nos torna expostos a todo tipo de mensagens, estáticas ou em movimento, (LEVY, 1998).

Por sua facilidade de veiculação e a total falta de censura, o mundo virtual permite a circulação de todo tipo de mensagens através de: desenhos, jogos, animações, blogs, conversas pela *webcam*, redes sociais como *Orkut*, *Facebook*, *Twitter* e principalmente, vídeos, etc. No *Youtube*, por exemplo, são postadas cerca de vinte mil novos vídeos por dia. Uma produção intensa que só foi possível a partir do barateamento e da facilidade de manuseio dos equipamentos de captura de imagens e dos programas de edição. A produção audiovisual, durante muito tempo, foi apenas de domínio dos meios de comunicação de massa eletrônicos – TV, vídeo e cinema. A revolução informacional, proporcionada pela internet e pela tecnologia digital, sem dúvida, transformou profundamente as relações que estabelecemos com as imagens. É cada vez maior o número de aparelhos capazes de tirar fotos e filmar que permitem, em poucos minutos, compartilhá-las com milhares de pessoas através da internet.

A questão que se coloca, no presente contexto, é que, mesmo tendo acesso aos equipamentos (celulares, câmeras, internet, etc.), não criamos espaço nas disciplinas escolares para o criativo da tecnologia, criando linhas de fuga ao discurso

ideológico da cultura do capitalismo que transforma o mundo em mercadoria. Os meios de comunicação, sempre foram grandes formadores de opinião, influenciando as formas de se estar no mundo, utilizando-se de belas narrativas, aguçando desejos e instintos, com fórmulas tão integradoras quanto sedutoras, constituindo o que Felix Gattarri chamou de subjetividade maquínica, conceito encontrado em Caosmose(1992) e em Cartografias do Desejo(2005). Sabemos que a TV, o rádio e o cinema assim como o computador (com câmera, microfone internet, etc.) não foram tecnologias desenvolvidas com finalidades educativas. No entanto, os meios de comunicação de massa eletrônicos como o rádio, a TV e o cinema, que predominaram na cultura do século XX, sempre produziram novas formas de estar no mundo. Por isso, mesmo não sendo criados para fins educativos, ensinam e educam. Questão que novamente nos faz questionar a educação através de uma via de mão única, onde o conteúdo já vem pronto para ser consumido de forma passiva. Será que o novo milênio demanda uma nova postura para entrar em sintonia com os desejos e as necessidades que esta nova sociedade (sociedade da informação) exige?

Acreditamos que no Laborav, o laboratório de recursos audiovisuais da FEBF, o se faz é muito mais do que vídeos e experiências com imagens. Praticam-se formas de aprendizagem que fogem do modelo vigente encontrado na educação. Por isso é muito mais do que uma experiência com vídeos: é uma experiência também sobre a produção de conhecimento.

1.1 Políticas educacionais recognitivas

Um dos conceitos que trabalharemos nesta pesquisa com o intuito de explicitar as práticas laboravianos é o conceito de aprendizagem recognitiva.

A Educação tem sido pensada, segundo Galo (2003 p.04), a partir de uma matriz platônica, desde Platão afirma-se que:

é diferente do mundo material, sensível, cópia imperfeita daquele mundo original) e, assim, a alma racional participa das ideias, as conhece,

as contem em si. A questão é quando a alma se encarna em um corpo que nasce, dadas as limitações do material, ela se esquece de todas as ideias. Ao longo da vida, a alma vai, aos poucos, se “recordando” daquilo que já sabia.

A recongnição seria então, uma forma de aprender algo que já sabia, ou seja, o conhecimento que poderia ser aprimorado pelo treino. De toda as teorias pedagógicas que surgiram ao longo dos anos, esta foi a que mais se consolidou. Ele explica que em todas as teorias pedagógicas de forma geral, *só se aprende aquilo que é ensinado, não se pode aprender sem que alguém ensine. O outro lado dessa afirmação é que se só se aprende aquilo que é ensinado pode-se controlar o que, como e quanto alguém aprende,*(GALO 2003).

A proposta que trazemos para esta pesquisa, é exatamente de se contrapor aos métodos tradicionais de ensino, partindo da experiência das práticas de aprendizagem observadas no Laborav. Um aprendizado que não é conduzido, que não é orientado pelo outro, o que observamos em comum em vários autores que tratamos nesta pesquisa, é que toda relação com pessoas e objetos criam um novo aprender, ainda que não seja perceptível para nós e que pareça uma grande perda de tempo. O próprio habitar de um território já é uma experiência transformadora.

O problemas da aprendizagem, como é percebido por Kastrup (2005), que traz a luz a importância da filosofia de Deleuze, mostrando-se cada vez mais frutífera para problemas no campo da educação. Trazendo o conceito de devir para examinar algumas das implicações, identifica também duas políticas distintas: a política da cognição e a política da invenção.

Trazendo para o campo da educação o conceito de “aprendizagem inventiva”, que não deve ser confundida com a criatividade. Ela esclarece que a criatividade é uma capacidade de produzir soluções, diferente da invenção, que se refere à *invenção de problemas*. Kastrup ressalta que a invenção não deve ser entendida a partir de um inventor, nem ser atribuída a um sujeito, pois, ele bem como o objeto são resultados do processo de invenção. *A transformação da cognição não segue um caminho necessário, não leva a uma seqüência de estruturas que seguiram uma ordem, mas é antes uma deriva. Criada a partir dos acoplamentos com as forças do mundo,* (KASTRUP, 2005, p. 1275).

Esta maneira de entender a cognição difere-se da abordagem cognitivista dominante, aqui a cognição constitui um espaço de representação, diferente dos modelos cognitivistas que usam representações de processamento de informações. Limitando-se a um processo de soluções de problemas sem espaços para invenções dos mesmos, que chegam de um mundo preexistente. O sistema cognitivo opera com regras e representações, chegando a resultados previsíveis, a argumentação trazida neste texto é que, não existe mundo prévio nem sujeito preexistente, o si e o mundo são conduzidos pela ação em um processo de transformação permanente. Estão sempre sujeitos a novos abalos, novas transformações ou reinvenções. Considerando a subjetividade como algo que não existe previamente, mas sim como efeito de agenciamentos coletivos.

Neste sentido, o estudo do aprendizado desvia-se da concepção de um processo de solução de problemas, sem ser capaz de problematizar o que seria a matéria primordial portadora da diferença e que se confunde com o mundo dos objetos e das formas. A cognição inventiva não quer dizer o mesmo que cognição espontânea, ela não é privilégio de alguns, depende um determinado do cultivo. A invenção não existe por si só, envolve repetição. O aprendizado depende do abandono da atitude recognitiva, (KASTRUP, 2005).

O conceito de devir, é apresentado por Kastrup (2005) como algo que procura dar forma a um movimento, ou seja, ao desmanchar-se e ao relançar-se ao plano das forças, é como o aprender, que assume a forma de um círculo, em que o movimento é o de reincidir, dessa forma cada aprendizagem provoca uma nova busca, que origina um novo problema, ou seja, a lógica circular de aprender que aponta para o inacabamento do processo .

Kastrup ressalta que o aprender para Deleuze (1987), ocorre a partir de uma perspectiva da arte, em que o aprendiz não repete uma resposta ou regra, ele é capaz de reinventar-se, ele não se adapta, mas desenvolve uma aprendizagem criadora e sempre, mantendo-se num processo de construção permanente. A maioria das nossas práticas educativas, resultam em uma subjetividade recognitiva, que se limitam a tomar o mundo com informações prontas a serem explicadas,

porém, devemos pensar em adotar políticas que exercitem a problematização, aceitando o conhecimento como uma experiência de invenção que deve ser exercida por intermédio de práticas concretas e de um constante processo de aprendizagem, opondo-se a uma política da reconhecimento que lida com saberes preexistentes. A política da invenção é uma política da abertura da atenção as experiências, concebendo práticas, desencadeando processos de problematização que não se esgotam ao achar uma solução, (KASTRUP, 2005).

Para alguns pesquisadores, o simples ensino do uso da tecnologia aos alunos seria a solução para o problema da educação por transmissão, porém, ensinar a usar e a fazer buscas de conhecimentos prontos, não significaria uma ruptura ao sistema de educação vigente, pelo contrário, seria uma reafirmação do mesmo método, só que agora de forma *high-tech*, os problemas encontrados hoje na educação, inclusive os relacionados a dispersão que muitos atribuem ao uso de tecnologias devem ser pensados a partir de práticas capazes de colocar em questão a identificação entre conhecimento e informação (KASTRUP, 2005).

Ensinar é em grande parte compartilhar experiências de problematização, por isso, devemos abrir mão das nossas atitudes cognitivas e começar a pensar na aprendizagem como algo em constante permanência, como um devir, que só é possível a partir de uma política cognitiva da invenção, (KASTRUP, 2005).

1.2 Um mundo de imagens

O estudo sobre o uso de imagens e seus efeitos sempre interessou a quem estuda o comportamento humano. Na antiga Grécia, Platão já falava sobre o simulacro que iludia os sentidos e, conseqüentemente, a consciência. O filósofo referia-se às “fascinantes imagens” produzidas pelos artistas que rivalizavam com a natureza parecendo materializar a coisa representada e aos sedutores discursos dos sofistas, que emocionavam platéias fazendo ficções parecerem realidade. Hoje, já sabemos que esta “ilusão” perde seu poder no momento em que se aprende a criá-

las, porque a melhor forma de desmontar um mecanismo de opressão é compreendendo seu funcionamento, além de seu propósito. Tais motivos nos levaram a busca pela experiência prática e profunda com o audiovisual no ambiente educacional, especificamente no laboratório de recursos audiovisuais que funciona dentro de uma faculdade de educação.

A produção audiovisual é um meio estético para a expressão e um instrumento para a comunicação. Ela resulta em um ciclo de ação, reflexão e diálogo no qual os alunos, através de suas próprias escolhas e práticas, aprendem como a indústria da mídia trabalha e como suas mensagens são formadas. Quando se produz um vídeo (de forma sistematizada) é possível compreender que palavras e imagens, antes de serem divulgadas, são filtradas e editadas, sempre com alguma intenção e que as imagens são cuidadosamente selecionadas, as imagens e o texto oferecidos são sempre a escolha de alguém (ou de um grupo) com uma intenção que nunca é neutra.

É útil que se compreenda como a democratização do acesso aos aparelhos, primeiro de reprodução e agora de produção audiovisual, mudou radicalmente a relação do espectador em relação ao que antes ele apenas assistia passivamente. Hoje o ato da criação é uma prática acessível a todos, principalmente entre os jovens. É esse desejo de criar que emergiu com o avanço tecnológico, que nos motiva a realização dessa pesquisa junto ao grupo do Laborav.

1.3 Metodologia

O trabalho do pesquisador não deve se resumir a contar as origens de onde tudo um dia teve eclosão. Sabemos que datas e locais não são pontos de partida nem dados definitivos, mas são elementos que compõem a rede de condições de produção de um discurso. Sabemos que ali se estabelece uma ruptura, uma linha a ser desembaraçada num determinado campo do saber. Descrever uma temática é um problema levantado quando entendemos que há uma força nas práticas

institucionais e que há igualmente uma força nas construções discursivas correspondentes e que uma não existe sem a outra. Por mais simples e delimitada que seja a pesquisa. A proposta de uma pesquisa, segundo a leitura deleuziana de Foucault (Deleuze 2005) é desembaraçar as linhas. Por isso, adotamos, como procedimento metodológico, a cartografia.

A cartografia tem sido entendida por alguns de seus praticantes como uma forma de investigar os modos de subjetivação, questionando os modelos explicativos da realidade na produção de saberes que podem ser definidos como paisagens psicossociais. Ela é utilizada quando o pesquisador já não se contenta com a mera representação do objeto (decalques) e aposta que todo conhecimento é uma transformação da realidade. Neste ponto o método reverte seu sentido, que vai sendo traçado sem determinações ou prescrições de antemão dadas; *deixando de ser um metá-hódos para se transformar num hódos-metá onde o pesquisador segue pistas que vai percebendo durante seu caminhar.*(KASTRUP, 2009; p.10).

Concordando com os pesquisadores desta linha, também compreendo a cartografia como uma prática de construção de um plano de forças, geralmente desconsiderados pelas perspectivas tradicionais de conhecimento.

Este plano revela, entre outros objetos do mundo, o processo de produção de subjetivação, o contorno das formas e o plano das forças que os produzem, não restringindo-se apenas a descrever, mas principalmente, traçar o movimento próprio que impulsiona os processos e suas constantes produções (ESCÓCIA; TEDESCO, 2009; p.11)

Como explicitam Passos, Kastrup e Escossia em *Pistas para o método da cartografia* (2009), a cartografia procura desembaraçar as linhas de visibilidade, enunciação, forças e subjetivação que constituem um território existencial. É uma prática voltada para investigar processos em andamento, cujos objetos não são pré-existentes à pesquisa, como processos de criação/cognição, produção de subjetividade ou de institucionalização.

Na cartografia que tem como base Deleuze e Guattari, seguida por Passos, Kastrup e Escossia (2009), um dos conceitos mais é o de territorialização dos saberes que passam pela utilização das tecnologias de informação e comunicação

(TICs) que se desenvolveram a partir do final do século XX, início do XXI. São importantes reflexões sobre a constituição da subjetividade dos indivíduos em meio à complexa situação contemporânea vinculada a uma terceira Revolução Industrial em curso, provocada pela informatização e a convergência das mídias que provocaram complexas transformações econômicas e sócio-culturais, cujos efeitos fizeram com que Guattari (1992) apontasse para o advento de uma Era Pós-Mídia.”

Outro filósofo muito importante que destacaremos nesta pesquisa é Michel Foucault, que dedicou grande parte de sua obra a entender as instituições e os sistemas de pensamento com abordagens inovadoras. Foucault (1979) tornou-se referência em outros campos de conhecimento, além da psicologia e da filosofia, e tem inspirado várias pesquisas relacionadas a educação. O pensador (1979) foi um dos primeiros a mostrar que a escola moderna produziu e continua produzindo um determinado tipo de sociedade: a disciplinar (Foucault: data) que, no momento se soma à sociedade de controle tal como definida por Deleuze em seu *Post script sobre a sociedade de controle* (1992) na produção da subjetividade contemporânea. Ao invés de tentar responder ou discutir as questões filosóficas tradicionais, Foucault desenvolveu critérios de questionamento e críticas ao modo como elas são encaradas. A primeira consequência desse procedimento foi mostrar que categorias como razão, método científico e até mesmo a noção de homem não são eternas, mas vinculadas a sistemas circunscritos historicamente, dissolvendo o conceito de universalidade. Para Foucault (2005), a disciplina é um conceito definidor da modernidade. A medida em que o iluminismo consolidou um grande número de instituições de assistência e proteção aos cidadãos – como família, hospitais, prisões e escolas – também inseriu nelas mecanismos que os mantêm na iminência da punição, atuando como forma de vigilância e controle. Estes mecanismos formaram o que Foucault (2013) chamou de “tecnologia política” ou biopolíticas, com poderes de manejar corpos, espaços, tempo e registro de informações, tendo como elemento unificador o panóptico e a hierarquia – os principais dispositivos das sociedades disciplinares.

1.4 O Pesquisador implicado

Durante a prática em sala de aula sempre procurei adotar metodologias mais modernas e inovadoras, ainda que o uso dos recursos tecnológicos sejam sempre alvos de críticas por ser um recurso que exige uma formação constante visto que a cada dia surgem novas tecnologias. Uma das minhas buscas foi aprofundar ainda mais as questões relacionadas à tecnologia, desta vez com a finalidade de trabalhar com vídeo durante as aulas. Fui surpreendida nas aulas da disciplina Multimídia e Educação, que não ensinavam como usar o vídeo das formas mais tradicionais como formação do espectador. Com uma metodologia inovadora, até mesmo para quem já era adepto da tecnologia, a proposta da disciplina era ler alguns textos relacionados à produção audiovisual, concomitantemente assistir alguns vídeos, e por fim prepararmos nossa própria produção audiovisual, cujos detalhes serão explicados mais adiante.

Os meios de comunicação são capazes de afetar as pessoas, com sentimentos bons ou ruins, algo inegável pela psicologia, neurologia e pedagogia. Hoje em dia temos acesso a inúmeros recursos tecnológicos, porém, não sabemosao certo como criar metodologias para adequá-las ao ensino formal, porque no informal ele já vem conquistando adeptos há muitos anos, as vídeo aulas já fazem parte do treinamento de empresas e curso a algum tempo, porém, na educação de crianças e jovens, se o que for oferecido não estiver muito próximo do que eles têm de interesse, o processo de aprendizagem não apresentará resultados desejados. A solução na maioria dos casos tem sido a adaptação do que já existe, então, ao descobrir a disciplina Multimídia e Educação, surgiu um enorme interesse em conhecer a técnica para dominar o bem mais comum e também a forma mais poderosa de comunicação, ou seja, através do audiovisual. Quando falamos em conhecer a técnica, parece tratar-se apenas de aprender a manusear aparelhos, porém, a técnica envolve muito mais que isso, ela exige alguma sensibilidade e determinado conhecimento em entender muito bem como passar uma mensagem de forma clara e objetiva sem perder o interesse do espectador. As dificuldades que surgem durante o processo de criação, não poderiam ser vistas e estudadas por quem não está implicado no problema, por quem está distante. Apenas pela

observação puderam-se compreender todas as angústias e alegrias que atravessam esse processo. Foi preciso fazer parte da experiência.

1.5 Nosso percurso

Em nosso primeiro capítulo procuramos falar um pouco a respeito da metodologia de pesquisa: a cartografia, por permitir que a experiência seja descrita a cada passo, e não como um panorama geral de quem chega com muito conhecimento sobre um assunto. Mas permite acompanhar um processo que não se conhece de antemão, identificando as linhas de força que formam o dispositivo para desembaraçá-las e revelar as forças que atuam nele. Falaremos a respeito produção de subjetividade e dos agenciamentos que injetam modos de ser ou representações e destacamos no final do primeiro capítulo: a dinâmica do trabalho imaterial, o trabalho cooperativo, e a relação de troca de conhecimentos e afetos que envolvem uma produção.

No segundo capítulo traremos uma descrição do que é o Laborav, falaremos a respeito da equipe, dos nossos programas, nossa metodologia de aprendizagem e o processo de criação de cada programa, assim como as relações que se estabelecem dentro do dispositivo. Através das quais o processo de subjetivação ocorre.

No terceiro capítulo procurei analisar as linhas de força que movimentam o dispositivo.

Por fim, faço algumas considerações a respeito deste breve período em que habitei o território existencial. Porque o grupo continua sem mim e a cartografia não tem fim.

Visto que não existem regras gerais, podemos dizer que temos sempre cartografias praticadas, com procedimentos a serem construídos caso a caso (KASTRUP, 2010 p.79).

2 NO MUNDO DOS CONCEITOS

2.1 Pistas para o trabalho do cartógrafo

Deleuze(1992) destaca a importância da prática na criação de conceitos que só são válidos na medida em que sejam verdadeiros; mas numa verdade regulada pelas relações que a constituem, pelos efeitos que provoca na prática e pela prática. Por isso, o filósofo nos desafia a produzir nossas próprias ideias-experimentações e nos encoraja ao dizer: *“não acredito naqueles que dizem ‘faça isso’; acredito naqueles que dizem ‘faça comigo’* (2010). Daí a ideia da cartografia como prática na construção de um conhecimento.

Ao contrário das outras metodologias, que partem do objeto pronto para descobrir o que ele é, num processo de reconhecimento do que já existe, o método da cartografia toma como base a experiência concreta para descobrir os processos criativos de novas instituições, obras de arte e relações. O método é adequado, principalmente, quando se deseja investigar processos calcados no binômio cognição/criação ligados à produção do conhecimento.

Os pesquisadores que se propunham a trabalhar com este método se inspiraram nos conceitos de autopoiese (Humberto Maturana & Francisco Varela) ou enação (Francisco Varela apud Passos, Kastrup e Escossia: 2009), cujo ponto de partida é a ideia de que o mundo não está pronto; está em constante devir a partir da conexão entre tudo o que existe, o que faz com que tanto sujeito e objeto (mundo) não estejam prontos para serem reconhecidos, identificados e classificados, mas que estão em constante processo de constituição durante os processos de interação,

de acordo com tal perspectiva os pólos da relação cognoscente (sujeito e objeto) são efeitos, e não condição da atividade cognitiva. Com o alargamento do conceito de cognição e sua inseparabilidade da ideia de criação, a produção de conhecimento não encontra fundamentos num sujeito cognitivo prévio nem num suposto mundo dado, mas configura, de maneira pragmática e recíproca, o si e o domínio cognitivo. Destituída de

fundamentos invariantes, a prática cognitiva engendra concretamente subjetividades e mundos.(Passos, Kastrup e Escossia, 2009. p.13)

Com esta abordagem, verifica-se que uma pesquisa cartográfica não re-apresenta o mundo, mas sim segue as pistas do que pode “ vir a ser no mundo”.

A cartografia é a reversão de um método que vai muito além de uma geografia estática da realidade passada. Ela se define sempre no presente, “como uma cartografia de guerra”, como percepção de movimentos e ritmos em um determinado território.Não é um método aplicável, embora possamos encontrar pistas para praticá-la:*visto que não existem regras gerais, podemos dizer que temos sempre cartografias praticadas, com procedimentos a serem construídos caso a caso*(KASTRUP, 2009 p.79). A cartografia se faz no presente acompanhando a *processualidade dos processos*(p.58) de subjetivação que só podem ocorrer na vivência. A processualidade segundo Kastrup (2009) é o *coração da cartografia*, é o começar pelo meio, acompanhando algo que já estava em curso, não separando a pesquisa em etapas – coletas, análise e discussão de dados. É seguir o passo a passo do movimento contínuo, produzindo conhecimento durante o processo e não apenas analisando. Para Kastrup (2009) a pocessualidade faz parte do presente em todos os momentos, na coleta, na análise, na discussão dos dados e também na escrita dos textos. Existem trocas entre cartógrafo e quem – ou o que – está sendo cartografado, idas e vindas, aproximação e afastamento, revelando o que não está oculto, mas que não é visível.

A cartografia é algo rizomático, aberto (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p.32), é preciso que tenha múltiplas entradas e saídas, que não haja começo nem fim, apenas o meio.

São múltiplas as entradas de uma cartografia. A realidade cartografada se apresenta como um mapa móvel, tudo aquilo que tem aparência de mesmo não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder que pode ter a pretensão de ser o centro de rizoma. Entretanto o rizoma não tem centro. (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2010, p. 10)

A cartografia não opõe a teoria à prática, porque conhecer não é somente representar ou processar informações acerca de um mundo supostamente já construído. Ela pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com a sua produção. É preciso considerar que o trabalho da cartografia não pode ser como um sobrevoos conceitual sobre a realidade investigada.

A maioria dos manuais indica a necessidade de penetrar no campo da pesquisa sabendo de antemão o que se pretendeu buscar. Porém, na cartografia, iniciamos o processo de habitação com um engajamento afetivo que não deve ser confundido com passividade ou mesmo automatismo (KASTRUP, 2009). Nesse engajamento, sujeito e objeto, pesquisador e campo, teoria e prática, são inseparáveis, formando juntos a composição do campo problemático.

O cartógrafo tem, no início, uma tendência receptiva alta, justamente para marcar esse caráter aventureiro e muitas vezes confuso do início de nossas habitações territoriais. Segundo Alvarez (2009), a confusão de ordem intelectual é acompanhada por *uma atração afetiva, uma espécie de abertura, uma receptividade aos acontecimentos a nossa volta, que nos abre ao encontro do que não procuramos ou não sabemos bem o que é.* (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 137).

Uma cartografianão parte de um pressuposto inicial, porque essa atitude evita que o pesquisador encontre apenas aquilo que já era de seu conhecimento, ou que não enxergue nada além dos seus conceitos e ideias fixas.

A cartografia dissolve posições estanques, geralmente associadas ao trabalho da pesquisa, entre aquele que conhece e aquele que é conhecido, engajando-se, cultivando ou construindo um território existencial. É preciso habitá-lo para acessar o plano de forças, onde a análise é feita sem distanciamento. Nesse sentido, os atos do cartógrafo fazem parte do coletivo de forças, participando e intervindo nas mudanças, construindo seu conhecimento “com o campo”, e não sobre o campo pesquisado. Estar ao lado sem medo de perder tempo, se permitindo encontrar o que não procurava ou mesmo ser encontrado pelo conhecimento, (ALVAREZ;PASSOS, 2009).

O grupo de cartógrafos acima citados, além de se apoiarem em Maturana e Varela, também ancoraram seu campo conceitual no filósofo francês Gilles Deleuze. Deleuze trabalha com uma filosofia da imanência, voltada para acontecimento e a multiplicidade, rompendo com os conceitos de sujeito e de identidade. Ele se propõe a lidar com a criação de conceitos, produção de acontecimentos e de subjetividade. Juntamente com Felix Guattari, atrela a ideia de

subjetividade as formas de ser, pensar, agir e sentir que fazem parte de um constante processo de individuação que ocorre durante as experiências que vivenciamos no campo de imanência, ou campo da vida, (ALVAREZ; PASSOS, 2009).

2.1.1 Cartografia: mapas, territórios, rizomas e a força do caos

O conceito de cartografia proposto por Deleuze (2005), que o filósofo aplica em sua leitura de Foucault, refere-se ao traçado de mapas dos processos que configuram territórios existenciais. Mapear processos significa referir-se a algo que ainda está em curso, que está acontecendo no momento da pesquisa, ou seja: ao tempo presente. Toda cartografia compartilha um *território existencial* em que sujeito e objeto da pesquisa se relacionam e codeterminam. (KASTRUP, 2010). A cartografia como o estudo das projeções simbólicas, se refere a um mapa que é sempre

aberto, é conectável em todas as suas direções, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construído como uma ação política ou como uma meditação. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22).

Um mapa, para ser prático e desempenhar bem suas funções, não pode ser idêntico a realidade. Ele deve ter uma distorção, assim como um filme distorce a realidade, destacando apenas alguns fatos para ilustrar a história de uma década, para caber em duas horas de filme. A distorção neste caso, não significa distorção da verdade, e sim escolhas. Os mapas sempre envolvem uma decisão sobre os detalhes mais significativos e suas características mais relevantes devem ser determinadas de acordo com o fenômeno ou “território” a ser estudado.

O “território”, segundo Deleuze e Guattari (apud KASTRUP, 2010 p.133), é uma assinatura expressiva que faz emergir ritmos como qualidades próprias. *Há territórios quando há expressividade, quando os componentes o meio passam a ser dimensionais e não mais direcionais, quando se tornam expressivos e não mais*

direccionais (KASTRUP, 2010 p.133). A qualidade de ser expressivo não pertence a um sujeito, a uma identidade: a expressividade é uma qualidade do território.

O território existencial vai além da geografia, além de uma relação espacial. Ele não poderia existir sem o grupo, sociedade, indivíduos, instituições e as relações que os constituem e que são constituídas por eles, produzindo devires. Para Deleuze e Guattari (1997), um território é constituído por marcas e expressivas. Uma língua, um hino ou uma bandeira fazem parte do território expressivo de um país. Até os animais marcam seus territórios através de matérias de expressão, como o canto dos pássaros ou o cheiro da urina do gato.

Os casos mais simples de ritornelos de delimitação de Territórios existenciais podem ser encontrados na etologia de numerosas espécies de pássaros cujas seqüência específicas de canto servem para a sedução de seu parceiro sexual, para o afastamento de intrusos, o aviso da chegada de predadores [...] Trata-se a cada vez, de definir um espaço funcional bem definido. Nas sociedades arcaicas, é a partir de ritmos, de cantos, de dança, mascaradas, de marcas no corpo, no solo, por ocasião de rituais, através de referências míticas que são circunscrita em outros tipos de territórios existenciais coletivos. (Guattari, 1992 p.27)

Um canto ou uma cor se tornam expressivos quando adquirem uma constância temporal e um alcance, se constituindo enquanto uma marca territorializante. Para Deleuze & Guattari (1992), essa constância é denominada de *ritornelo*, termo musical que significa a repetição de um trecho musical, do qual os autores se apropriaram por deslizamento.

Deleuze e Guattari (1997, v.4), em *Mil platôs*, descrevem o ritornelo comparando-o a uma força imensa que sai de um estado de caos para uma forma de organização capaz de produzir um “em casa”, constituindo este “lugar” um *ethos*. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, v.4, p.102). Deleuze e Guattari (1997) apontam os três aspectos de um ritornelo. O primeiro é a criação de um centro dentro do caos. O segundo é a proteção deste centro a partir da determinação dos limites espaciais. E o terceiro é quando o círculo se abre, realizando as trocas com o caos exterior, se apropriando das forças criativas que ele é capaz de filtrar e territorializar. Eles não são sequenciais, mas acontecem simultaneamente.

Uma criança, quando tem medo do escuro, cantarola uma canção. Ela se abriga na canção, que funciona como um centro estável e calmo, no meio do caos da escuridão. É um começo de ordem que vai permitir que siga adiante. Em torno deste centro, para ampliar seu espaço de segurança, a criança vai traçar uma espécie círculo que vai delimitar um determinado espaço onde ela terá liberdade de circular. A organização deste espaço demanda uma série de componentes. São referências e marcas de todas as espécies: materiais, psíquicas e/ou expressivas.

No caso da criança que canta na escuridão, a música funciona como um tijolo sonoro formará um círculo de som que irá protegê-la, sempre que for repetida. O tijolo sonoro funciona como um ritornelo. É ele que vai manter as forças do caos no exterior e proteger a possibilidade das tarefas serem realizadas. Cada ritornelo tem seu o seu ritmo, suas paradas, seus movimentos. Podem haver variações. Ele pode ser mais rápido, mais lento, mais longo, mais curto. Mas é importante que haja um retorno constante ao ritmo original, sob o risco de tudo ser destruído e o caos se instituir novamente. Podemos citar como exemplo o ritmo de um sistema orgânico, composto por diferentes órgãos. Cada um possui uma linha, uma membrana que os rodeia individualmente, delimitando-o.

Em um terceiro momento, o círculo passa a funcionar como uma interface, e pode se abrir para realizar trocas com o caos exterior, selecionando as forças e energias que vão permitir que ele se renove, que se abra para um futuro. Como um corpo humano, onde a pele funciona como o limite de cada órgão que vai interagir com o outro e que vai permitir que ele funcione como um organismo, como um território existencial. Cada órgão de nosso corpo possui o seu tempo, o seu ritmo, que funciona em consonância com os outros e como o mundo exterior. Caso o ritmo se perca, há o risco da destruição e da morte.

Mas nem sempre a abertura para o caos exterior é destrutiva. É preciso conseguir selecionar as forças do caos capazes de acrescentar, fazer crescer, se abrir para o futuro. Neste caso, é preciso correr o risco de se perder o ritmo. É preciso saber improvisar, seguir as “linhas de errância” de onde poderá sair o novo.

Improvisar é ir ao encontro do Mundo, ou confundir-se com ele. Saímos de casa no fio de uma cançãozinha. Nas linhas motoras, gestuais, sonoras que marcam o percurso costumeiro de uma criança, enxertam-se ou se põem a

germinar “linhas de errância, com volteios, nós, velocidades, movimentos, gestos e sonoridades diferentes”. (Deleuze; Guattari. 1997,p:117)

2.1.2 Territorialização e desterritorialização

A noção de território abordada por Deleuze e Guattari está ligada a definição de ritornelo. Ele pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido. O território se constitui a partir de diversas vertentes: subjetivas, políticas, econômicas, espaciais e materiais, entre outras. O território é o produto de uma territorialização dos meios e ritmos (1997, p.105).

O território é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI; ROLNYK, 2010, p. 388).

A produção cultural é um ritornelo que ajuda a constituir um território. Ela age por contágio reconhecimento, pois funciona como uma assinatura. O raio de alcance das produções culturais vem determinar até onde se reconhece um território. Quando elas se espalham por contágio, conquistam o espaço do fora e ampliam sua área de abrangência, (Passo, 2010). Conquistar um novo território é desterritorializar-se. A desterritorialização é uma saída do território. Mas este processo requer, naturalmente, a criação de um novo território, de uma reterritorialização, como a orquídea e a vespa.

A orquídea se desterritorializa, formando uma imagem, um decalque da vespa; mas a vespa se reterritorializa, no entanto, tornando-se ela mesma uma peça no aparelho de reprodução da orquídea; mas ela reterritorializa a orquídea, transpondo o pólen. A vespa e a orquídea fazem rizoma em sua heterogeneidade. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.17).

A desterritorialização é o poder de embaralhar os códigos, subverter as regras, de transpor ou deslocar os limites, sempre de outro modo (Pelbarte, 1993), recriando algumas significações, abrindo caminho para novos processos, desenvolvendo as linhas de fuga que traçam e fazem emergir as transformações que

o compõem e o formam o processo de reterritorialização. (DELEUZE;GUATTARI, 1995, v.3).

Sempre haverá um plano das linhas duras do poder para trabalhar sobre o território, para atrapalhar as linhas de fuga, para interromper os movimentos de desterritorialização, para reestratificá-los, reconstituir formas e sujeitos em profundidade. Ao mesmo tempo, os processos de desterritorialização não param, procurando as linhas de fuga, embaralhando formas estratificadas, criando novos agenciamentos e microagenciamentos.

2.1.3 O Dispositivo

Deleuze descreve um dispositivo como uma máquina política, que pode ser pensado tanto como um conceito que abstrai de qualquer obstáculo ou atrito e que se deve destacar de qualquer uso específico para a análise crítica de práticas cotidianas de poder além de ser um território onde ocorrem processos de subjetivação e estratégias de desmontagem e resistência. (DELEUZE 2005, p.44).

Deleuze (1998) considera que Foucault é um filósofo pragmático, funcionalista e pluralista que não acredita na unidade dos universais, já que estes são variáveis, dependendo das relações que estabelecem no interior de um dispositivo. Por isso, cada universal é um processo singular, de unificação e totalização imanente. Como consequência, uma filosofia dos dispositivos repudia os universais, que não explicam nada e que devem eles próprios, serem explicados, Foucault em *a História Da Sexualidade*, descreve o dispositivo como um

conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais e filantrópicas. Em suma, o dito pelo não dito, (Foucault apud Kastrup 2010, p.244).

Em vez de falar sobre formas pré-determinadas como sujeito ou objeto, o dispositivo refere-se muito mais a campos de força e relações. É uma máquina social que articula elementos e práticas de saber e poder, produzindo subjetividade. Segundo Deleuze (2005), os dispositivos analisados por Foucault, *são máquinas de fazer ver e de fazer falar. Cada dispositivo tem seu regime de luz, maneira pela qual*

a luz cai, se esfuma, se expande, distribuindo o visível e o invisível, fazendo nascer ou desaparecer um objeto que não existe sem ela. (2005: p.46).

Todo dispositivo se define por seu teor de novidade e criatividade. Isto é: sua capacidade de se transformar, de possibilitar a ruptura de linhas que estão sob o controle das linhas duras do poder, criando novas formas.

Por toda parte misturas a serem desfeitas: as produções de subjetividade escapam aos poderes e saberes de um dispositivo para se reinvestirem nos poderes e saberes de outro dispositivo, sob outras formas ainda por nascer, (DELEUZE, 2005; p.47)

Para Deleuze (1998) todo dispositivo reúne processos, que são múltiplos e operam em devir. Ao estudar um dispositivo é importante o importante é observar não o que somos mas sim o que nos tornamos, destacando também aquilo que já não somos mais.

Em *O que é um dispositivo* Deleuze (1998) nos mostra que o dispositivo é, antes de tudo, um emaranhado de linhas ou conjunto multilinear. Estas linhas não existem para cercar nem delimitar o que quer que seja, nem o sujeito, nem língua nem outra coisa qualquer. Elas traçam processos que ocorrem sempre em desequilíbrio. Às vezes elas se aproximam, as vezes se afastam, mas passam por todos os campos do dispositivo, o que nos leva a estar no meio delas o tempo todo. Embora não se componham como causa e consequência, estabelecem uma relação de dependência, de articulação recíproca, podendo cada uma delas ser submetida a derivações. Por isso o saber, o poder e a subjetividade não podem apresentar contornos fixos. São variáveis que se mantêm em luta umas com as outras. Para separar essas linhas é necessário realizar um trabalho sobre o terreno delineado pelas linhas, criando um mapa ou diagrama, (Deleuze, 1991, p 53).

2.2 Linhas do diagrama

2.2.1 O Diagrama

Em seu livro *Foucault*, Deleuze refere-se à cartografia como o mapa ou diagrama *co-extensivo a todo campo social* (Deleuze 2006, p,44). Um diagrama não é formado por figuras ou sons, não distingue forma ou conteúdo. Não é uma representação. Ele se apresenta como um mapa e não como um decalque. Um diagrama é composto por linhas que se aproximam ou separam, que se curvam ou se partem. *O diagrama não é mais o arquivo, auditivo ou visual, é o mapa, a cartografia, co-extensiva a todo o campo social.* Para se produzir um diagrama, é preciso fazer o mapeamento ou a cartografia do conjunto das linhas que compõem um campo de experiências ou território existencial.

As linhas são de natureza bem diversa. Linhas de segmentaridade segundo as quais o rizoma é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc. Mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais o rizoma foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma. Estas linhas não param de se remeter umas às outras. Por isso, cartografar é desembaraçar as linhas. (Deleuze, 1995 p. 17 -31).

As linhas do diagrama, totalmente heterogêneas, seguem direções e traçam processos de naturezas diferentes. São apresentadas em desequilíbrio. Submetendo-se a variações constantes não possuem um contorno fixo. Elas se entrecruzam e se misturam, se sobrepõem e se separam para logo se misturarem novamente. Deleuze (2005) aponta as linhas fundamentais que vão compor um dispositivo: linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força e de subjetivação.

As duas primeiras linhas em destaque são (Deleuze 1998) as de visibilidade, de enunciação. As duas são emaranhadas, sendo bastante difícil separar uma da outra. As linhas, de visibilidade não remetem a uma luz geral que iluminaria objetos preexistentes. Elas se formam a cada dispositivo, o que faz com que nenhum seja idêntico ao outro. O visível e o não visível aparecem ou desaparecem de acordo

com a luz que é lançada sobre o dispositivo, assim como o dispositivo prisão funcionou como uma máquina óptica para ver sem ser visto. Os regimes de luz, assim como os enunciados, remetem às linhas de enunciação sobre as quais se distribuem as diferentes posições de seus elementos.

2.2.2 O que são as linhas ?

As linhas de visibilidade permitem que o dispositivo ganhe consistência e constituam aquilo que uma sociedade é capaz de ver e dizer. Por exemplo: o mau cheiro da falta de saneamento de uma favela só existe para seus moradores porque o saneamento básico existente nas cidades faz com que ele seja considerado como desagradável. A existência da rede de esgotos tornou visível (iluminou) a sujeira e, conseqüentemente tornou sensível o mau cheiro, que até então era naturalizado. A figura do louco que merece ser isolado do mundo só se tornou visível no momento em que os hospícios foram instituídos. Como aponta Foucault (2013), os delinquentes só se tornaram visíveis com o regime das prisões. Por isso, visibilidades não se confundem com os elementos visuais, gráficos ou objetos.

Deleuze ressalta que

as visibilidades não se definem simplesmente pela visão, mas são complexos de ações e de paixões, de ações e de reações, de complexos multissensoriais que vêm à luz. O que pode ser descrito visivelmente é o pensamento. (Deleuze 2005:p.68)

As visibilidades geralmente são sensíveis, produzidas por agenciamentos que englobam arquiteturas, instituições e enunciados. Deleuze destaca que elas são formas de luminosidade presentes nos dispositivos que deixam as coisas existirem em determinados tempos e espaços no momento que são colhidas pelos enunciados.

A visibilidade não se refere à luz em geral que ilumina objetos pré-existentes; é formada de linhas que formam figuras variáveis e inseparáveis deste ou daquele dispositivo. /cada dispositivo tem seu regime de luz, sua maneira em que esta cai, se esvai, se difunde ao distribuir o invisível, ao fazer nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela, (Deleuze, 1990 p.1)

Linhas de visibilidade e linhas de enunciação estão presentes em todos os dispositivos. Elas são elementos heterogêneos, pois de acordo com o diagrama contemporâneo, palavras não são coisas, de acordo com Foucault (1995).

O enunciado é a prática do discurso (FOUCAULT, 1996), que designa e produz os saberes, como a ciência, a literatura entre outros, além de produzir os sujeitos. Em todo dispositivo, o visível e o enunciável estão entrelaçados. No entanto, entre eles há uma abertura, uma disjunção e essa disjunção das formas são o lugar e o não lugar, o visível ainda não colhido pelas palavras, pronto para ser atualizado. As linhas de enunciação são as linhas de fazer falar sobre aquilo que se torna possível e justificável a respeito de determinado tema, pois o discurso possibilita a articulação entre saber e poder. *No discurso que vem a se articular poder e saber, [...] uma multiplicidade de discursos podem entrar em estratégias diferentes,* (FOUCAULT, 1977, p. 95). O enunciado para Foucault é ponto de articulação entre saber e poder ou enunciados e visibilidades e relações de força.

A linha de subjetivação é aquela que nos permite diferenciar aquilo que éramos daquilo que já não somos mais. Trata daquilo em que nos transformamos durante as relações estabelecidas com o fora. Ela opera na linha do devir, nos processos de subjetivação que se estabelecem em cada dispositivo. É ela que permite devires que se apresentam sempre de forma singular. Não se pode encontrar processos idênticos em dispositivos distintos. As linhas de subjetivação referem-se a grupos ou pessoas que escapam às forças estabelecidas como saberes instituídos. Se afastam completamente de sistemas rígidos, são consideradas linhas de fuga, (DELEUZE, 1990; FOUCAULT, 1999, 96).

Linhas de subjetivação são responsáveis pela produção das singularidades adquirem uma certa independência do poder externo, pois é o poder do indivíduo exercido sobre si mesmo, deixando de ser da ordem do visível e do enunciado (Deleuze, 1991, p. 107). Logo são linhas que intervêm em modos de existir. Elas estão ligadas a um processo de individuação que diz respeito a grupos ou pessoas que escapam tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos. No entanto consideramos que a subjetividade maquínica produzida pelas grandes corporações midiáticas não possibilitam processos de singularização autônomos, dando origem a subjetividades prêt-à-porter.

As linhas de força ou linhas de segmentaridade, vão de um ponto singular a um outro traçando tangentes, envolvendo os trajetos. Elas são aquelas que se referem a tudo que está definido como normas: *família; escola; profissão; o exército*

e todo tipo de segmentos bem determinados, em todas as espécies de direções, que nos recortam e nos limitam em todos os sentidos,(DELEUZE, 2005, p.146). Há também as linhas de segmentação mais flexíveis, moleculares, que são menos pessoais. Atravessam tanto a sociedade quanto os indivíduos. Estas linhas traçam modificações, fazem desvios e dirigem os processos. Por ela passam devires e microdevires, (DELEUZE, 2005).

2.2.3 Território nômade

Em *Império*, Negri & Hardt levantam a seguinte questão: o que a pobreza da experiência obriga o bárbaro a fazer? Sempre começar de novo, ele não vê nada permanente, mas justamente por isso vê caminhos por toda a parte. Onde outros encontram muros ou montanhas o bárbaro vê um caminho. Mas por que vê caminho em toda parte ele sempre se coloca em encruzilhadas. Os bárbaros **por serem nômades** traçam novas trilhas de vida através da sua existência, e por não ter um lugar para ir estão em toda parte. Negri & Hardt falam da invenção criativa do “não lugar” dão exemplos de como as *drag queens* se transformam e fazem do seu corpo num pós-humano, referindo-se as pessoas que escapam das coações locais e particulares da condição humana e reconstróem seu corpo, são barbáries consideradas como positivas por Walter Benjamin(apud NEGRI; HARDT, 2012) os bárbaros operam nas relações corporais e sexuais e de gênero e entre eles as normas convencionais de relações estão cada vez mais abertas a desafios e transformações. Criando um êxodo antropológico importante porque é onde a face positiva, construtiva, da mutação começa a aparecer, onde corpos se transformam e sofrem mutações para virarem corpos pos-humanos. A invenção concreta de um primeiro novo lugar no não-lugar. Essa evolução criativa não ocupa simplesmente um lugar existente, mas inventa um novo lugar; é um desejo que cria um novo corpo. A ideia de que devemos modificar nossos corpos e nós mesmos, vem da vontade de ser contra, essa vontade precisa de um corpo que seja incapaz de submeter-se a um comando. Ela precisa de um corpo que seja incapaz de adaptar-se à vida familiar, a disciplina da fábrica, às normas de uma vida normal em

todos os aspectos. O fato de ser totalmente incapaz de submeter-se a uma vida normal é um talento capaz de criar uma nova vida, (NEGRI & HARDT, 2012). A definição desse novo lugar do não-lugar vai muito além das misturas e hibridismos, e das experiências feitas em torno deles. Uma metamorfose antropológica de corpos, que é estabelecidas pela experiência comum de trabalho e pelas novas tecnologias que tem efeitos constitutivos e implicações ontológicas. Ferramentas sempre funcionaram como próteses humanas, integradas em nossos corpos por práticas de trabalho como uma espécie de mutação individual ou coletiva. A forma contemporânea e a nova vida bárbara exigem que ferramentas se tornem próteses criativas, libertando-nos das condições da humanidade moderna, (NEGRI & HARDT, 2012).

Quando o lugar separado de valor de uso desaparece do terreno imperial as novas formas de trabalho encarregam-se da tarefa de produzir novamente o humano (pós humano) essa tarefa será cumprida principalmente pelas formas novas e imateriais de poder de trabalho afetivo e intelectual, na comunidade que constituem na artificialidade que representam como projeto com isso o pensamento crítico desconstrutivo perdeu sua eficácia. A tarefa agora é construir um lugar no não-lugar, construir novas determinações.(NEGRI; HARDT, 2012)

2.2.4 O trabalho imaterial

O trabalho imaterial assim como o conceito de “intelectualidade de massa” define, não somente uma nova qualidade do trabalho e do prazer, mas também novos processos de subjetivação e de construção do poder refletindo um sentido *biopolítico*, na política moderna.

Antonio Negri e Michael Hardt (2005) definem o trabalho imaterial de duas formas: como produção de signos e como produção de afetos. A primeira refere-se ao trabalho intelectual ou lingüístico, como a solução de problemas, a realização das tarefas simbólicas expressivas (propaganda, literatura, jornalismo, produção de vídeos etc) e analíticas. Esse tipo de trabalho produz um bem imaterial como ideias, símbolos, códigos, textos, e imagens. A segunda face é o trabalho afetivo, que se

refere ao contato e a interação presencial. É o trabalho realizado pelos vendedores, donas de casa, médicos, professores e qualquer prestador de serviços

A existência e o predomínio do trabalho imaterial não significam o fim do trabalho material, mas sim uma mudança no valor laboral. Na época do fordismo, o valor estava no próprio objeto, e o valor do trabalho era contato pelo tempo trabalhado. Na época do trabalho imaterial, o valor está na informação (produto imaterial) que se acrescenta ao produto físico que sai da fábrica. Ela que vai acrescentar o “mais valor” ao que será apresentado ao consumidor. Assim a produção baseada no valor de troca e na mais valia que se cria a partir do tempo trabalhado é trocada pelo mais valor da informação.

No trabalho imaterial a exploração já não é primordialmente a expropriação do valor medida pelo tempo de trabalho individual ou coletivo, e sim a captura do valor que é produzido pelo trabalho cooperativo e que se torna cada vez mais comum através de sua circulação nas redes sociais” (HARDT, NEGRI, 2005, p. 156)

Quando a produção tem por objetivo resolver um problema ou criar uma ideia ou uma relação o tempo de trabalho tende a se expandir para o tempo de vida da hora de dormir à hora do lazer, porque uma ideia ou uma imagem vem, não somente no horário o expediente,mas pode ocorrer no chuveiro ou nos sonhos, (NEGRI; HARDT: 2005; 2012).

Ao contrário das emoções que são fenômenos mentais, os afetos referem-se ao corpo e ao sentimento. O trabalho afetivo é o que produz ou manipula afetos que criam um sentimento de conforto, de cuidado, de bem-estar, satisfação e/ou excitação. Essa manipulação afetiva está, geralmente, associada ao contato humano, que pode ser presencial ou virtual como ocorre na indústria do entretenimento. Isto pode ser verificado em qualquer processo de comunicação. Isto porque existe sempre um componente afetivo entre partes que se comunicam.

É comum dizer que os jornalistas e os meios de comunicação em geral não só transmitem informação como também *tornam as notícias atraentes, excitantes desejáveis*(HARDT; NEGRI, 2005, p.150); a mídia cria afetos e formas de vida.

Todas as formas de comunicação combinam a produção de símbolos, linguagem e informação com a produção de afetos (Negri; Hardt 2005). Ao observarmos inúmeras chamadas (apresentação das principais notícias ou manchetes de jornal) percebemos que são feitas antes da exibição do programa: na abertura, mais uma vez nas manchetes e no início de cada bloco a repetição das mesmas frases e imagens, agora conduzindo finalmente o expectador ao que foi anunciado. Não apenas capturando a atenção, mas também criando desejos.

Para Negri (2008,p.38), Foucault e Deleuze, recuperam três épocas da constituição da política moderna para os fins do trabalho e em cada uma delas mostram um determinado tipo de relação de poder. Na política clássica, segundo Negri (2008), o poder é entendido como domínio; na modernidade ele surge como representação política e técnicas disciplinares e por último como política comunicacional. Neste caso, vemos dois seguimentos: aquele que luta pelo controle da comunicação por poucos que transmitem para muitos, que está sob o domínio das grandes empresas e o que batalha pela libertação do sujeito da comunicação, típico dos movimentos alternativos que procuram se reapropriar da máquina comunicacional. Atualmente, é no interior dessas máquinas que todos os processos podem ser conceituados e ativados. Incluindo os processos laborais

Em *Império*, Negri e Hardt (2001) mostram uma das principais consequências do trabalho imaterial: a homogeneização real dos processos laborais a partir da ferramenta universal que é o computador.

Da perspectiva de Marx no século XIX, as práticas concretas de diversas atividades laborais eram radicalmente heterogêneas: as artes da costura e da tecelagem envolviam ações concretas incomensuráveis. Só quando abstraídas de suas práticas atividades laborais diferentes poderiam ser reunidas e vistas de maneira homogênea não mais como arte da costura e arte da tecelagem, mas como o gasto da força humana de trabalho, como trabalho abstrato, entretanto, com a informatização da produção, a heterogeneidade do trabalho concreto tende a ser reduzida e o trabalhador cada vez mais afastado do objeto de seu trabalho. (Negri; Hardt, 2012, p.313)

De modo geral, o trabalho imaterial tende a transformar a informação, a comunicação e a cooperação em normas da produção, fazendo com que a rede seja sua forma dominante de organização. Os sistemas técnicos de produção no trabalho

imaterial correspondem a uma nova composição social onde encontramos, de um lado, as redes tecnológicas, de outro, a cooperação dos sujeitos que trabalham.

Para Negri (2005), as formas de cooperação emergem das energias produtivas, e que nascem no fazer. A produção constante de conhecimento, informações e afetos transforma os produtos em bens sociais comuns, em contraste com a produção de carros ou máquinas. Negri e Hardt (2005) referem-se à nova forma hegemônica de trabalho como “*trabalho biopolítico*”, trabalho que cria não apenas bens materiais mas também relações e, em última análise, a própria vida social. redefinindo relações de produção e práticas sociais.

A passagem da produção informacional para a estrutura de rede faz com que a cooperação e eficiência produtiva deixem de ser dependentes da proximidade física espacial. As tecnologias da informação tendem a tornar a distância menos relevante. Pessoas envolvidos no processo podem se comunicar e cooperar em pontos remotos. *A rede de cooperação no trabalho não requer território nem centro físico*, (NEGRI; HARDT, 2012)

A tendência à desterritorialização é ainda mais pronunciada nos processos de trabalho imaterial, que envolvem o manuseio de conhecimento e informação. O trabalho de produção informacional (tanto de serviços como bens duráveis) confere um papel ainda mais central à troca de conhecimentos e comunicação. Nestas condições, os trabalhadores podem até ficar em casa e acessarem a rede e a cooperação pode ser denominada de “cooperação de abstrata” consolidado na rede e na mercadoria. Com isso, locais de produção tendem a ser desterritorializados e com existência virtual. Se tornam coordenadas na rede de comunicação. Baseado em sistema de cooperação por trocas de conhecimento e informações entre pessoas que cooperam e não precisam estar presentes num lugar e podem ser relativamente conhecidos pela troca de informações produtivas. O circuito de cooperação, como já mencionamos, é consolidado na rede e na mercadoria num nível abstrato, lugares de produção podem ser desterritorializados, e tendem a existência virtual, como coordenadas da rede de comunicação. O ciclo de trabalho imaterial é constituído por uma força social e autônoma, capaz de

organizar o próprio trabalho e as relações com a empresa. Em oposição ao velho modelo vertical industrial e social, a produção tende, agora, a ser organizada em redes horizontais que não podem ser determinada por nenhuma organização científica do trabalho. Pode-se citar como exemplo a criação de um *software open source* realizada por programadores conectados em rede. Este tipo de organização laboral torna cada vez mais indefinida a divisão entre horário de trabalho e tempo de lazer. Podemos tomar como exemplo o trabalho e as práticas de um *hacker*. O trabalho que ele faz, envolve mais a paixão do que o dever; uma paixão intelectual alimentada por uma determinada atividade e por uma referência de uma coletividade de iguais que se comunicam em rede. O *hacker* recusa a ideia de obediência, de sacrifício e de dever que sempre foram associadas a ética individualista. Ele substitui essa ética, por um novo valor que o trabalho assume. Essa maneira de pensar une fundamentalmente e de forma indissociável o prazer intelectual, a força pragmática e o esforço no envolvimento social que isso produz.

A mente *hacker* se desenvolve dentro desse ambiente de cooperação, criando uma maneira de conhecer onde paixão, imaginação e intelecto estão juntos. Essa atividade cria uma nova forma de razão, deixando de ser abstrata que tivera a função revolucionária que todos nós pudemos apreciar não só na história mas em períodos da nossa própria vida mas algo que conecte imediatamente o saber a prática a imaginação, o social e a cooperação. Neste caso, não se trata simplesmente de aprender a usar a máquina, mas de, através dela, disseminar essa nova construção social:

A interdependência nessas relações é absolutamente fundamental. Não há produção de novo conhecimento que não seja conectado, que não nasça junto. É este processo que cria a consistência do trabalho-

Esse modo de trabalhar se torna cada vez mais necessário para viver e para produzir, ou seja: singularidade e cooperação tornam-se fundamentais na construção de quaisquer bens ou mercadorias de qualquer produto que seja.

Assim a produção baseada no valor de troca perde a forma de miséria e do antagonismo e por tanto a redução do tempo de trabalho. Essa redução correspondeu a formação principalmente no âmbito do desenvolvimento artístico e

científico, dos indivíduos graças ao seu tempo livre e aos meios criados por eles, (NEGRI, 2001).

Quando o trabalho material deixou de ser a grande fonte de riqueza, assim como o tempo de trabalho passou a não ser uma medida, a mais-valia deixou de ser a condição do desenvolvimento da riqueza geral.

2.2.5 A subjetividade como produção

Com o trabalho imaterial, a questão da subjetividade se desliga do capital e se torna independente em relação ao tempo de trabalho. Por isso, teorias clássicas se tornam incapazes de dar conta da criatividade do trabalho imaterial. Isso porque ela está baseada na capacidade produtiva, individual e coletiva que se manifesta como capacidade de fruição. Por isso, enquanto base fundamental da produção contemporânea, o trabalho imaterial deve considerar como seu produto primordial a subjetividade. (NEGRI, 2001)

A dimensão das análises do trabalho encontradas na obra de Foucault (Apud Negri, 2001) aparecem diferentes das encontradas em Marx. A descoberta Foucaultiana da “relação para si” desenvolvidas nas relações dos anos 1970 foi interpretada por Negri (2001 p.35) como uma indicativa da constituição da “intelectualidade de massa” não necessita passar pela organização do trabalho para impor sua força.

O conceito de força de trabalho que ao nível do *general intellect*, torna-se “indeterminação capaz de cada determinação”, assim definido como processo de produção de subjetividade. Vê a subjetividade, como elemento de indeterminação absoluta. Podendo também ser definida como um elemento de potencialidade. Não é mais necessária a intervenção de um empreendedor capitalista tornando-o cada vez mais externo ao processo de produção da subjetividade.

O processo que se constitui “fora” da relação capital, no cerne dos processos constitutivos da intelectualidade de massa, isto é na subjetivação do trabalho. O que interessa a Negri (2005) no estudo das sociedades pós-industriais, não são as

contradições entre trabalhadores e patrões. São os processos autônomos de constituição de subjetividade alternativa, de organização alternativa dos trabalhadores, é o que nasce do fazer, algo inesperado que surgiu.

Todas as características da economia pós-industrial são acentuadas na forma de produção “imaterial”. A produção audiovisual, a publicidade, a moda, a produção de software, a gestão do território etc. São definidas através da relação particular que a produção mantém com o seu mercado e seus consumidores, é o trabalho imaterial que inova continuamente as formas e as condições da comunicação e, portanto, do trabalho e do consumo). O trabalho imaterial produz acima de tudo uma relação social por isso a “matéria prima” do trabalho imaterial é a subjetividade.

O trabalho imaterial se constitui em forma imediatamente coletivas e não existe senão sob a forma de rede e de fluxo. “o valor de uso” dessa atividade não tolhe a autonomia e a independência dessa constituição e do seu sentido. Os produtos ideológicos tornam-se uma mercadoria e produzem novas estratificações da realidade novos modos de ver e de sentir que pedem novas tecnologias. Logo os produtos são internos aos processos de formação da comunicação social. A televisão, por exemplo, tornou-se uma máquina de comunicação que funcionou como um dispositivo de “subjetivação” das pequenas e médias empresas, pós-fordistas, *funcionou como motor do mercado, foi um dispositivo de mutação antropológica*, (NEGRI, 2001, p.67). É uma máquina que legitima alguns e exclui outros.

A máquina comunicativa não tem produtos prioritários, nem a ideologia nem a propaganda. Ela é somente uma máquina que faz fluir os fluxos, através dos quais os códigos de mercado podem dar nova força ao estado. Nessa máquina a comunicação e o poder político se articulam através da incrível capacidade de fluxos comunicativos, que tem desterritorializado e atravessado dimensões sociais e imateriais do capitalismo. Algo que representa uma *integração da máquina comunicativa aos aparatos do estado e uma experimentação de técnicas de controle que resultarão numa nova forma de estado* (NEGRI, 2001, p.69).

2.2.6 Comunicação e produção de subjetividade

Hoje a política comunicacional se manifesta como potência autônoma e constitutiva dos sujeitos, Negri acredita que a revolta contra o controle e a reapropriação da máquina da comunicação são operações necessárias, mas não são suficientes; se a revolta e a reapropriação não se reencarnam em um processo de libertação da subjetividade que se forma no interior das máquinas de comunicação elas não farão mais que repropor sobre novas vestes a velha forma do estado.

Aqueles que só são capazes de pensar em termos de modelos tradicionais podem presumir que comunicação coletiva não tem qualquer forma de organização – o que eles querem enxergar é apenas espontaneidade e anarquia.

A comunicação coletiva, só pode existir a partir do avanço com técnicas próprias de disseminação e solução de problemas sem um controle centralizado ou estabelecimento de um modelo global. Os comportamentos animais coletivos, sociais e comuns permitem uma abordagem inicial dessa idéia, eles foram usados por alguns pesquisadores para investigar sistemas de inteligência disseminados com multiplicidade de agenciamentos. Por exemplo, os cupins tropicais que constroem magníficas estruturas em abóboda, comunicando-se entre eles ...embora nenhum cupim tenha individualmente a inteligência elevada o enxame de cupins forma um sistema de inteligência elevada, um sistema inteligente sem controle central. É um sistema de inteligência que baseia-se na comunicação Negri e Hadt (2005).

Segundo Negri; Hadt (2005),o entendimento do comportamento dos enxames ajuda a montar algoritmos para solução de problemas em informática. O modelo de enxame ajuda a processar informações mais depressa do que o modelo tradicional de processamento centralizado. Embora não seja um modelo considerado criativo pois o modelo de todos os enxames é o mesmo.

Já os modelos encontrados nas formações políticas em rede são compostos por diferentes agentes criativos que adicionam várias camadas de complexidade aos modelos, eles são membros da multidão que não precisam tornar-se o mesmo ou abdicar de sua criatividade para se comunicar e cooperar entre si. Mantendo suas

diferenças em inúmeros termos, mas entendendo que a inteligência coletiva pode surgir da comunicação e da cooperação dentro de uma multiplicidade tão variada. O capital quer transformar a multidão em unidade orgânica, assim como o estado tenta transformá-lo num povo, mas a multidão tende a mobilizar o que compartilha e o que se produz em comum, contra o poder imperial do capital global, (Negri & Hadt 2005).

2.2.7 A subjetividade maquínica

Para Guattari (1996), a subjetividade não é uma essência imutável, ou um espaço vazio no “interior da mente” que vai ser preenchido ao longo da existência, não se confunde com o sujeito, não é individual, ela é constituída de múltiplos vetores, vários componentes heterogêneos. As subjetividades são exteriores, produzidas por agenciamentos heterogêneos como discursos, tecnologias, instituições, relações, etc. Através da mídia de massa, por exemplo, se produz em grande escala um novo tipo de subjetividade. . Por isso não é possível falar em subjetividade generalizada. Ela é sempre, produzida por instâncias não apenas individuais, coletivas e institucionais, (Guattari,1992). Os meios de comunicação de massa estão entre essas instancias. Segundo Guattari *a subjetividade parte da ideia de uma natureza industrial, maquínica,essencialmente fabricada, modelada e recebida* (1996, p.33).

A subjetividade é produzida por agenciamentos de enunciação. Por processos descentrados que implicam o funcionamento de máquinas de expressão – como a língua, os sistemas maquínicos, tecnológicos e de mídia, além dos sistemas de representação, que ele classifica como de natureza *infra-humana, infrapsíquica e infrapessoal* – são eles os sistemas de percepção, de imagem e de valor, de memorização e produção de ideias, entre outros.

As máquinas de produção de subjetividade são as mesmas que modelam a cultura, criando projeções de personalidades desejadas. Elas injetam representações de modos de ser nas pessoas como,por exemplo, o que é ser mãe ou que é ser criança. Crianças que crescem na frente da televisão absorvendo

imagem, palavras e significados terão toda sua subjetividade modelizada por esse aparelho. Para Rolnik a subjetividade:

É essencialmente social. É assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo como os indivíduos vivem essa subjetividade oscila entre dois extremos: uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo submete a mesma tal como a recebe ou uma relação de expressão e de criação na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização, (ROLNIK, GATTARI, 1996, p.42).

Adentrando no campo da economia subjetiva, Guattari (1996) afirma que a *subjetividade é manufaturada*, por múltiplos componentes. Alguns são inconscientes, outros são do domínio do corpo, ou do domínio da produção do poder. Isto o leva a acreditar que a subjetividade individual resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies: sociais, econômicas, de mídia, entre outras.

A partir da observação dos modos territorializados da subjetividade, poderemos compreender como se desenvolveram não só as teorias psicológicas referentes, como também uma reescrita permanente dos sistemas de modelização, que estão sempre, de certo modo relacionados aos sistemas de modelização do psiquismo. Para Guattari (1996), todo processo de transformação passa pela singularização, logo, a produção de subjetividade não pode funcionar apenas no registro da ideologia, mas no coração dos indivíduos (GUATTARI, 1996).

As representações teóricas e ideológicas de uma práxis social são inseparáveis de suas condições de produção. Elas incluem os recuos, as reapreciações e as organizações das referências que forem necessárias. Isto significa dizer que tudo que é produzido pela subjetivação capitalística, não é apenas uma questão de ideias ou significações por meio de enunciados. Elas são fruto da conexão das máquinas de controle social e das instâncias psíquicas individuais e coletivas que definem as formas de perceber o mundo e que funcionam como mecanismos de controle. (GUATTARI, 1996).

Para Rolnick (1996), relações econômicas e produção de subjetividade não se contrapõem. Todas são produzidas pelas máquinas que permeiam o campo social. E não são apenas as máquinas técnicas ou as mídias. Há tudo que se passou antes, *“na escola primária, na vida doméstica, toda uma espécie de*

aprendizado que consiste em ele deslocar-se na cidade desde a infância, ver televisão, em suma, estar em todo um ambiente maquínico".(GUATTARI, 2005 P. 35). O mesmo ambiente maquínico é necessário para formar um advogado, um ator, etc.

A ideologia não nos permite compreender a produção da subjetividade, porque ela permanece na esfera da representação e da modelização, que diz respeito aos comportamentos, à sensibilidade, à percepção, à memória, a relações sociais, sexuais e etc, (idem). Curiosamente os trabalhadores sociais (jornalistas, psicólogos, educadores), ou seja, pessoas que desenvolvem qualquer tipo de trabalho imaterial seja ele pedagógico, culturais ou afetivo, que atuam na produção de subjetividade acabam reforçando o sistema de modelização que não permite saídas para o processo de singularização, mesmo de forma inconsciente, deixando claro que não existe neutralidade na relação social, e que na verdade essas relações servem para legitimar e justificar a existência dessas profissões especializadas, dos equipamentos segregativos e da própria marginalização de alguns setores da população, "*pessoas que se consideram canais de emissão de um saber, seja qual for sua inocência apenas reforçam o sistema de produção da subjetividade dominante,* (GATTARI, 1996 p.38). Contra os sistemas de modelização, Guattari (1996), projeta novos modos de subjetivação que devem ser construídos passo a passo. Permitindo o desenhar de um novo campo de subjetivação, que intervenha tanto no interior como nas relações exteriores. Abandonando completamente a noção da ideologia dominante, revelando singularidades desejanter.

3 O DISPOSITIVO LABORAV

3.1 A Gênese do Laborav

O Laboratório de recursos audiovisual (LABORAV) foi desenvolvido a partir da pesquisa de Pós-Doutor Junior financiada pela Faperj *Imagens sensoriais digitais e suas narrativas: a produção de material didático audiovisual para jovens da periferias no século XXI* pela professora Alita Villas Boas de Sá Rego, que começou em agosto de 2007, cujos objetivos eram

Conciliar imagens e conteúdos de programas audiovisuais para serem utilizados em sala de aula e veiculados pela IPTV da FEBF (Faculdade de Educação da Baixada Fluminense – UERJ), que fossem capazes de atrair a atenção do público jovem que mora na Baixada Fluminense. Foi pensado para funcionar com um objetivo prático, tendo em vista a produção audiovisual e de produtos multimídia com as marcas territoriais da Baixada Fluminense, um material produzido pelos alunos, (SÁREGO, 2010, p.).

Este material, produzido juntamente com as pesquisas teóricas, seria um ponto de partida para elaborar critérios de criação e avaliação do material produzido pelos futuros professores e também seriam utilizados em sala de aula e veiculados ao vivo e disponibilizados pela IPTV *Kaxinawa*. O laboratório também tinha como meta investigar a interface entre comunicação e educação, através da produção audiovisual, voltada para veiculação na televisão e no vídeo. Buscavam-se a ideia era que, livres da obrigatoriedade curricular dos cursos de comunicação - basicamente o de jornalismo, com suas fórmulas de produção de fatos e verdades - e por não partir de uma disciplina obrigatória da pedagogia, que está sempre amarrada às metodologias tradicionais de ensino, os futuros professores fossem capazes de descobrir formas autônomas de criação.

Outro objetivo do Laborav, na época de sua criação, era fornecer condições para a crítica aos meios de comunicação, com destaque para o audiovisual, através da prática de criação, produção e transmissão televisiva (da ideia ao produto final). Esperava-se que o aluno fosse capaz de desvendar os passos produtivos, tornando-se capaz de perceber as especificidades do meio audiovisual, adequando forma e

conteúdo. Nessa perspectiva, os exercícios realizados durante as práticas também visavam oferecer uma competência a mais para os futuros docentes, que aprenderiam a criar o seu próprio material audiovisual.

De acordo com a criadora e coordenadora do projeto,

Imaginava-se que, dando visibilidade às suas produções, os nossos alunos que participavam do projeto ampliariam seus horizontes e deixariam de vivenciar a faculdade como um “não lugar” isolado do mundo, como se fosse um espaço de arquivo e transmissão do conhecimento já produzido, resolvendo apenas problemas já existentes. Quando criei o projeto, acreditava que quando eles fossem para a rua realizar seus documentários, ou criando programas de ficção, *talk shows* ou novelas, os alunos vivenciariam problemas que não são apenas acadêmicos, como reconhecer a existência de questões legais de direitos de autor e de imagem, lidar com autoridades, pedir autorizações, cuidar de transporte, alimentação e bem estar de uma equipe de gravação, assumir responsabilidades sobre os equipamentos utilizados, conhecer novos lugares etc., sendo que cada uma dessas práticas se desdobram em várias outras. Eu acredito que, através das atividades audiovisuais fora dos muros da escola e do conhecimento das tecnologias de informação e comunicação, os jovens formados na FEBF estariam totalmente inseridos no mundo do trabalho imaterial, que dá mais valor a produção, distribuição e controle de informações, conhecimentos e afetos, produzindo de forma colaborativa e se tornando autossustentáveis. (REGO, Sá A. Entrevista concedida a Renata Fagundes. Duque de Caxias, 15 de nov. 2013).

Desde o início, o LABORAV foi desenvolvido para ser um espaço de invenções técnicas, modos e processos audiovisuais em consonância com as práticas educacionais e comunicacionais. Atualmente (2014), o Laboratório de Recursos Audiovisuais da FEBF, ampliou seus objetivos, e funciona como uma central de produção independente, além de focar suas pesquisas em novas práticas cognitivas capazes de funcionar como uma linha de fuga aos currículos tradicionais de formação de professores.

Para realizar suas atividades, o Laborav conta com quatro ilhas de edição IMAC com o software *Final cut* todos os programas necessários para edição e finalização de vídeo, uma câmera Sony HXR-NX70N e todos os equipamentos periféricos (tripé, refletores, microfones, etc) para gravações em externa e estúdio. Aqui são produzidos vídeos no formato de programas para TV e documentários realizados pela equipe do Laborav, alunos da graduação em pedagogia e das licenciaturas em Geografia e Matemática, orientados do mestrado da prof. Alita e alguns moradores do bairro Vila São Luís que atuam como voluntários. Alguns vídeos são realizados sob demanda de professores, que desejam registrar suas

atividades intra e extra muros da unidade. Todos podem atuar como produtores, atores, operadores de câmera, além de outras funções que vão surgindo ao longo de cada projeto.

A equipe é formada por seis bolsistas, dois de iniciação à docência, dois de estágio interno complementar e dois de extensão, cuja função é pesquisar sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação, gravar e editar seus próprios projetos e atuarem como monitores ou técnicos para a produção dos vídeos realizados no Laborav. Algumas atividades paralelas, como fazer exposições de filmes e realizar oficinas de capacitação também fazem parte de suas atribuições. Este é um dos poucos projetos que não exigem do aluno uma prova para torná-lo bolsista. Basta o desejo e a disponibilidade de tempo para se dedicar à produção, à pesquisa de imagens e a ação de multiplicador

Para produzir um vídeo no Laborav, qualquer bolsista, aluno ou professor deve apresentar um projeto por escrito, fruto de alguma pesquisa. Os projetos são discutidos em uma reunião semanal e aprovados ou não pelo grupo de bolsistas e voluntários de acordo com os critérios estabelecidos, como por exemplo: se o local da gravação tem fácil acesso, se é viável levar uma equipe ao local, se existe segurança para equipe e equipamentos, se existe tempo viável para execução (principalmente no caso de fazer parte da disciplina). Todos esses critérios foram determinados a partir da prática, da mesma forma que o conhecimento sobre as tecnologias de informação e comunicação. Todo conhecimento é adquirido através da prática, da exploração e do uso direto de equipamentos que ficam à disposição no laboratório, e do acesso aos tutoriais disponíveis na Internet que complementam as oficinas de capacitação. As decisões são sempre coletivas e conciliadas. O modo de trabalho colaborativo adotado está ligado ao projeto criado a partir de uma ideia de alguém que é compartilhada com outros integrantes do grupo, que a complementam com sugestões e soluções criativas para viabilizar a produção. Geralmente, o autor da ideia torna-se o diretor do projeto. Ao mesmo tempo, ele deve assumir outras funções nas produções dos outros, como produtor, câmera ou editor. É interessante ressaltar que, em todas as produções, o recrutamento da equipe é voluntário.

Esta prioridade para as atividades prática foi adotada a partir do momento em que a professora Alita, logo que chegou na FEBF em 2007, constatou a indiferença dos alunos a respeito dos estudos teóricos sobre o audiovisual.

Eu não conhecia a realidade da Baixada Fluminense, e em meu projeto, queria seguir os passos de todos os cursos de vídeo que conhecia, que começavam com um cineclube para visualizar o que já foi feito, seguido da teoria para analisar os filmes. A prática, só depois da teoria. Mas os alunos da FEBF não tinham o hábito de ver filmes. Nunca tinha ouvido falar dos irmãos Lumière, de Mèlies, de Godard ou de Felini. Glauber Rocha, então, nem pensar. A principal fonte de lazer era a televisão e o vídeo, geralmente novelas e filmes de ação. As três primeiras sessões do cineclube tiveram a presença de apenas um aluno. Ninguém lia os textos que eu dava. Descobri que se não utilizasse outra estratégia, não conseguiria realizar minha pesquisa. Foi aí que decidi criar a primeira oficina prática.(

A primeira oficina livre, foi realizada durante o mês de fevereiro e março de 2008 :

O objetivo era estimular os alunos a criarem novos formatos televisivos para os programas que fariam parte da programação da IPTV Kaxinawá e que seriam realizados e exibidos ao longo de 2008. A função da primeira atividade prática era verificar o nível de conhecimento dos equipamentos e avaliar a capacidade técnica e a narrativa dos alunos. [SÁ REGO, A. Entrevista concedida a Renata Fagundes. Duque de Caxias, 15 de nov. 2013]

O primeiro grupo foi formado pelos alunos que já participavam da produção do programa de rádio de divulgação científica, *Quinta Dimensão*, transmitido pela rádio Kaxinawá. Eram 16 alunos, entre voluntários e bolsistas. Quando ficou constatado o interesse deles, foi criada a segunda oficina, desta vez mais elaborada, com parte teórica e prática.

A segunda atividade do LABORAV foi a realização da oficina prática intensiva, *Da ideia ao produto final*, com duração de cem horas, dividida em cinco módulos de vinte horas cada. Durante as aulas teóricas e práticas, os alunos aprendiam as etapas de realização de um roteiro de vídeo, como elaborar projetos culturais para empresas patrocinadoras, como fazer uma produção de audiovisual, técnicas de fotografia para imagens em movimento; edição e finalização. [REGO, Sá A. Entrevista concedida a Renata Fagundes. Duque de Caxias, 15 de nov. 2013.]

De acordo com a coordenadora Alita (2013), nessa época foi criada a TV FEBF, que logo depois (no segundo semestre) passou a se chamar IPTV Kaxinawá, cujo objetivo era realizar transmissões ao vivo e dos vídeos e programas realizados no Laborav,

A participação dos alunos nas oficinas permitiu que eles dominassem a linguagem narrativa e a técnica audiovisual e formassem a primeira equipe de vídeo da FEBF. Esse novo conhecimento levou a demanda por um equipamento mais profissional. Então foi comprada a primeira câmera profissional e o *Tricaster*, equipamento de corte e transmissão ao vivo. [REGO, Sá A. Entrevista concedida a Renata Fagundes. Duque de Caxias, 15 de nov. 2013.]

No Segundo semestre de 2010, foi feito um DVD reunindo alguns “demos” (vídeos de demonstração) das séries criadas pela primeira equipe do Laborav para a IPTV KAXINAWÁ. Além dos programas, o DVD continha uma entrevista com os criadores/diretores de cada um, explicando o processo de criação, que poderia ser usado como material de apoio para o ensino de produção audiovisual em sala de aula. *A ideia era consolidar as pesquisas tecnológicas realizadas na faculdade, que tratam da interface entre educação, as tecnologias de informação e comunicação* (SÁ REGO, 2013). O projeto dos DVDs com as séries não foi adiante, mas em 2013 se concretizou sob a forma de uma série de oito episódios, com cerca de 20 minutos cada, com o nome de *Canal Laborav*, que reuniu a produção do laboratório e da disciplina Multimídia e Educação de 2009 até 2012

Em sua primeira fase, de 2008 até o segundo semestre de 2011, o Laborav dividia uma pequena sala com o grupo de pesquisa de Formação de Professores e o programa *Quinta Dimensão*, cujos integrantes voluntários e bolsistas formavam a equipe do Laborav. Todas as segundas feiras o grupo se reunia para discutir a programação semanal. Raramente havia o comparecimento de todos os integrantes deste primeiro grupo. Por isso a coordenadora passou a criar as atas, onde ficavam registrados todos os assuntos discutidos, as produções a serem realizadas e as sugestões da coordenação. As atas eram distribuídas por *email* para todos os integrantes do Laborav.

Ata do dia 21.03.2011

Presentes`

Amanda, Marcia Rocha, Juliete, Luciano, Lu Brasil, Cecile, Henrique Sá, Nélia (Jairo chegou depois) Pedro Albuquerque. Gisele, Felype Bastos se reuniu antes com Alita

1. Apresentação dos integrantes do grupo e da CPMK – Central de Produção e Multimídia Kaxinawá.

- Alita apresentou o projeto da Central de Produções Multimídia Kaxinawá, que está em anexo. A partir de final de maio/início de junho a central irá funcionar na sala de Zene, que irá se mudar para a sala de baixo. A central será o espaço de reunião e pensamento dos integrantes dos diversos laboratórios da FEBF(estúdio de áudio, Laborav, Rádio Kaxinawá, Iptv Kaxinawa, Laboratório de Informática) .
- A pessoa responsável pelo funcionamento da CPMK será o Felype Bastos. Ele irá substituir a Márcia Rocha no controle e manutenção dos equipamentos, além de dar suporte técnico as nossas produções. Felype também será responsável pela moderação do grupo da CPMK na rede, além de fazer o atendimento e encaminhar alunos e professores que estejam em processo de produção projetos multimídia. TV, vídeos e pgms de rádio e gravações para os estagiários e integrantes de cada laboratório. Ele também ficará responsável por anotar e encaminhar as demandas de equipamentos e além de garantir as reservas (auditório, laboratório de informática, sala 107, data show). Ele deverá estabelecer o horário em que estará disponível para estas atividades e divulgá-lo. Ele também está encarregado de colocar as informações do dia na tela diante da secretaria. (Enquanto não temos a nossa sala, nosso ponto de encontro será a sala 106, a nova sala de reuniões de departamento, ao lado da secretaria) .
- Nossas reuniões serão às segundas feiras, de 15 em 15 dias, quando daremos a posição do que cada um está fazendo. A próxima reunião será no dia 4 de abril, quando todos deverão prestar contas de seus trabalhos.
- De acordo com o prof. Henrique Sobreira, Amanda, Rodrigo Mesquita, Jairo Thuany e sua outra estagiária estão encarregados da produção do 5ª Dimensão, sendo que a Amanda poderá nos auxiliar também no uso da câmera e da ilha de edição e transmissão (na parte de iluminação), além de atuar como professora nos cursos de capacitação
- Todas as segundas e quartas feiras entre 14h30 e 18h30 Alita estará à disposição para discutir projetos de vídeo, produções, dúvidas e demandas existentes(dia de despacho) e orientações . Será ou na sala

106 quando for reunião de grupo ou na sala do mestrado para encontros pessoais)

2. A CPMK terá quatro eixos de atuação na área do audiovisual/Laborav/IPTV Kaxinawa

- a. **Pesquisa teórica.** Os diferentes grupos de pesquisa (Mauro e Alita) deverão fixar o dia de suas reuniões (Acho que já está meio estabelecido:Mauro: 2ª feira depois da aula. Alita: 3ª feira a partir de 14h30 até 17h30)
- b. **Pesquisa prática:** cada integrante do grupo de pesquisa de audiovisual deverá ter um projeto pessoal de imagem sensorial, cuja equipe será formada pelos outros integrantes do grupo. Além dos projetos, serão propostos exercícios práticos como complemento das discussões do grupo na 3ª feira.
- c. **Produção de programas para a IPTV Kaxinawá** e projetos individuais de alunos e professores:

A IPTV Kaxinawá terá uma equipe básica:

- **Produção de base:** Simone . Ela deverá contar com o suporte da Cecile e da Márcia. Deverá ficar encarregada de autorizações, marcar o transporte, conseguir verba para saídas e separar o equipamento junto com o produtor de cada equipe. Todos os pedidos devem ser agendados com uma antecedência de pelo menos 15 dias, principalmente se for para gravações em externa. (Márcia, será que vc ainda se mantém responsável por conseguir verbas com a Kátia e a condução com o Gilson ou então ensina o caminho das pedrinhas para a Simone?)
- i. Simone, por favor, enquanto ainda não tem nenhuma produção, faça um levantamento do material que já temos gravado? Peça para a Érica ou a Gisele te ajudar. Por favor, organize também uma lista de contato de todos os que estão ligados ao CPMK. Equipes de gravação, do estúdio de som, rádio, etc. Será bom fazer uma ficha para todos preencherem e depois passar para o

computador que vou disponibilizar para nós, e que ficará na minha sala do mestrado.)

1. Temos material gravado no Centro Cultural José Bonifácio sobre cultura negra, realizado pela Paula Andrea que está espetacular),
 2. as fitas do lixão de Gramacho, da cooperativa dos pescadores que também pode dar um bom documentário.
 3. material sobre o lixão realizado pela turma de multimídia do semestre passado que está com Henrique Sá.
 4. Quem Cala Consente que devem ser editados, com ou sem o Lobato.
- Câmera: Juliete Ela deverá passar por um processo de capacitação com Luciano e Amanda. Eles devem marcar um dia para ele explicar os princípios básicos para ela, que deverá se exercitar duas vezes por semana. Amanda e Henrique Sá também podem participar deste processo de treinamento, que basicamente ficará sob a responsabilidade do Luciano. Juliete deverá estar disponível durante 3 dias na semana para gravar os diversos projetos de alunos e professores. As gravações deverão ser agendadas com antecedência com o Felipe, a Simone e/ou Cecile. Será preciso adequar o horário à disponibilidade dos dias marcados pela Juliete e o Luciano
 - Edição: Gisele. Ela deverá passar por um processo de capacitação com Henrique Sá e Amanda. Ela deverá marcar um horário 3 dias por semana para ficar editando pelo menos durante 4 horas. Sugiro que o primeiro projeto seja sobre a Capoeira (Centro Cultural José Bonifácio). Tente fazer contato com a Maria José e a Paula Andrea. Já dei um material de pesquisa para ela sobre a capoeira, e creio que ela tem um bom material gravado.
 - Roteiro: Cecile e Alita

- Trilhas sonoras: Pedro Albuquerque
- Animações e vinhetas de abertura: Henrique Sá e Jairo
- Sonorização: Pedro Albuquerque e Marcelo Anarquia
- Transmissão: cada um deve escolher um dia na semana e separar uma hora para transmitir um pgm pela IPTV Kaxinawá. Tem um aluno da turma de Multimídia e Educação que se ofereceu para aprender e participar das transmissões.
- Direção Geral de Programas e projetos : Alita Sá Rego

d. **Capacitação dos alunos da FEBF:**

- i. Deveremos montar a 3ª oficina pratica da Ideia ao produto final
Professores: Alita, Cecile, Luciano, Amanda. Vamos tentar fazer a oficina em Maio/junho? Podemos nos reunir nesta segunda/quarta para fazer o planejamento?

e. Criação de uma videoteca na Biblioteca

- i. Simone ficou encarregada de verificar como podemos fazer isso.

f. Organização de seminários com pessoas de fora sobre audiovisual

- i. Alita vai ver o edital da Faperj para ver se consegue verba. Senão, podemos tentar uma parceria com a prefeitura de Caxias.

3. Produções em andamento

- a. Quem cala consente: Luciano, Gisele e Henrique Sá podem editar?
Simone/Márcia: Por favor, tentem encontrar o Lobato e avisar o que vamos fazer e convida-lo para fazer outro pgm
- b. Caminhos do Oriente: Maria José deve marcar uma data para edição com a Gisele (sob a supervisão do Henrique Sá ou da Amanda) .(Maria José:Que tal quinta feira? Você deve aproveitar amanhã e depois para olhar as imagens (decupar) e imaginar um roteiro.
- c. Japa Cosplay:Jairo vai terminar a edição do segundo pgm e marcar a produção do 3º) Jairo, por favor, complete a ata com o seu cronograma.
- d. Loucarte: Juliete deve fazer sua primeira gravação com a *Hand Cam* no “edifício do terror” e marcar as gravações em locação do primeiro

roteiro. Sugiro que ela converse com a Cecile para fazer um plano de gravação amanhã, depois do grupo de estudos. Primeiro Juliete deve enviar o roteiro para ela.(peguem os telefones de contato na lista que a Simone fará) Depois que vcs fizerem o plano de gravação, entreguem para a Simone /Márcia para realizarem.

- e. Vulva Fúcsia : Simone (por favor, faça contato com a Elizete (Ny Marinho) para ver se continua ou desiste.
- f. Voz Urbana:Já tem dois pgms gravados que faltam editar.(Lu Brasil, junte-se com a Érica para fazer o planejamento. Parece que a Jessica está totalmente sem tempo)
- g. Documentário Kabaret Berlin:Projeto de Henrique Sá.Documentar o trabalho do duo fluminense Kabaret Berlin formado pelo cantor Servio Tulio e o pianista Glauco Martins Baptista. O documentário acompanhará um ensaio na Sede da Orquestra e Coral de Câmara de Niterói, Avenida Amaral Peixoto 96, sala 403, no centro de Niterói-RJ e uma apresentação no Festival de Música Clássica de Teresópolis, que ocorrerão respectivamente nos dias 9 e 10 de Abril.
 - Equipamentos:
 - Câmera Z1, baterias e carregadores;
 - HD externo e bateria;
 - Microfone Boom;
 - Microfone Normal e Cabo;

Transporte:Kombi para transporte de equipamentos até Avenida Amaral Peixoto 96, sala 403, no centro de Niterói-RJ;

Equipe Técnica:

Câmera, direção: Henrique de Sá;

- E o áudio, como será captado? Direto da mesa? Procure o Luciano ou a Amanda para te ajudar na captação do áudio, ou então converse com o Pedro Albuquerque para ver como ele faz com o programa dele. Procure alguém para ajudar na produção. A Márcia é boa, ou então tente a Cecile. A Simone pode fazer a produção de base, pedindo autorização para usar a Kombi do Gilson e grana para a gasolina, uma pequena verba para emergência (estacionamento, etc) e o controle da saída do equipamento junto com vc. A

saída do equipamento, por enquanto será feito pela Simone, com ajuda da Márcia.

- As autorizações para uso de imagem: o produtor deve pedir para o duo. Para o direito autoral das músicas, tem que saber quem é o compositor. Se são de domínio público ou se eles conseguem a liberação do pagamento dos direitos.

A responsabilidade pela retirada, entrega, transporte e segurança do Equipamento estará a cargo de Henrique de Sá, que retirará os equipamentos no dia 8 e entregará no dia 11.

4. Inmediun: incubadora de empresas: a Minuta da incubadora já está pronta. O prof. Mauro deve se reunir com a Alita e a Marize para dar prosseguimento ao projeto. Precisamos nos tornar autossustentáveis .

Acho que está tudo aqui. Se faltar alguma coisa, por favor, me avisem. (Se por acaso faltar alguma produção, ou necessidade de comentário, o responsável deve completar a ata com cor diferente e enviar para o grupo), Rego, 2013.

O hábito de fazer as atas dura até hoje (2014), mas a presença constante dos integrantes da pesquisa só começou em 2011, com a criação do projeto *Canal Laborav, televisão, educação e periferia*.

Como eu tinha feito concurso para professor adjunta da FEBF e em 2010 sido contratada, precisava criar um novo projeto para substituir o de recém doutor. Foi aí que eu criei o *Canal Laborav*, que tinha com objetivo reunir o material produzido pelos alunos que participavam das minha pesquisa até então. O projeto do *Canal Laborav* foi criado para dar continuidade à minha pesquisa e para ter a possibilidade de ter meus próprios bolsistas para formar uma equipe própria do Laborav. Acreditava que faria toda a diferença no perfil dos alunos selecionados, já que até essa data o pessoal que participava do Laborav estava vinculado à IPTV Kaxinawá e ao projeto do programa *QuintaDimensão* do professor Henrique Sobreira. [REGO, Sá A. Entrevista concedida a Renata Fagundes. Duque de Caxias, 15 de nov. 2013]

Em 2011, com o projeto do *Canal Laborav, televisão educação e periferia*, o Laborav ganhava os seus 3 primeiros bolsistas. Eram os primeiros passos de um Laboratório com autonomia. Em 2012 o Laboratório se desvinculou da IPTV

Kaxinawá, que ganhou uma nova coordenação e acabou desativada. Integrando-se a outro projeto, a IPTV Kaxinawá mudou de nome e de objetivos.

No segundo semestre de 2011, o LABORAV, o Laboratório de Recursos Audiovisuais foi incorporado ao projeto da *Central de Produção Multimídia Kaxinawá* (CPMK), que reunia o Laborav, o estúdio de som da FEBF, o laboratório de informática da FEBF e a rádio Kaxinawá. Em março de 2011, foi solicitada uma sala de produção para a direção da FEBF: *a possibilidade de reunião dos integrantes de todos os laboratórios em um único espaço vai permitir um melhor entrosamento entre as equipes de produção e a troca de informações sobre as diferentes técnicas, tecnologias e conteúdos.* (Carta da Coordenação Multimídia para direção da FEBF solicitandouma sala para instalação da CPMK. Março de 2011)

Em junho, a CPMK ganhou sua própria sala onde, além da área de produção, se concentravam os equipamentos do Laborav: as duas primeiras ilhas de edição em computadores IMACs e dois PCs para serem utilizados pelos aluno em suas pesquisas e produções. Logo depois, com verbas do projeto da CPMK chegaram mais duas ilhas de edição em computadores IMCs. O novo espaço-sede do Laborav permitiu algumas mudanças no comportamento do grupo, já que seria possível organizar o horário de uso das ilhas de edição e a grande mesa de reuniões permitia receber um número maior de alunos e colaboradores. Desde então, todos os *Laboravianos* ganham uma camiseta com o logotipo do laboratório, que funciona como um uniforme nas gravações em externa. O objetivo da camiseta é o de, além de servir para identificar a equipe, criar uma espécie de “sprit du corps” entre os Laboravianos.

Figura 1. Camiseta do Laborav utilizada em gravação de externa



Fonte: Laborav

Em 2012, o Laborav teve direito a mais 3 bolsistas e passou a contar, ao todo com seis bolsistas: dois de extensão, dois de iniciação à docência e dois de estágio interno complementar.

Ao todo tínhamos seis bolsistas de graduação, sem contar com a nossa bolsista do mestrado, que está escrevendo esta dissertação. Esta nova equipe, no final de 2013, estava bastante afinada em termos de produção e de desejo de compreender o papel das tecnologias de informação e comunicação na educação. [REGO, Sá A. Entrevista concedida a Renata Fagundes. Duque de Caxias, 15 de Nov. 2013]

2012 também foi o ano em que a coordenadora do projeto ganhou, pela primeira vez, o edital de financiamento da FAPERJ para realização de material didático, com a proposta da série de vídeos *Conte Comigo*, sobre contação de histórias na Baixada Fluminense. No final de 2013 ficaram prontos três episódios da série. Em meados de 2014 esses bolsistas se formam e uma nova equipe deve começar a ser montada.

3.2 Produção do Laborav até 2011

Desde de que o projeto de produção audiovisual começou na FEBF, a equipe de do Laborav nunca parou de produzir. Os programas realizados pelo primeiro grupo, que deixou a faculdade em 2011 foram :

Quem cala consente: série de oito programas de entrevistas com estátuas que estão nas ruas do Rio de Janeiro. Foram finalizados três programas: Carlos Drumond de Andrade, Pixinguinha e Michael Jackson;

Caminhos do Oriente: série que fala sobre artes marciais, em que convidados fazem apresentações, de estilo *Kung Fu*, *judô*, *Karatê*, etc., entrevistas com mestres da região e reportagens com os eventos ligados aos temas ocorridos na Baixada Fluminense. Um episódio finalizado com 2 versões: uma de 8 e outra de 20 minutos.

Japa Cosplay – série sobre a cultura *pop* japonesa no Brasil, a partir dos *Cosplayers*, grupo de adolescentes que se fantasiam de personagens de *animes* para fazer apresentações. Dois episódios finalizados (*Cosplayers* e *Lolitas*);

Vulva Fúcsia :programa quinzenal ao vivo com duração variada, a partir da opinião de professores, alunos da FEBF, pessoas nas ruas e pesquisadores, que falam sobre um tema ligado à sexualidade.

Improviso: programa de música quinzenal gravado ao vivo onde o músico apresentador Pedro Albuquerque recebe seus companheiros para sessões de improviso. (1 episódio realizado).

Palhaços, Repentes e Cordéis: Documentário sobre a feira de São Cristóvão, no Rio de Janeiro.

Cidade Exposta: Série de episódios que mostram o modo de vida da Baixada Fluminense. O programa exhibe as marcas territoriais da região, promovendo o conhecimento de aspectos pouco divulgados da baixada fluminense. Um episódio

realizado: *Mangueologia*, de Henrique Sá, sobre o Manguezal de Duque de Caxias e a colônia de catadores de caranguejo.

Voz Urbana – programa semanal que disponibiliza a câmera para que os populares falem o que quiserem. Três episódios realizados.

Projetos que nunca saíram do papel

Falo Anil :programa quinzenal com cerca de 30 minutos cada, uma resposta masculina ao *Vulva Fúcsia*, mistura jornalismo com ficção.

Em obra de arte: programa de periodicidade mensal com cerca de trinta minutos cada, sobre a arte e a técnica de um artista plástico da periferia, para identificar as marcas territoriais da região na produção artística;

Imagens Alternativas:programa semanal de duração variada que apresenta os trabalhos em audiovisual realizados na FEBF e na Baixada Fluminense, fora do âmbito do Laborav,

De acordo com o balanço realizado pela coordenadora do projeto, alguns resultados da pesquisa foram inesperados.

Sempre fiquei muito impressionada com a capacidade de criar projetos dos alunos da primeira equipe. Era uma verdadeira enxurrada de criatividade. Mas dificilmente eles conseguiam realizar suas propostas. Até a hora da gravação, ia tudo bem. Eles iam para a rua gravar. Mas ninguém se dispunha a editar, que é mais trabalhoso e exige muita dedicação fora das horas de aula. Apenas alguns tinham desejo suficiente para levar os projetos até o fim. Também me surpreendeu que, apesar de toda a liberdade de criação, poucos propunham formatos que fugissem ao que estavam acostumados a ver na TV comercial, principalmente na segunda turma. [REGO, Sá A. Entrevista concedida a Renata Fagundes. Duque de Caxias, 15 de Nov. 2013]

3.3 Produção do Laborav entre 2011 e 2013

Entre de 2008 e meados de 2011, o Laborav funcionava no prédio anexo, na pequena sala de pesquisa em Formação de Professores, do programa *Quinta Dimensão* e da IPTV Kaxinawá. Tínhamos apenas dois computadores PCs que chamávamos de ilhas de edição, mas que viviam constantemente travando o funcionamento, muitas vezes com perdas do material editado. Sofremos com esses impedimentos até junho de 2011, quando nos mudamos para a chamada *Sala da Zene* e, com verbas dos projetos de outros professores, conseguimos comprar a nossa câmera, quatro computadores IMACs que funcionam com ilhas de edição, dois PCS e todos os periféricos para gravação, que foram o passaporte para nossa autonomia. Nesta época, o grupo era formado por Thiago Ribeiro (bolsista do Laborav), Mauricio Vieira (bolsista do PIMBA), Henrique Sá (ex-aluno e voluntário), Eni Camilo (bolsista do Laborav), Vanessa Rocha, Caroline Portela,(bolsista do Laborav), Karla Mincarelli(bolsista do Laborav), Maria José (ex aluna e voluntária), Debora França(bolsista do Laborav) e Renata Fagundes (mestranda), Murilo Detogni, Rodolfo Camarão e Bruno Ferreira moravam na comunidade ao redor da Vila São Luís e se incorporaram ao grupo.

De acordo com o projeto inicial do Laboratório, de ser uma oficina prático-teoria, seriam realizadas duas reuniões por semana. Uma para estudos teóricos e outra para avaliar, discutir e planejar a gravações. Mas não era isso o que acontecia. A teoria vinha junto com a prática durante nossas conversas com a coordenadora. Criando nosso próprio projeto, usando a câmera, fazendo exercícios como gravar o medo ou a alegria, aprendíamos a história do cinema, estudávamos a imagem (enquadramento, iluminação, ângulos da câmera e tipos de planos) a história da tecnologia e do cinema. Também assistíamos trechos de filmes como exercício de reflexão sobre nossa própria prática.

As reuniões de planejamento e avaliações das gravações, todas as segundas feiras, costumavam ser muito movimentadas, provocando uma certa euforia entre os integrantes do grupo. Muitas vezes falavam todos ao mesmo tempo, comentando os

acontecimentos durante o momento da gravação, explicando porque escolheram este lugar, porque repetiram a cena, o ajuste do foco, a qualidade do som, e outros aspectos técnicos relativo às imagens. A ata funcionava como um ponto aglutinador e uma forma de sistematização da reunião, definindo as atividades de cada um. Mas, normalmente, pouco do que era proposto acabava sendo realizado.

Algumas vezes, durante as reuniões, surgiam, ao mesmo tempo, várias ideias de projetos. O Telejornal *Diário da FEBF* surgiu na mesma época que estávamos realizando uma pesquisa para preparar um curta metragem sobre capoeira, e um documentário chamado *Do giz ao Mouse*.

3.3.1 Colóquio Deleuze Guattari, filosofia prática

O *Colóquio Deleuze e Guattari – Filosofia prática* em parceria com a PUC/RJ, foi uma iniciativa de pesquisadores brasileiros e estrangeiros sobre as obras de Gilles Deleuze (1925 - 1995) e Felix Guattari (1930 - 1992) e dava sequência ao *Colóquio Gilles Deleuze leitor dos tempos modernos*, realizado na USP em agosto de 2010. Este segundo evento pretendia examinar os efeitos políticos e práticos decorrentes da experiência de pensamento original e inspiradora dos dois tomos de *Capitalismo e Esquizofrenia (Anti-Édipo e Mil Platôs)*, *O que é a filosofia?* e nas obras de Deleuze sobre o cinema, a literatura e as artes plásticas etc. Neste evento houveram seções de conversações e apresentação de comunicações no Auditório Gilberto Freyre e na Sala Candido Portinari do Palácio Capanema. Além de uma mostra de filmes na Cinemateca do MAM e dois espetáculos de música e performance no Teatro Cacilda Becker. Foi a primeira vez que o Laborav se responsabilizou por uma gravação em externa e o material completo capturado ainda está para ser editado.

Do Giz ao Mouse foi uma proposta de documentário para o trabalho de conclusão na disciplina *Multimídia e Educação*¹. Tentávamos falar sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação na educação. Tomamos como personagem principal o Instituto de Educação Professor Roberto Silveira para verificarmos que tipo de recursos técnicos o instituto dispunha. O Roberto Silveira é um dos poucos colégios de ensino médio que ainda mantém o curso de formação de professores. Nos surpreendemos ao ver um laboratório de informática, uma rádio, e computadores em todas as salas de aula.

3.3.2 Diário da FEBF

A ideia do *Diário da FEBF* surgiu a partir de uma sugestão do professor da faculdade, Anibal Gouveia. Ele nos procurou para sugerir um telejornal ao vivo, para fazer a cobertura de eventos que aconteceriam na FEBF. Era para “ser uma coisa espontânea”.

Fizemos cinco edições do programa: *Filosofando na Laje*, *O mistério da FEBF*, *Feira de Cultura*, *Cola na escola* e *O calor*. No final do semestre paramos de produzir o *Diário da FEBF* por que a faculdade entrou em greve. Ao retornarmos houve uma dispersão da equipe e não conseguimos montar um novo grupo interessado em continuar o *Diário*. Além desse telejornal, foram gravados alguns outros no mesmo formato, mas com o nome de *Fala aí*, que nunca foram editados.

3.3.3 Capoeira em transe

Nas férias de 2011/2012 começamos a pesquisa para um documentário sobre a capoeira no Rio de Janeiro e em Duque de Caxias. Gravamos o encontro de um grupo de capoeira da região portuária do Rio de Janeiro, entrevistas com mestres de capoeira e a capoeira de rua em Caxias.

3.3.4 Tai chi

A gravação do *Tai chi chuan*, foi em um domingo as 7h da manhã, dia nove de setembro ainda no ano de 2012. Mas nossa tarefa teve início um pouco antes, porque as produções para darem certo precisam ser planejadas com um certa antecedência: reservar a câmera , providenciar um transporte, confirmar a equipe no dia da reunião e reconfirmar na véspera porque, em algumas situações não podemos gravar sem equipe.

Para esta gravação estavam confirmados criador do projeto e diretor Mauricio Vieira, Thiago Ribeiro, Karla Mincarelli, Maria Jose e eu. Quase sempre quem propõe o projeto assume o papel de diretor ou diretora das filmagens. Mas dessa vez nosso diretor dividiu-se entre o papel de ator e de cinegrafista: em alguns momentos ele participou das apresentações e em outros ele preferiu registrar as imagens. Por isso, Maria José, aluna da FEBF que se formou em 2010, e que mesmo assim ainda participava das atividades do Laborav, neste dia assumiu a direção das imagens.

KAXINAWÁ Occupy Som, Música e Poesia transmitido em três de março de 2012, entre 19hs e 1 h da manhã (horário de Brasília). Apresentação de performances, *happenings* e ações realizados ao redor do mundo, que integravam o evento internacional *Low Lives: Occupy*, sediado em Nova York e transmitido ao vivo e em tempo real pela Internet. Nossa transmissão estava marcada para ir ao ar às 23h mas acabou ocorrendo por volta das 21h. O *Kaxinawá Occupy Som, Música e Poesia* foi produzido pelo grupo de pesquisa do professor Mauro S R Costa, com a participação dos músicos Pedro Albuquerque, Carlos Alexandre, a professora Adriana Ribeiro, e o produtor musical Marcelo , além de toda equipe do Laborav.

3.3.5 A oficina de edição:

A oficina de edição foi ministrada por uma ex-aluna do mestrado da FEBF, que atualmente é coordenadora de produção do projeto de comunicação comunitária TV Pinel e coordenadora de projetos da Imagem na Ação-Núcleo de Desenvolvimento de Projetos de Comunicação e Cidadania.

Depois da primeira oficina de edição, foi programada uma oficina de efeitos especiais (*After effects*) com o Murilo Detogne, um dos moradores da comunidade que na quela época era participante do grupo. Murilo não era aluno da faculdade, e participava do Laborav para poder realizar seus projetos de vídeo. Durante seus meses ele participou das reuniões e atividades do Laboratório e a oficina seria realizada como uma participação a mais no projeto e uma forma de permuta.

É preciso deixar claro que essas oficinas não são programadas com a intenção de profissionalizar ninguém, mas elas funcionam como um incentivo a experimentação. É através delas que descobrimos o que podemos fazer sem perda do material já produzido. Ganhamos tempo na execução de tarefas o que torna o aprendizado menos enfadonho.

3.3.6 Juca Mineiro

Terminado o período de férias e oficinas, começamos a nos dedicar a novos projetos. Em março de 2012 começamos a gravar a série do *Juca mineiro um herói brasileiro*, criação da bolsista Débora França, então no 5º período. *Juca Mineiro* era um curta de ficção no estilo do cinema mudo, contando as aventuras de um menino que veio de uma cidade do interior para viver suas aventuras na cidade grande.

3.3.7 Fatos Caxienses

O programa, criado por Murilo Detogne e Bruno tinha previsão de realizar entrevistas com personalidades do município de Duque de Caxias e da Baixada Fluminense, fossem elas conhecidas do público ou não. Seria em formato jornalístico e gravado em externas em locais da Baixada com problemas de infraestrutura. Também previa mostrar alguns lugares históricos. Era bem parecido com um telejornal, com três pessoas sentadas na bancada explicando a notícia pre-gravada que viria a seguir. O cenário era baseado no *Croma key* onde seriam projetadas as imagens editadas.

3.3.8 Conte Comigo

Projeto das alunas de pedagogia Caroline Portela e Eni Camilo, então no 4º período. Eni era bolsista e Caroline, voluntária. A série, foi apresentada e selecionada para financiamento pelo edital da Faperj de Produção de Material Didático de 2012. A princípio estava prevista a gravação de oito episódios com 16 minutos cada, reunindo quadros como *De pai para filho, telefone sem fio, quem conta um conto, profissional da narração*. Como a verba da Faperj foi cortada pelo meio, se transformou em uma série de 04 (quatro) vídeos com cerca de 16 (dezesesseis) minutos cada, sobre a prática da contação de histórias e suas técnicas. Os vídeos registram as narrativas criadas pelas próprias crianças no momento da gravação, da mesma forma que a recriação de antigas fábulas pelas pessoas da terceira idade, além de apresentar o trabalho de contação de histórias por alunos das escolas municipais de Duque de Caxias.

4 O PESQUISADOR PESQUISADO

Frequentei o Laborav de 01/06/11 a 10/04/13. Decidi participar efetivamente das atividades do laboratório, para ampliar meus conhecimentos sobre as tecnologias de informação e comunicação com ênfase no audiovisual, principalmente porque é um conhecimento emergencial na chamada era da informação. Quando entrei para o grupo, a primeira turma de integrantes, que tinha feito as oficinas e conhecia os equipamentos estava se formando e deixando a faculdade. O Laborav tinha direito a três bolsistas, que no ano seguinte se transformaram em seis. O novo grupo estava sendo selecionado para dar início às atividades do projeto. Tanto eles, quanto eu, entramos na pesquisa a partir da disciplina eletiva Multimídia e Educação 1/ Oficina de Vídeo.

Até o momento em que comecei a fazer parte do Laborav, todas as ideias, dúvidas e problemas técnicos que pudessem surgir deveriam ser resolvidos nas reuniões semanais e concentravam-se todos com a coordenadora Alita. Como tinha deixado o meu emprego de professora, a coordenadora me convidou para, assumir algumas funções, dentre elas de auxiliar nas formações de equipe, garantir a presença de todos, realizar os contatos para confirmar os entrevistados, confirmar horários e endereços para evitar os desencontros e cuidar da segurança e dos pedidos dos equipamentos ao coordenador do novo projeto de TV da FEBF. Até então, tudo era feito de forma meio confusa. A necessidade de tomar essas providências foram descobertas em grupo, quando a gente avaliava o resultado de nossas saídas e as coisas que davam errado e as que davam certo. Criamos até alguns formulários para preenchimento nos dias de gravação, as ordens do dia, mas raramente alguém preenchia as avaliações.

Quando cheguei, apenas como voluntária, estava querendo fazer parte do grupo, porém sem nenhum conhecimento na área audiovisual. Mesmo assim fui convidada a participar. Comecei cuidando dos documentos da secretaria, organizando as fichas das oficinas, participando das reuniões. Mas não demorou para eu ser chamada a participar de uma gravação sem o que eu considerava “o

preparo necessário”. E lá estava eu em meio a uma gravação do *Colóquio Deleuze Guattari, filosofia prática*, cuja proposta era se tornar um documentário com o mesmo nome.

Descrevo agora a minha participação nas produções do Laborav, como uma cartógrafa implicada em seu campo.

4.1 Colóquio Deleuze Guattari, filosofia prática

As gravações foram realizadas entre trinta de agosto e dois de setembro de 2011, e a minha primeira experiência com esta surpreendente metodologia de fazer e aprender me causou um pouco de estranheza. Vivia cheia de dúvidas e incertezas se o que estava fazendo era a coisa certa.

O primeiro dia de gravação do Colóquio foi o ensaio para a apresentação de músicos e bailarinos no teatro Cacilda Becker. Cheguei cedo, e como ninguém apareceu, fui embora. Depois eu fiquei sabendo que a gravação foi adiada para mais tarde esqueceram de me avisar. No dia seguinte, quando chegou a professora Alita com os equipamentos, aprendi que a montar o tripé em um lugar na plateia, a dar zoom com a câmera parada, a bater o branco, e verificar o áudio da câmera. Foi uma experiência interessante e embora meu interesse não fosse a cinegrafia, me proporcionou a compreensão a respeito do enquadramento, da luz e da dificuldade de trabalhar com uma única câmera parada, pois isso não possibilitava certos ângulos. Logo depois chegaram dois laboravianos, um do mestrado outro da graduação e assumiram o posto de *cameramen*.

Dando continuidade ao Colóquio, depois de um dia de apresentações artísticas no teatro, começaram as palestras e mesas de debate no *Palácio Capanema*, no Centro do Rio. No primeiro dia, achei que iria apenas observar como funcionavam as gravações, já que a equipe era grande e qualificada: dois câmeras laboravianos com experiência: um mestrando professor de vídeo do CEFET, Luciano

Melo Dias e uma mestranda formada em jornalismo que tinha sido produtora na extinta TV Manchete, Cecile Azambuja. Dispúnhamos de duas câmeras, dois tripés e dois microfones. Neste dia fui para a observar e aprender. No entanto, surpreendentemente, fui convocada a dirigir a gravação. Acabou dando tudo certo porque todos sabiam exatamente o que devia ser feito. Era uma equipe que conhecia suas funções.

No segundo dia de gravação do *Colóquio*, fomos apenas eu e mais uma laboraviana. Era nosso primeiro dia de gravação sem nenhum operador de câmera com prática e sem a professora Alita para nos orientar. Também não tínhamos nenhum roteiro para seguir. Como contávamos com uma câmera, sem tripé e um microfone, apenas gravamos as palestras sentadas em uma cadeira na primeira fila com a câmera parada no colo, e em alguns momentos registrávamos o interesse do auditório. No início tivemos um pouco de dificuldade com o peso da câmera devido a falta do tripé. No terceiro e último dia de gravação a equipe era formada por dois operadores de câmera, a Cecile e eu. Conseguimos fazer entrevistas mesmo sem roteiro nenhum, graças à prática de Cecile. Na semana seguinte ao final das gravações, eu já estava sentindo falta da agitação das atividades.

Fui convidada a fazer a edição desta gravação, mesmo nunca tendo feito uma edição e nemter nenhum conhecimento do software de edição *Final Cut* para *Macintosh*. Fiquei um tempão tentando me entender com o programa, sem nenhum sucesso, até que Cecile, que estava em fase de redação da dissertação apareceu lá e me trouxe alguma luz. Depois que ela foi embora, consegui me entender com o programa e passei a buscar tutoriais na internet. Para mim, este foi o momento mais impactante da experiência.

Descobri que é na hora da edição que decidimos o que pode ser dito, o que queremos que as pessoas saibam ou no que queremos que elas acreditem, e mostramos isso em forma de uma narrativa que é considerada como verdadeira porque está registrada em imagens, provando que aquilo aconteceu. Depois desse aprendizado, passei a frequentar as gravações pensando nas possibilidades que teríamos durante a edição.

4.1.2 Tai chi

Tai chi foi um projeto do bolsista Mauricio Vieira, praticante da arte marcial e recém integrante do Laborav. Por isso precisou decidir se queria dirigir o programa ou ser personagem do documentário. Na verdade, ele se dividiu entre as duas tarefas, deixando a direção de imagem por conta da Maria José, uma diretora muito atenta aos detalhes. Ela era bem mais experiente do que o resto da equipe e entendia de artes marciais, pois o filho dela era professor de *kung fu* e já tinha dirigido o programa *Caminhos do Oriente*, que tratava do mesmo tema. Quando percebia que a iluminação não estava boa, direcionava os cinegrafistas (as vezes era o próprio Mauricio, as vezes era o Thiago). Também orientava os enquadramentos e ficava atenta aos detalhes dos movimentos das mãos e dos pés em *close*. Eu ainda não entendia para que serviria aquilo, mas os cinegrafistas acatavam tudo que ela dizia sem questionar. Eu e Karla fizemos a produção e estávamos sempre atentas às dicas da Maria José. Fizemos algumas entrevistas com o praticantes de *tai chi chuan*, que se mostraram muito mais preocupados em explicar a tradição do que falar da prática do esporte em si. Isso nos rendeu boas imagens, pois eles foram explicando cada símbolo que decorava o salão e o significado de cada gesto da apresentação.

Na ilha de edição quando fiz a captura das imagens, comecei a pensar na montagem e em como ficaram bonitos os planos em *close* dos pés e das mão e dos que a Maria José orientou que gravássemos para compor a edição, além da imagem dos símbolos aparecendo na fala dos entrevistados.

4.1.3 Occupy wall street

Como era uma transmissão ao vivo o ensaio foi marcado no dia anterior, onde estavam Murilo Detogni, Bruno Ferreira, Thiago Ribeiro, Mauricio Vieira, Henrique Sá, Rodolfo Camarão, Eni Camilo, Vanessa Rocha, Caroline Portela, Karla Mincarelli, Debora França, e eu.

Esta também foi a primeira transmissão que fizemos com a nova equipe. Este evento mostrou a primeira dificuldade que tínhamos por ser uma equipe inexperiente. No dia do ensaio a equipe responsável pelo equipamento estava realizando testes nos equipamentos e cabos, claro que isso não chegou a nos prejudicar, mas causou um imenso atraso porque tínhamos que carregar todo o equipamento para o local de gravação e no fim de tudo guardar todo o equipamento novamente. Como a faculdade não tem profissionais para isso, o trabalho todo é feito pelos alunos que sacrificam suas horas de estudo em prol dos eventos, isso nos causou em nossa primeira transmissão um grande mal estar, que esperávamos superar em outras gravações. No intervalo do ensaio Murilo, Thiago, Bruno e Vanessa sumiram com uma das câmeras, a Sony HXR-NX70N que carinhosamente chamamos de Baby, por ser menor que as câmeras Z1 e Z5. A causa desta fugidinha é, estes integrantes do Laborav estavam gravando um filme de terror chamado *Contatos*. Os produtores tiveram a ideia ao caminhar pelos corredores da faculdade que estavam muito vazios porque era sábado, e estávamos em período de férias. Eles pensaram então um fantasma escondido nas salas escuras e convidaram a aluna Vanessa Rocha para aumentar o suspense.

No dia da transmissão ao vivo puderam comparecer somente Murilo Detogne, Bruno Ferreira, Tiago Rigueira, Mauricio Vieira, Enrique Sá, Rodolfo Camarão e eu, além do Luciano Melo, que não pode comparecer ao ensaio mas que veio para a transmissão. A direção foi realizada pela professora Alita. E o ex-aluno Henrique Sá ficou responsável pela transmissão. Bruno e Murilo (integrantes voluntários do Laborav) e Luciano (mestrando) foram os cinegrafistas. Mauricio, que chegou um pouco depois, integrou-se ao grupo de cinegrafistas. Eu assistia a transmissão para dar o *feedback*, do som e da imagem, Rodolfo fez a produção, durante a gravação. Apesar dos vários ensaios no dia anterior e no dia gravação, algumas coisas não saíram tão perfeitas quanto esperávamos. Tínhamos pouca luz, pois se durante os ensaios a iluminação estava perfeita, aprendemos que para uma transmissão de TV ela precisa ser muito maior.

4.1.4 Oficina de edição

Mesmo não sendo meu primeiro contato com o programa de edição algumas surpresas ainda estavam guardadas, como por exemplo descobrir como recuperar uma *timeline*, que era um dos nossos maiores problemas. Depois dessa oficina, começamos a caprichar nos efeitos que nem sabíamos que existiam, pois em geral nossa edição era feita de maneira bem simples. Fazíamos o básico que era cortar as cenas muito ruins e ajustar o áudio. Os detalhes mais difíceis ficavam por conta da professora Alita, que sempre finalizava as edições que havíamos começado. Como nenhum de nós tinha experiência, ficávamos testando os comandos, um a um, e a edição não terminava nunca. Isso era um problemão, visto que alguns programas deveriam ser editados para serem apresentados dentro de um prazo determinado, como foi o caso do *FEBF Na Praça*, que deveria ser editado com urgência, visto que, uma semana depois seria exibido em uma palestra no auditório da FEBF em razão do ciclo de debates sobre a Baixada Fluminense, organizado pela professora Icleia Lage do PIMBA²¹, ou mesmo do programa *Diário da FEBF*, quando apresentávamos notícias do dia anterior como o *Making off* do programa, *Filosofando na laje*. Não tínhamos tempo de descobrindo as ferramentas do programa de edição.

Quando uma edição estava esquecida no computador, sem prazo para conclusão surgia a oportunidade de conhecer o programa, seus efeitos, e praticar algumas das coisas que aprendi na oficina, ou seja escolher o melhor formato para salvar a gravação, estando atenta ao fato de que o melhor formato para um telão é diferente o melhor formato para a internet, visto que um precisa ter o máximo de qualidade e o outro precisa ser um formato leve para baixar. Além de vários outros formatos que só quem trabalha com audiovisual se dá conta da importância. Assim como poder trabalhar com várias faixas de som uma infinidade de comandos que nos fazem perder a noção do tempo quando estamos experimentando. O labirinto de informações gera um labirinto de emoções. Em frente àquele programa fizemos

²¹ Icléa Lages de Melo é professora Assistente da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E atua como coordenadora do programa de Extensão PINBA- Programa Integrado de Pesquisas e Cooperação Técnica na Baixada Fluminense, e do NIESBF Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Espaço na Baixada Fluminense.

descobertas incríveis, inclusive como nossos filmes preferidos são fabricados. Nos emocionávamos a cada novidade encontrada, e ao mesmo tempo tínhamos a impressão de que não saímos do lugar. Nunca conseguíamos terminar nossas edições. Algumas delas nem conseguíamos salvar e acabava sobrando sempre a finalização para a professora Alita. A falta de um bom editor acabou gerando um acúmulo de material para editar, gerando uma série de programas não finalizados.

4.1.5 Juca Mineiro

Débora tinha o roteiro na cabeça, sem colocá-lo no papel. Ela recrutou seus atores na família. As locações eram próximas à casa dela. No dia da gravação, explicava aos atores como queria a cena. Durante a gravação, fazia intervenções quando achava necessário e aceitava sugestões. Foi assim que acatou a sugestão da câmera de realizar a montagem das cenas na ilha, em vez de editar diretamente na câmera. Fizemos uma tarde inteira de gravações que resultariam em dois filmes mudos, com figurino de época: *Juca Mineiro e a Noiva Cadáver* e *Juca Mineiro e o Juca Mineiro e o ET de*

Varginha. Juca Mineiro e o Saci Pererê está gravado, faltando editar os curtas foram realizados com uma *handcam*. Na edição final dos vídeos, Débora colocou as cenas em sequência, fez as cartelas e a música e colocou um efeito de filme antigo .

Foi durante a gravação do *Juca Mineiro* que percebemos que não cuidávamos da segurança de nosso equipamento. Havia uma proposta de levar a nossa câmera Sony para a locação de ônibus comum. Na reunião de segunda, o problema da segurança foi colocado em pauta e ficou decidido que só sairíamos com o equipamento ou no transporte da faculdade, de táxi ou no carro de alguém conhecido do grupo. Como a câmera é nosso patrimônio e patrimônio público, a partir desse dia só sairíamos para gravar quando tivéssemos transporte seguro.

Fatos caxienses

Fizemos uma pesquisa de imagem para o programa piloto. E houve a gravação do primeiro programa no auditório da faculdade. Na hora de editar as imagens os produtores, que não eram alunos da faculdade queriam permanecer no

laboratório além das 23h. Mas isso não era possível, eles pretendiam levar as imagens no HD externo para realizarem a edição em casa. Isso também não foi possível, visto que somente os bolsistas do Laborav tinham a autorização para levar sair com equipamentos da faculdade. Tal fato gerou o primeiro desentendimento de um dos produtores com o grupo. Ele se mostrou insatisfeito por ter participado de tantas atividades com o grupo, sem ter a mesma liberdade dos alunos. Ele já apresentava um programa na rádio Kaxinawahá algum tempo e tinha toda liberdade naquele espaço, mas não encontrou a mesma liberdade no nosso laboratório. Tentamos argumentar que o equipamento da rádio não sai de lá para nada, e que o nosso precisa de autorização para retirada, porém a insatisfação permaneceu. No dia seguinte ele trouxe seu pen-drive e levou todo o material para editar em casa, porém desistiu do programa e não voltou mais.

4.1.6 Conte comigo

A produção do *Conte Comigo* começou bem antes do financiamento da Faperj, e foi uma das minhas principais e mais frustrantes experiências de fazer e aprender. A proposta inicial do projeto era a realização de quatro programas: o primeiro era uma conversa com duas contadoras de histórias, uma que trabalhava em um hospital e a outra que ia contar histórias na casa das pessoas pelo projeto *Agentes de Leitura* da Secretaria de Cultura de Duque de Caxias,. Uma dessas agentes era a nossa bolsista Débora, a criadora do *Juca Mineiro*, que também contava histórias para crianças hospitalizadas. Havíamos planejado acompanhá-la em seu trabalho, gravando suas atividades. Como este dia nunca chegava, começamos gravando uma entrevista com a Débora e com a Lu Brasil, também contadora de histórias, mas só que em festas infantis, como animadora. A gravação foi numa sala de aula que chamávamos de sala verde, porque tinha a parede pintada de verde e que era usada para fazermos o fundo de *chroma key*. Desta vez tínhamos um roteiro de perguntas para as entrevistadas. Eu fiz a produção, e Mauricio, o outro bolsista operava a câmera pela primeira vez. Eni, como criadora do projeto, dirigiu as gravações. Como nenhum de nós tinha muita experiência e a metodologia que nos

guiava era fazer e aprender, partimos para a gravação levando apenas nosso entusiasmo. Não entendíamos nada de figurino e nem de iluminação, mas nos preocupamos com a qualidade do áudio, nossa única preocupação técnica, já que era um programa de entrevista. Estávamos motivados a ousar, a sair do formato televisivo tradicional. Maurício, em sua primeira experiência como operador de câmera, resolveu inovar na captura das cenas, usando enquadramentos que lembravam histórias em quadrinho, entortando a câmera e cortando cabeças ou pernas.

Após a gravação, eu passava as imagens para o computador através do deck de captura das fitas mini DV. Aí nos reuníamos para assistir e avaliar o material gravado. Porém o resultado das avaliações foi que fizemos tudo errado. O nosso jeito de fazer sem saber não teve o resultado que esperávamos. Foi frustrante ver todo nosso tempo e trabalho perdidos. Teríamos que refazer tudo. As autoras do programa, Eni e Carol, resolveram dar continuidade ao cronograma e deixar as imagens que deveriam ser refeitas para o final das gravações.

O segundo episódio foi gravado no auditório da faculdade com as crianças do Projeto Alegria. Gravamos uma brincadeira em que elas deveriam contar uma história a partir de objetos que eram retirados de uma caixa. Essa foi uma das atividades mais trabalhosas, pois as crianças, toda hora, interrompiam a gravação com uma pergunta sobre a câmera ou se moviam saindo do quadro. Além disso, comonão usamos microfones adequados para aquele tipo de cena, o áudio ficou muito ruim. Durante a avaliação tivemos outra decepção: mais uma vez as filmagens não poderiam ser utilizadas. Teríamos que refazer.

No terceiro programa realizamos uma entrevista com a professora Elaine, professora da disciplina *literatura infantil* da FEBF. Desta vez, porém, estivemos mais atentos aos erros que havíamos cometido na primeira gravação. Observamos o figurino, evitando decotes muito ousados e roupas curtas. Com relação aos enquadramentos, não nos permitimos ousar muito. Também diminuimos o número de cortes por causa de erros, ensaiando as falas antes de gravar. Como fizemos a gravação no pátio da FEBF, tivemos um cuidado especial com a iluminação, pois tínhamos que mudar a câmera conforme a posição do Sol por causa do excesso de sombras que se moviam. Pela primeira vez eu sentia que estava fazendo e aprendendo.

Enquanto nos preparávamos para refazer as gravações que não deram certo, a prof. Alita propôs uma parceria com a ONG Pimpolhos da Grande Rio, que faz um trabalho social e cultural com as crianças matriculadas em escolas municipais de Duque de Caxias. Isso facilitou a participação das crianças, que além de virem a FEBF para participar de atividades extraclasse como oficina de rádio, uso do laboratório de informática e experiências em vídeo, também participariam das gravações do *Conte Comigo*. Chegamos a gravar um piquenique das crianças da Escola Municipal Lions na FEBF e colhemos um excelente material dos pequenos contando histórias para a câmera, gravados por eles mesmos, sob nossa supervisão.

Quando já estávamos preparados para refazer as imagens ruins veio a notícia de que o projeto, reformulado pela professora Alita, receberia verba da FAPERJ. Deste dia em diante tudo mudou. Agora tínhamos verba para contratar profissionais que iriam nos ensinar a gravar, editar e finalizar durante a produção do *Conte Comigo*. As gravações começaram a ser planejadas mais cuidadosamente, baseadas numa pré-produção de locações e personagens. Foi a partir deste projeto que o grupo de bolsistas que começou a trabalhar em 2012, fazendo e aprendendo de forma sistemática se tornou uma equipe realmente afinada. As gravações acontecerem durante 2013, ano em que deixei o Laborav para me dedicar aos estudos teóricos do mestrado.

4.1.7 Zona autônoma de produção

Atualmente (final de 2013), o Laborav configura-se como zona autônoma de produção audiovisual criando suas próprias referências práticas e teóricas e livrando-se da dependência técnica e financeira. Sua autossuficiência se dá em termos de equipamentos financiados por agências de pesquisa, mão de obra financiada por bolsas de estudos e bolsas técnicas, parcerias com produtoras de vídeo e cinematográficas de amigos da coordenadora, Secretaria de Educação de Duque de Caxias, algumas escolas de ensino infantil da periferia e ONGs como o CECIP(Centro de Criação de Imagem Popular).

Deixando clara a relação afetiva que envolve essa prática, o audiovisual ultrapassa os efeitos cognitivos. Todas as atividades realizadas em nosso laboratório nos remetem ao trabalho imaterial, porque passa por relações (criações) afetivas, cognitivas e comunicacionais. Algo que conecta imediatamente o saber a prática, a imaginação, o social e a cooperação.

O trabalho exercido no Laborav é feito através da cooperação, no tempo em que os alunos das graduações e da pós-graduação, tem de folga, no tempo livre. Todo o planejamento é feito de acordo com a disponibilidade e interesse dos integrantes do grupo, sem organização hierárquica. Cada pessoa que entra para o grupo traz alguma modificação seja com relação aos horários, métodos de gravação, e todos acabam contribuindo de alguma forma no programa dos outros. Mesmo com todas diferenças de perfil que cada traz, são pessoas de cursos diferentes, além das diferenças de gênero e idade, o que enriquece ainda mais o momento da troca. Por exemplo quem apresenta programas sobre artes marciais traz sugestões para quem está gravando programas sobre histórias infantis, Alguns alunos interessados em a pesquisar sobre cinema acabam trabalhando como cinegrafistas e editores. Características que transformam Laborav em uma multiplicidade de devires incontroláveis e imprevisíveis que nada tem haver com o mundo ideal, do qual são tiradas cópias, ou seja, como quase todo mundo que efetivamente participa de todas as gravações não traz conhecimento prévio sobre o audiovisual, nós quase sempre inventamos métodos, experimentamos porque o espaço nos permite essa experimentação. A entrevista com os alunos da graduação que participaram do grupo no mesmo período que eu, mostra que ninguém veio atrás de fama, nem foi pela bolsa, todos vieram por um sentimento comum a curiosidade em conhecer o mundo audiovisual, seus equipamentos, suas técnicas, e todas as surpresas que esperávamos ter. Essa vontade de aventurar e de criar permitiu que se desenvolvesse dentro desse ambiente a cooperação, uma paixão pela criação e pela imaginação. Estão todos unidos nessa atividade em razão de criar uma nova forma de comunicar, que se apresenta de maneira mais livre, nos permitindo sair da esfera da subjetividade modelada desmanchando as projeções criadas pelas mídias de massa, para que as singularizações aconteçam. Nossa práticas estão na contramão daquilo que encontramos na mídia de massa que visa produzir em grande escala um tipo de subjetividade generalizada, modelada.

O processo de produção d subjetividade não poderia ocorrer de forma individual, por isso é importante compreender o papel do trabalho cooperativo nessa transformação, uma vez que a produção de subjetividade só é produzida por instâncias coletivas, as relações se tornam produtoras, logo é no trabalho cooperativo que começam as sigularizações. Então as práticas cooperativas que ocorrem no Laborav são uma reescritura projetada contra os sistemas de modelização.

A subjetividade é produzida são processos descentrados que implicam o funcionamento de máquinas de expressão – que entre outros são os sistemas maquínicos, tecnológicos e de mídia, além dos sistemas de representação, que Guattari (1996) classifica como sistemas de percepção, de imagem e de valor, de memorização e produção de ideias, entre outros. São essas percepções que usaremos como base para descrever a produção de nossa própria subjetividade enquanto produtores e criadores de imagens e de valores sociais. Os vídeos que produzimos no Laborav, revelam algumas subjetividades delirantes, que fazem a subjetividade capitalista desmoronar. Em uma de nossas reuniões para discutir assuntos teóricos metodológicos, uma recém-integrante protestou contra nossa metodologia d trabalho experimental e disse que estávamos todos perdendo tempo, pois nossos vídeos não serviam para nada. Ela enquanto roteirista de emissora de TVs comerciais não entendeu que o que fazíamos era experimentar, ousar, encantar e as vezes enlouquecer. Mas nunca vender um produto.

Somente em um laboratório experimental se pode encontrar uma diversidade tão grande de estilos fílmicos, quase sem propósito que é a finalidade da arte. Em um laboratório experimental uma pessoa que veio para observar acaba dirigindo uma cena no segundo dia de observação, como aconteceu comigo, com Maia José e Letícia, que não está mais no grupo. A metodologia d aprender fazendo, não nos permite o medo de errar, mas mostra que é com os erros que se pode criar novas formas de fazer . Como bárbaros que desconhecem as regras,e invadem os impérios.

5 DESEMBARAÇANDO AS LINHAS

5.1 Linhas de força

As linhas de força podem ser encontradas em todas as partes do dispositivo, porque agem como flechas que não param de se entrecruzar, de forma invisível e indizível por todos os lados. Encontramos essas linhas a partir das regras (horários, disciplinas, conteúdos), em tudo que corta e controla. Encontramos a primeira linha de força que iremos analisar no currículo acadêmico por sua intencionalidade limitadora que indicam poder e saber. O currículo delimita um território do saber. Ele, tem como uma das principais características a cultura escrita em detrimento a qualquer outra forma de comunicação, outra característica dele é o individualismo, contraditoriamente falando, a primeira coisa que vem em mente quando se pensa em educação ou processos de aprendizagem é a relação entre aluno e professor, e entre alunos e alunos. Então esta característica individualista das instituições de ensino, acabam criando um certo afastamento da vida diária ou da experiência comum, sejam escolas ou instituições de ensino superior. A forma de ensino pautada somente na cultura escrita não atende mais as necessidades de uma sociedade informatizada. Embora exista uma intenção de inovação teórica, na prática ainda estamos a passos lentos, a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense embora disponha de todo um aparato tecnológico ainda se adapta a transição da cultura sistematizada apenas pela escrita tateando em direção a convergência para a cultura comunicacional. É possível observar que entre as disciplinas obrigatórias para o curso de formação de professores e pedagogos, não estão inseridas nenhuma das disciplinas que faça a previsão do uso de algumas das variadas tecnologias disponíveis na grade curricular. Estas disciplinas são opcionais (disciplinas eletivas), embora a faculdade disponha de uma estrutura com equipamentos de última geração. O espaço delimitado pelo currículo como disciplinas principais, não tem considerado a importância de uma formação crítica, que os torne indivíduos mais discernentes as compulsões e as atrações manipuláveis e que possibilitem aos indivíduos competências emancipatórias. Permitindo-o conhecer todo o processo de produção da informação que é então

fundamental para o mundo cercado de tecnologia de transmissão de informação que vivemos hoje (celulares, *tablets*, *notebook*, etc).

5.1.2 A estrutura da Faculdade

Nossa unidade está localizada num prédio de um antigo Centro Integrado de Educação Pública – CIEP 90.

Figura 2- Entrada do prédio da FEBF



Fonte : Site da FEBF

Todas as salas da faculdade são equipadas com computadores conectados a rede de internet com telas de trinta e duas polegadas,

Figura 3 - Salas de aula multimídia



Fonte : Site da FEBF

Figura 4 - Salas Revoluti



Fonte: site da FEBF

O laboratório de informática possui, vinte e dois computadores , todos com internet e um quadro interativo

Figura 5 - Laboratório de informática:



Fonte: arquivo do Laborav

5.1.3 Instalações do Laborav

O laboratório de recursos audiovisuais – LABORAV, é equipado com seis computadores, quatro para edição de vídeo e dois para pesquisa. Quando o Laborav ganhou esta sala como sede, em junho de 2011, transformamos a antiga sala de estudos (também conhecida como sala da Zene) em sala de reuniões. Mudamos a disposição dos móveis porque não é possível criar um grupo com cada um trabalhando de forma individual, para juntar tudo no final. Por isso nosso grupo de estudo é integrado da mesma forma que as reuniões.

Figura 6 - Sala de Reunião e edição do Laborav



Fonte : Arquivo do Laborav

Figura 7 - Ilhas de edição



Fonte : Arquivo do Laborav

A faculdade sedia um estúdio de áudio e uma rádio comunitária, a rádio Kaxinawá, que fica no andar térreo FEBF. O espaço é dividido entre alunos e moradores da comunidade. Tanto o Laborav, quanto a rádio, o laboratório de informática e o estúdio de áudio integram a CPMK, Central de Produção Multimídia Kaxianwá, que cuida do controle da ocupação destes espaços.

Depois de verificar as linhas de força determinadas materialmente pelas nossas instalações e estrutura curricular experimentamos outras forças que nos limitam de alguma forma. Existem limitações quanto ao empréstimo dos equipamentos que são “propriedade” de outra pesquisa na área, e até mesmo um certo controle, não em relação ao que se pode produzir, mas sim ao que será veiculado, por tratar-se de uma instituição pública.

Quando falamos em linha de força pensamos nas que limitam e controlam. Mas existem também as que impulsionam, que criam desejos que vão produzir as

linhas de fuga. Neste caso, elas estão ligadas ao currículo, quando este se coloca em contraponto com o aparato tecnológico disponível na faculdade. O currículo não incorpora as possibilidades criativas e cooperativas características do trabalho imaterial e que são oferecidas pela tecnologia disponível. No entanto, são elas que impulsionam os alunos a buscar algum conhecimento que vai muito além daquilo que é proposto, apenas por sua existência. Essas linhas de fuga confirmam que a nova geração não abre mão do caráter comunicacional do mundo do trabalho imaterial, com o qual convive extra-muros da escola, embora toda a estrutura esteja voltada para o modelo disciplinar calcado em políticas educacionais recognitivas.

A entrevista com os alunos que participam do grupo revela que todos eles já traziam alguma experiência com o audiovisual. Já gravavam seus vídeos em câmeras digitais e editavam no *movie maker*. Uma experiência aliás, que faz parte do cotidiano de quase todas as pessoas, adultos, jovens e crianças, revelando aqui o desejo de criar que vem ganhando contornos específicos na contemporaneidade. Trata-se de uma força que encoraja o indivíduo a contar suas próprias histórias da forma que ele as percebe.

O que nos faz aderir de forma voluntária e autônoma ao grupo de pesquisa sobre o audiovisual é o estímulo alentado pelos objetos técnicos, seja com nossos vídeos caseiros ou com as super produções proporcionadas pela estrutura física disponível na FEBF. Além da vontade de criar mundos. Mas para a criação destes mundos precisamos nos desterritorializar das formas pré-concebidas do formato televisivo tradicional ao qual fomos expostos por toda a nossa vida.

As práticas exercidas no Laborav, fogem do formato da educação tradicional, das políticas recognitivas. Elas nos permitem fugir dos limites impostos pelo currículo, pelos limites de horário, de conteúdo e os limites geográficos da própria faculdade.

Consentindo a criação de novas formas de apropriações de conhecimento. Permitindo a criação de nosso próprio território, um *ritornelo*, que cria uma marca de territorialização de um produto, que só pode se constituir quando há expressividade, qualidade que não pertence a um sujeito, mas sim a um território, e a todos que pertencem a este território, (DELEUZE platôs 4, p.107).

A expressividade de um grupo nem sempre consegue atingir sua plenitude, quando esbarra com limitações físicas ou financeiras. Algumas de nossas produções

precisaram ser adiadas, outras canceladas. Precisamente na data de 18 de maio de 2012 tivemos nossa primeira experiência limitadora, pouco tempo depois que mudamos de sala. Estávamos com tudo pronto para gravar e só ficamos sabendo da proibição da retirada do equipamento na sexta-feira dia da retirada.

Pouco tempo depois tivemos algumas situações bem parecidas principalmente durante a gravação do programa *Conte comigo*. Encontramos dificuldade em conseguir conciliar as gravações com a disponibilidade dos equipamentos e com a disponibilidade dos alunos. Tal fato nos obrigou a buscar algumas parcerias fora da faculdade Surge assim mais uma linha de fuga]: a parceria com a Produtora de vídeo 4 Ventos, uma empresa de cinema que já realizou importantes documentários dirigidos pela diretora, roteirista e produtora documentarista Beth Formaggini que abriu espaço para o surgimento de processos de singularização como o que aconteceu com a bolsista Arianna Fernandes em 2013. A aluna trocou a licenciatura em Geografia pela faculdade de Radialismo.

5.2 Linhas de subjetivação

Compreendemos a subjetividade produzida no Laborav como combinações dos visíveis, dos dizíveis, dos invisíveis, das forças das atitudes e das relações transitórias das pessoas que habitam aquele espaço. Considerar o Laborav como dispositivo nos conduziu a investigação de modos concretos com que os agenciamentos se estabelecem e conseqüentemente à investigação do processo de subjetivação ocorrido nesse território. Verificamos que no Laborav, o processo de acolher o outro, de maneira informal que não se dá por uma obrigação curricular. Isto cria uma atmosfera ideal para experimentação, por ser informal, por ser aberto e nômade. Nesse sentido o Laborav foi capaz de proporcionar encontros alegres, tensos, provocantes, tristes, constrangedores e, também desencontros.

O Laborav é um lugar em que as práticas, trazem outra perspectiva, supondo outro tipo de espaço de aprendizagem, coletivo, colaborativo, onde a alteridade se faz presente e o outro faz parte do meu espaço no mundo possibilitando o deslocamento da perspectiva individual para a coletiva na produção de

conhecimento, provocando outros agenciamentos, tencionando, criando movimentos diferentes.

Experiências com equipamentos sem passar antes por uma aula de técnica, nos permite entender como vemos o mundo sem ter um olhar conformado formalmente, embora saibamos que todos os olhares são submetidos aos ditos e visíveis de um determinado extrato de uma sociedade, o que muitas vezes fez com que nossas produções se aproximassem dos clichês dos meios de comunicação administrados pelas grandes empresas.

5.3 Linhas de visibilidade

Observar nossas imagens consiste em obter uma visão cuidadosa da nossa forma de expressão, das nossas marcas territoriais expressivas, sejam elas sonoras, enunciadas ou visíveis. Esta experiência nos obrigou, enquanto grupo, a uma reavaliação do que gostaríamos que as pessoas sentissem ou pensassem ao vê-las. Nas primeiras imagens produzidas tentamos recriar, de alguma forma, aquilo que já estamos acostumados a ver na televisão. Só com o passar do tempo é que nos permitimos experimentar outras formas. Nossas primeiras imagens produziram uma grande frustração quando vimos que elas estavam tremidas, desfocadas ou fora do quadro, o áudio com ruídos e etc. Essas imagens iluminaram, tornaram visíveis o quanto estamos “conformados”, colocados na forma pelas imagens dos meios de comunicação hegemônicos, o que se refletiu em nossa preocupação com as questões mais técnicas dos trabalhos seguintes. Evidentemente, a preocupação técnica, às vezes, impede um devir câmera, pois só quando podemos esquecer estes detalhes a câmera passa a ser parte de nós, uma extensão de nossos olhos, num processo de comunicação totalmente afetivo. Daí o conceito de devir câmera.

O devir câmera torna visível o trabalho de produção de subjetividades pret-à-porter da mídia de massa, um dos mecanismos de dominação da sociedade de controle. Visto que qualquer mecanismo de dominação só pode ser destruído por quem o conhece bem, a percepção das imagens no processo de produção audiovisual faz com que sejamos capazes criar linhas de fuga às imagens dominantes. O mesmo acontece na hora da edição. Afetados pelas possibilidades

de criação, tanto da câmera quanto da ilha de edição, é possível experimentar processos de singularização autônomos. Por que a pessoa que vê a partir de uma experiência pessoal é totalmente diferente do olhar do espectador, que simplesmente olha, sem fazer parte do espetáculo, sem senti-lo ao vivo, através de todos os órgãos do sentido. Durante o processo de produção audiovisual, se tornam visíveis todos os mecanismos de produção de subjetividade dos meios de mídia de massa. A produção dessa subjetividade só é perceptível quando fazemos e conhecemos, em vez de aprender fazendo.

Minha relação com Laborav, enquanto uma zona autônoma de produção, foi construída junto com a própria institucionalização do laboratório. Esta se torna visível com o uso da camiseta do Laborav por seus integrantes, mesmo quando não estão gravando. É frequente circulando pela FEBF com a camiseta, demonstrando o espírito de grupo que se formou ao longo do tempo. Um grupo que, depois que se formou, aprendeu a colaborar e a trocar experiências. Cada um dos alunos se destacou de alguma forma, e esse conhecimento adquirido era sempre compartilhado. Quem aprendeu a operar a câmera ensinava os colegas durante as gravações ou tirava as dúvidas durante as reuniões. A experiência adquirida pelo erro possibilitou uma previsão de dúvidas que foram sanadas mais tarde durante a oficina de vídeo com um dos alunos do mestrado, Luciano Melo. Durante a oficina os alunos que já haviam feito algumas filmagens e se mostraram muito mais interessados. Avaliando as imagens, pudemos perceber que alguns alunos como por exemplo Maurício do Thiago, tiveram um aproveitamento muito superior a quem estava aprendendo somente na oficina.

Além destas duas experiências, nossa transformação no devir câmera se deu também com as gravações em que fomos dirigidos por Maria José que nas gravações externas era nossa preceptora. Sob a supervisão dela, as imagens foram todas aproveitadas, não deixando escapar nenhum detalhe, e sempre explicando porque não poderíamos fazer da forma como queríamos e o que seria errado nos resultados: que quando girávamos a câmera de forma muito rápida durante um *travelling* ou uma panorâmica, as imagens que teríamos seriam confusas e causariam impressão de vertigem; que não devíamos gravar contra ludo cuidado para não gravarmos contra a luz, etc. Neste momento ficou claro a diferença entre fazer e conhecer e aprender em uma oficina. Como nas gravações

esperávamos sempre o melhor resultado, o esforço da equipe em aprender era sempre mais proveitoso do que as imagens que fazíamos durante a oficina, que em geral não tinha muito propósito para o aproveitamento.

De forma muito similar ocorreu o aprendizado da edição. Cada coisa que uma pessoa aprendia ou descobriaa respeito do programa era transmitido aos colegas. A troca era intensa, mas como estávamos todos começando, o trabalho rendia muito pouco.

Quando o Murilo e o Bruno que não eram alunos, e sim moradores do entorno da faculdade, vieram fazer parte do grupo, começaram a passar alguns conhecimentos de edição que eles aprenderam sozinhos. Mas o programa de edição utilizado por eles era diferente do nosso. Trabalhávamos com o *Final Cut Pro*, nas ilhas de IMace eles só editavam com o programa *Adobe Premiere Pro*, mais comuns em PCs. Mesmo assim, temos o *Adobe Premiere Pro* instalados nos Imacs, em uma das reuniões ficou decidido que aprenderíamos então editar nos dois programas, Murilo ficou responsável por montar uma oficina com os principais comandos do programa, mas o projeto não teve continuidade, porque entre o período de gravação dos programas e edições começava a formar-se um clima de disputa de território.

Como existia uma diferença no acesso aos equipamentos de gravação e edição por alunos e não alunos, houveram alguns desentendimentos que afastaram o Murilo.

O que se torna visível, neste caso, é que dividir um espaço público que se propõe a autogestão, onde ninguém se nomeia como líder, porque somos todos responsáveis e colaboradores, há muita dificuldade em conseguir convencer as pessoas a respeitar o limite do outro, e tentar não se impor através de proibições. O nosso laboratório tinha algumas regras, mas não tinha um vigia, um juiz que limitasse o uso. Esperávamos sempre que as pessoas compreendessem e respeitassem as regras não pela punição que poderiam receber, mas sim para manter um funcionamento coletivo em plena harmonia.

5.4 Linhas de enunciação

Como linhas de visibilidade e de enunciação estão totalmente entrelaçadas, apesar de sua heterogeneidade, vamos procurar separá-las observando o conteúdo dos vídeos, das atas e dos projetos produzidas no Laborav.

A enunciação realizadas durante as reuniões do grupo e registradas nas atas tornam visível a necessidade do “discurso que faz acontecer”. Por isso, uma das primeiras coisas que tratamos com os alunos novos é que cada um deve pensar em um programa que será apresentado no canal Laborav e “colocar no papel”. Esta prática já havia começado antes da minha entrada para o grupo. Lendo as antigas Atas de reunião, foi possível observar que muitos dos programas apresentados não foram adiante. Tentei falar com alguns alunos do grupo antigo, para saber o motivo, fiz o contato pelas redes sociais, mas nenhum deles me respondeu.

Cada aluno novo que chegava ao Laborav trazia um brilho no olhar, alguns imaginavam seria possível fazer filmes de ação com pessoas correndo na rua, com um cinegrafista de cada lado para gravar em dois planos, colocar efeitos especiais e experimentar todos os recursos possíveis do cinema, e mais tantas outras ideias incríveis, porém, nossa limitação técnica não permitia esse tipo de narrativa. Então durante o acolhimento instruímos nossos alunos a entregarem seus projetos por escrito, informando como pretendiam gravar. Durante construção do projeto eles iam sendo orientados a respeito do que seria necessário para realizar determinadas cenas. Nunca houve uma interdição de enunciados, nunca foi proibida uma gravação. Isso porque, na maioria das vezes eles criavam situações-problemas que eles mesmos encontravam a solução.

Como ocorreu nas gravações do programa da Débora, ela tinha um roteiro em mente, que nunca foi apresentado por escrito, que na hora de gravar, as limitações técnicas obrigam-na a mudar. Essa capacidade de evitar discursos prontos e adequar às condições é uma das marcas dos participantes do nosso grupo. Tivemos que nos adequar quando as interdições limitaram nosso acesso aos equipamentos da extinta TV Kaxinawá; adequar as questões referentes à segurança do equipamento redigindo ordens do dia e autorizações de saída, cujos enunciados explicitavam as linhas de força às quais estávamos submetidos.

Embora os integrantes do Laborav sejam incentivados a criar seus vídeos, a criação nunca é determinada por um fator externo. A maioria dos alunos da FEBF, quando nos procura já tem algo em mente. O que fazemos é apenas lapidar a ideia, é torná-la possível de realizar-se. Mas a criação nunca é imposta. Ela vem de dentro, nasce do desejo e como toda criação, só pode existir na relação de si para si. Ela nasce de alguma coisa que em algum momento nos tocou, nos sensibilizou, como o desejo de criar heróis. Esse foi o caso do programa da aluna Débora, *Juca Mineiro um Herói Brasileiro*. Os vídeos, com suas imagens mudas que falam, enunciam o desejo de uma vida cheia de aventuras, mesmo que imaginária. *Tai chi* narra o desejo de compartilhar as experiências transformadoras como fez o Mauricio trazendo o relato das pessoas explicando porque resolveram praticar o *Tai chi*. Da mesma forma, Eni Camilo e Caroline desejaram criar uma experiência intelectual compartilhada quando convidaram as amigas para contar suas práticas de contação de histórias para crianças. *Caminhos do oriente* criado por Maria José ultrapassava a ideia de um programa sobre artes marciais, trazendo também um pouco da cultura da Baixada que originou cada uma das lutas e o *Vozes urbanas* que mostra mais do que o comportamento dos jovens de periferia, apresenta o quanto a periferia se mantém em movimento organizando seus eventos culturais. Todas essas produções tornam visíveis e enunciam as marcas territoriais da Baixada Fluminense. São histórias que refletem sonhos, expectativas, desejos e conhecimentos pouco compartilhados sobre a periferia do Rio de Janeiro.

Além dessas, alguns projetos de programas que não foram nunca gravados como *Além do Óbvio*, que seria feito por mim e pela Arianna, também estavam voltados para mostrar a Baixada Fluminense que não aparece nos telejornais. A ideia era mostrar os museus, igrejas históricas, arenas culturais e lugares turísticos. Porém, não foi possível conciliar a nossa agenda com a dos outros programas, uma vez que eu e Arianna fazíamos as produções de outros integrantes. Depois de algum tempo Arianna criou o programa dela o *D.R – Discutindo a Relação*, que consistia em entrevistas com casais sobre suas relações. Neste caso, Arianna está territorializando as marcas da Faculdade de Comunicação da Zona Sul do Rio de Janeiro, que ele estava começando a cursar. Um gênero típico das grandes emissoras que surgiu pela primeira vez na FEBF.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este percurso colocamos alguns temas e problemas relacionados as produções audiovisuais e as tecnologias de educação e comunicação que acontecem na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. O que nos permitiu extrair algumas conclusões, ressaltando, que uma cartografia não termina, visto que deixa rastros. Contudo algumas questões nortearam este trabalho. O que primeiro me chamou atenção foi o fato de alguns alunos ficarem no projeto mesmo depois de cumprir as disciplinas. Mas isso ainda não era uma questão a ser estudada.

A primeira pista surgiu quando verifiquei que as práticas adotadas no laboratório divergem das práticas tradicionais usadas na educação. Então surge uma questão: qual é a motivação dos integrantes do grupo e qual seria a força que os atrai e os mantém no projeto? A entrevista com os alunos revela que a motivação inicial foi a curiosidade de trabalhar com a câmera, aprender a editar vídeos, porém ao se depararem com a infinidade de possibilidades que descobrem durante a disciplina Multimídia e educação resolvem ficar e aprender um pouco mais e se envolvem no projeto de produção audiovisual procurando uma linha de fuga, algo que lhes permita experimentar práticas inovadoras e criativas, experimentando uma nova percepção da realidade.

Ainda com o propósito de entender o que querem os alunos de cursos de formação de professores quando procuram um projeto de produção audiovisual, me tornei parte da experiência, fazendo da minha história e das minhas escolhas um pouco do resultado que apresentei ao longo do percurso. Não apenas observando, mas experimentando, me arriscando, aprendendo lado a lado, sentindo as mesmas alegrias e frustrações da equipe, começando sem nenhum conhecimento a respeito do audiovisual a não ser minha experiência como expectadora. Eu e o grupo procurávamos encontrar práticas que se afastem do modelo de formação de expectador. Pois com o uso do audiovisual cada vez cotidiano devido à cultura da convergência ninguém quer mais ser apenas espectador. Os futuros professores e pedagogos querem ser autores e atores de seus próprios vídeos, com liberdade e autonomia para ousarem e criarem algo que está além daquilo que as máquinas

de controle social ditam, e no Laborav encontramos um espaço para descrever conforme nossas percepções, nossa própria subjetividade.

A outra pista que segui foi relacionada às práticas exercidas no laboratório audiovisual. Seriam elas um modo de subjetivação indicado para um processo de subjetivação autônomo? Entendo que o processo de produção e criação realizados no Laborav indicam um processo de cooperação que se constitui fora da relação com o capital. Nós adotamos uma organização alternativa, sem hierarquia, as pessoas vão decidindo em qual equipe querem participar e tudo acontece sem imposição, sem esperar um retorno financeiro ou acadêmico. O Laborav se configura muito mais como um espaço para trocas do que para resultados finais. Temos que nos readaptar a cada novo integrante do grupo, para que as trocas de ideias aconteçam nos adequamos aos prazos e as greves. Nossas produções igualmente se adequam a questões internas e externas. Cada integrante do grupo traz novas possibilidades, inquietações gerando novas territorializações. É importante ressaltar que o mérito dos programas não está apenas em sua própria existência, mas também na relação que estabelecemos durante todo processo de gravação e edição tanto com o equipamento e enquanto grupo de alunos de diversos cursos como pedagogia, matemática e geografia, além de moradores da comunidade. Essa forma de produção audiovisual é muito além de um saber técnico, cria um novo método de se conhecer o ser humano através daquilo que ele mesmo produz, transformando a comunicação em uma mediação cultural através dos vídeos produzidos, criando novas subjetividades.

O próprio método adotado no Laborav se configura como uma linha de fuga para as políticas cognitivas do ensino tradicional tão cultivado nos cursos de formação de professores.

Por muitas vezes questioneei esta metodologia de aprender enquanto se faz, devido à formação estruturada em quatro anos de estudos de métodos no curso de pedagogia, logo, foi difícil aceitar o “não método”, a experimentação, porém observando nossa própria evolução foi possível perceber que cada um pode evoluir no seu próprio tempo, sem as imposições de datas e avaliações. Referindo-me principalmente a questão da pesquisa e do método, eu, já habituada às pesquisas de método quantitativo que visam o controle e a previsão dos meios para atingir os

fins desejados, me vi em busca do processo como algo mais importante da pesquisa

O modo singular com que este aprendizado acontece proporciona experiências únicas, que se mostram como não como um círculo fechado, mas como um espiral, num ciclo de conhecimentos em movimentos contínuos.

REFERÊNCIAS

APPLE, Michael W. Repensando ideologia e currículo. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.

BAPTISTA, Maria Aparecida- **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**, v.I, Magia e técnica, arte e política, São Paulo: Rounet, 1995.

BAPTISTA, Maria Aparecida- **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1995.

CAMARGO, Silvio. **Considerações sobre o conceito de trabalho imaterial**: disponível em: <periodicos.ufpel.edu.br > acesso em: 15 set. 2013.

DELEUZE, Guilles; PARNET, Claret. **Diálogos**. São Paulo: Relógio D'água, 1997.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Guilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v.1 Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Guilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia v.2. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Guilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia v.3. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Guilles. GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia v.4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Guilles. Que és um dispositivo? In: MICHAEL Foucault: filosofo. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

DELEUZE, Gilles. **O que é filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. E Alberto Alonzo Muñoz. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 6.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 6 ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. (1995)

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 6.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a educação** Rio de Janeiro: Editora, 2010

GORZ, André. **O imaterial**. São Paulo: Annablume, 2005.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**. Editora 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely; **Microplíticas: cartografias do desejo**. Rio de Janeiro: Vozes, 2005.

KASTRUP, Virgínia. Políticas cognitivas na formação do professor eo problema do devir-mestre. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, 2005.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Civilização brasileira, 2006.

LAZZARATO, Maurizio; NEGRI, Antonio. **Trabalho imaterial**. Rio de Janeiro: DP & A editora, 2008.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa; SILVA, Tomaz Tadeu da. (Orgs.); **Currículo: questões atuais**. Campinas, SP: Papirus Editora, 1997.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REGO, Alita Sá. Informações Eletrônicas, **Ata de reunião de produção**, [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <rffagundesbarros@gmail.com> em 20 jun.2013.

ROLNIK, Suely. **Pensamento crpo e dvir** - Uma perspectiva étio/estético/política no trabalho acadêmico. 1993. Disponível em <<http://www4.pucsp.br/nucleodesubjetividade>> acessado em 15 de fev.2013

VALENTE, J.A e VALENTE, A.B. **Logo**: conceitos, aplicações e projetos. São Paulo: McGraw-Hill, 1988.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de deleuze**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2004.< <http://claudioulpiano.org.br>. > Acesso em jan. de 2014.

ANEXOS:

A ementa da disciplina multimídia e Educação

	UNIDADE: FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE				
	DEPARTAMENTO: DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO				
	DISCIPLINA: MULTIMÍDIA E EDUCAÇÃO II				
CH TOTAL	45	CRÉDITOS	3	CÓDIGO	
Característica:		Cursos:			
<input type="checkbox"/>	Obrigatória	Licenciatura em Pedagogia			
<input type="checkbox"/>	Eletiva restrita	Licenciatura em Matemática			
<input type="checkbox"/>	Eletiva definida	Licenciatura em Geografia			
<input checked="" type="checkbox"/>	Eletiva universal				
Carga Horária:		Distribuição de carga horária da disciplina:			
do Aluno		do Professor		Tipo de aula:	
45 H		45 H		Semanal	
				Semestral	
				Teórica	
				Prática	
				Laboratório	
				Estágio	
				Total	
				3	
				45	
Objetivos					
Exame das potencialidades educacionais da combinação de texto, gráficos, sons, animações e vídeos através de máquinas informacionais, redes digitais e outros meios eletrônicos. Primeiras experiências de produção de conteúdos educacionais em multimídia.					
Conceitos de outras disciplinas necessários para a aprendizagem desta disciplina:					
Pré-requisito(s) sugerido(s): MULTIMÍDIA E EDUCAÇÃO I				Código:	
Pré-requisito:				Código:	
Ementa:					
Desenvolvimento de publicações eletrônicas. Forma, conteúdo, criação e circulação do conhecimento compartilhado. Pesquisa na rede. Recursos e ferramentas para publicação na rede. Estruturação de redes informacionais para fins educacionais.					
Bibliografia					
TWAY, Linda. Multimídia para novos usuários. RJ: 1993.					
JOHNSON, S. Cultura da Interface.					
LEVY, P. As tecnologias da inteligência.					
LEVY, P. Cibercultura.					
DELEUZE e GUATTARI, Rizoma in Mil Platôs, volume 1. Editora 34.					
PADUA e FILHO. Multimídia, conceitos e aplicações. LTC, 2000.					
MELLO, JG. Dicionário de multimídia. Arte e Ciência, 2003.					
BOUGNOUX, D. Introdução às ciências da informação e da comunicação. Petrópolis: Vozes, 1998.					
Professor proponente		Chefe do Departamento		Diretor	
Data	Assinatura/matr.	Data	Rubrica	Data	Rubrica

A seguir apresentaremos as disciplinas obrigatórias para o curso de pedagogia e formação de professores, que como é possível observar não integrou nenhuma disciplina relacionada a tecnologia da informação da comunicação.

Primeiro período

Cultura: o Local e o Global I , Educação, Linguagem e Conhecimento I A, Escola como Espaço Político e Pedagógico I A, Perspectiva Histórica das Ideias e Práticas Pedagógicas I A, Eletiva Universal*

Segundo período

Cultura: o Local e o Global II , Educação, Linguagem e Conhecimento II A, Escola como Espaço Político e Pedagógico II A, Perspectiva Histórica das Ideias e Práticas Pedagógicas II A, Eletiva Universal*

Terceiro período

Cultura: o Local e o Global III , Educação, Linguagem e Conhecimento III A, Escola como Espaço Político e Pedagógico III A, Perspectiva Histórica das Ideias e Práticas Pedagógicas III A, Eletiva Universal*

Quarto período

Cultura: o Local e o Global IV , Educação, Linguagem e Conhecimento IV , Escola como Espaço Político e Pedagógico IV , Perspectiva Histórica das Ideias e Práticas Pedagógicas IV , Eletiva Universal*

Quinto período

Criança e sua Escolarização I, Arte, Movimento e Ludicidade , Estatística Aplicada à Educação, Tendências Atuais do Ensino da Língua Portuguesa I A, Trabalho e Educação, Disciplina Universal

Sexto período

A Criança e sua escolarização II, Gestão de sistemas educacionais II, Tendências atuais no ensino da língua portuguesa II, Tendências atuais do ensino da Matemática II, Estágio supervisionado I, - Docência da Educação Infantil. Disciplina Universal

Sétimo período

Educação inclusiva, Gestão de sistemas educacionais II, Tendências atuais no ensino da História, Tendências atuais do ensino da Matemática II, Estágio supervisionado I, - Docência da Educação Fundamental. Disciplina Universal

Oitavo período

Avaliação institucional, Gestão de sistemas educacionais III, Tendências atuais do ensino da geografia , Tendências atuais do ensino de ciências, Estágio Supervisionado III – Docência do Ensino Médio e Gestão dos Sistemas Educacionais, Eletiva universal.

	UNIDADE: FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA BAIXADA FLUMINENSE				
	DEPARTAMENTO: DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO				
	DISCIPLINA: MULTIMÍDIA E EDUCAÇÃO I				
CH TOTAL	90	CRÉDITOS	5	CÓDIGO	
Característica:		Cursos:			
<input type="checkbox"/>	Obrigatória	Licenciatura em Pedagogia			
<input type="checkbox"/>	Eletiva restrita	Licenciatura em Matemática			
<input type="checkbox"/>	Eletiva definida	Licenciatura em Geografia			
<input checked="" type="checkbox"/>	Eletiva universal				
Carga Horária:		Distribuição de carga horária da disciplina:			
do Aluno		do Professor		Tipo de aula:	
90 H		80 H		Semanal	
				Semestral	
				Teórica	
				Prática	
				Laboratório	
				Estágio	
				Total	
				4	
				60	
				2	
				30	
				6	
				90	
Objetivos					
Exame das potencialidades educacionais da combinação de texto, gráficos, sons, animações e vídeos através de máquinas informacionais, redes digitais e outros meios eletrônicos. Primeiras experiências de produção de conteúdos educacionais em multimídia.					
Conceitos de outras disciplinas necessários para a aprendizagem desta disciplina:					
Pré-requisito(s) sugerido(s):				Código:	
Pré-requisito:				Código:	
Ementa:					
Desenvolvimento de publicações eletrônicas. Forma, conteúdo, criação e circulação do conhecimento compartilhado. Pesquisa na rede. Recursos e ferramentas para publicação na rede. Estruturação de redes informacionais para fins educacionais.					
Bibliografia					
TWAY, Linda. Multimídia para novos usuários. RJ: 1993.					
JOHNSON, S. Cultura da Interface.					
LEVY, P. As tecnologias da inteligência.					
LEVY, P. Cibercultura.					
DELEUZE e GUATTARI, Rizoma in Mil Platôs, volume 1. Editora 34.					
PADUA e FILHO. Multimídia, conceitos e aplicações. LTC, 2000.					
MELLO, JG. Dicionário de multimídia. Arte e Ciência, 2003.					
BOUGNOUX, D. Introdução às ciências da informação e da comunicação. Petrópolis: Vozes, 1998.					
Professor proponente		Chefe do Departamento		Diretor	
Data	Assinatura/matr.	Data	Rubrica	Data	Rubrica

Algumas Atas:

Ata do dia 21.03.2011

Presentes`

Amanda, Marcia Rocha, Juliete, Luciano, Lu Brasil, Cecile, Henrique Sá, Nélia (Jairo chegou depois) Pedro Albuquerque. Gisele, Felype Bastos de reuniu antes com Alita

1. Apresentação dos integrantes do grupo e da CPMK

- Alita apresentou o projeto da Central de Produções Multimídia Kaxinawá, que está em anexo. A partir de final de maio/início de junho a central irá funcionar na sala de Zene, que irá se mudar para a sala de baixo. A central será o espaço de reunião e pensamento dos integrantes dos diversos laboratórios da FEBF(estúdio de áudio, Laborav, Rádio Kaxinawá, Iptv Kaxinawa, Laboratório de Informática) .
- A pessoa responsável pelo funcionamento da CPMK será o Felype Bastos. Ele irá substituir a Márcia Rocha no controle e manutenção dos equipamentos, além de dar suporte técnico as nossas produções. Felype também será responsável pela moderação do grupo da CPMK na rede, além de fazer o atendimento e encaminharalunos e professores que estejam em processo de produção projetos multimídia. TV, vídeos e pgms de rádio e gravações para os estagiários e integrantes de cada laboratório. Ele também ficará responsável por anotar e encaminhar as demandas de equipamentos e além de garantir as reservas (auditório, laboratório de informática, sala 107, data show). Ele deverá estabelecer o horário em que estará disponível para estas atividades e divulgá-lo. Ele também está encarregado de colocar as informações do dia na tela diante da secretaria. (Enquanto não temos a nossa sala, nosso ponto de encontro será a sala 106, a nova sala de reuniões de departamento, ao lado da secretaria) .
- Nossas reuniões serão às segundas feiras, de 15 em 15 dias, quando daremos a posição do que cada um está fazendo. A próxima reunião será no dia 4 de abril, quando todos deverão prestar contas de seus trabalhos.
- De acordo com o prof. Henrique Sobreira, Amanda, Rodrigo Mesquita, Jairo Thuany e sua outra estagiária estão encarregados da produção do 5ª Dimensão, sendo que a Amanda poderá nos auxiliar também no uso da

câmera e da ilha de edição e transmissão (na parte de iluminação) , além de atuar como professora nos cursos de capacitação

- Todas as segundas feiras e quartas feiras entre 14h30 e 18h30 Alita estará à disposição para discutir projetos de vídeo, produções, dúvidas e demandas existentes(dia de despacho) e orientações . Será ou na sala 106 quando for reunião de grupo ou na sala do mestrado para encontros pessoais)
2. A CPMK terá quatro eixos de atuação na área do audiovisual/Laborav/IPTV Kaxinawa
- a. **Pesquisa teórica.** Os diferentes grupos de pesquisa (Mauro e Alita) deverão fixar o dia de suas reuniões (Acho que já está meio estabelecido:Mauro: 2ª feira depois da aula. Alita: 3ª feira a partir de 14h30 até 17h30)
 - b. **Pesquisa prática:** cada integrante do grupo de pesquisa de audiovisual deverá ter um projeto pessoal de imagem sensorial, cuja equipe será formada pelos outros integrantes do grupo. Além dos projetos, serão propostos exercícios práticos como complemento das discussões do grupo na 3ª feira.
 - c. **Produção de programas para a IPTV Kaxinawá** e projetos individuais de alunos e professores:

A IPTV Kaxinawá terá uma equipe básica:

 - Produção de base: Simone . Ela deverá contar com o suporte da Cecile e da Márcia. Deverá ficar encarregada de autorizações, marcar o transporte, conseguir verba para saídas e separar o equipamento junto com o produtor de cada equipe e o Felype. Todos os pedidos devem ser agendados com uma antecedência de pelo menos 15 dias, principalmente se for para gravações em externa. (Márcia, será que vc ainda se mantém responsável por conseguir verbas com a Kátia e a condução com o Gilson ou então ensina o caminho das pedrinhas para a Simone?)
 - i. Simone, por favor, enquanto ainda não tem nenhuma produção, faça um levantamento do material que já temos gravado? Peça

para a Érica ou a Gisele te ajudar. Por favor, organize também uma lista de contato de todos os que estão ligados ao CPMK. Equipes de gravação, do estúdio de som, rádio, etc. Será bom fazer uma ficha para todos preencherem e depois passar para o computador que vou disponibilizar para nós, e que ficará na minha sala do mestrado.)

1. Temos material gravado no Centro Cultural José Bonifácio sobre cultura negra, realizado pela Paula Andrea que está espetacular),
 2. as fitas do lixão Gramacho, da cooperativa dos pescadores que também pode dar um bom documentário.
 3. material sobre o lixão realizado pela turma de multimídia do semestre passado que está com Henrique Sá.
 4. Quem Cala Consente que devem ser editados, com ou sem o Lobato.
- Câmera: Juliete Ela deverá passar por um processo de capacitação com Luciano e Amanda. Eles devem marcar um dia para ele explicar os princípios básicos para ela, que deverá se exercitar duas vezes por semana. Amanda e Henrique Sá também podem participar deste processo de treinamento, que basicamente ficará sob a responsabilidade do Luciano. Juliete deverá estar disponível durante 3 dias na semana para gravar os diversos projetos de alunos e professores. As gravações deverão ser agendadas com antecedência com o Felipe, a Simone e/ou Cecile. Será preciso adequar o horário à disponibilidade dos dias marcados pela Juliete e o Luciano
 - Edição: Gisele. Ela deverá passar por um processo de capacitação com Henrique Sá e Amanda. Ela deverá marcar um horário 3 dias por semana para ficar editando pelo menos durante 4 horas. Sugiro que o primeiro projeto seja sobre a Capoeira (Centro Cultural José Bonifácio). Tente fazer contato com a Maria José e a Paula Andrea. Já dei um material de

pesquisa para ela sobre a capoeira, e creio que ela tem um bom material gravado.

- Roteiro: Cecile e Alita
- Trilhas sonoras: Pedro Albuquerque
- Animações e vinhetas de abertura: Henrique Sá e Jairo
- Sonorização: Pedro Albuquerque e Marcelo Anarquia
- Transmissão: cada um deve escolher um dia na semana e separar uma hora para transmitir um pgm pela IPTV Kaxinawá. Tem um aluno da turma de Multimídia e Educação que se ofereceu para aprender e participar das transmissões.
- Direção Geral de Programas e projetos : Alita Sá Rego

d. **Capacitação dos alunos da FEBF:**

- i. Deveremos montar a 3ª oficina pratica da Idéia ao produto final
Professores: Alita, Cecile, Luciano, Amanda. Vamos tentar fazer a oficina em Maio/junho? Podemos nos reunir nesta segunda/quarta para fazer o planejamento?

e. Criação de uma videoteca na Biblioteca

- i. Simone ficou encarregada de verificar como podemos fazer isso.

f. Organização de seminários com pessoas de fora sobre audiovisual

- i. Alita vai ver o edital da Faperj para ver se consegue verba. Senão, podemos tentar uma parceria com a prefeitura de Caxias.

3. Produções em andamento

- a. Quem cala consente: Luciano, Gisele e Henrique Sá podem editar ?
Simone/Márcia: Por favor, tentem encontrar o Lobato e avisar o que vamos fazer e convida-lo para fazer outro pgm
- b. Caminhos do Oriente: Maria José deve marcar uma data para edição com a Gisele (sob a supervisão do Henrique Sá ou da Amanda) .(Maria José:Que tal quinta feira? Você deve aproveitar amanhã e depois para olhar as imagens (decupar) e imaginar um roteiro.

- c. Japa Cosplay:Jairo vai terminar a edição do segundo pgm e marcar a produção do 3º) Jairo, por favor, complete a ata com o seu cronograma.
- d. Loucarte: Juliete deve fazer sua primeira gravação com a Hand Cam no “edifício do terror” e marcar as gravações em locação do primeiro roteiro. Sugiro que ela converse com a Cecile para fazer um plano de gravação amanhã, depois do grupo de estudos. Primeiro Juliete deve enviar o roteiro para ela.(peguem os telefones de contato na lista que a Simone fará) Depois que vcs fizerem o plano de gravação, entreguem para a Simone /Márcia para realizarem.
- e. Vulva Fucsia : Simone (por favor, faça contato com a Elizete (Ny Marinho) para ver se continua ou desiste.
- f. Voz Urbana:Já tem dois pgms gravados que faltam editar.(Lu Brasil, junte-se com a Érica para fazer o planejamento. Parece que a Jessica está totalmente sem tempo)
- g. **Documentário Kabaret Berlin:Projeto de Henrique Sá.**Documentar o trabalho do duo fluminense Kabaret Berlin formado pelo cantor Servio Tulio e o pianista Glauco Martins Baptista. O documentário acompanhará um ensaio na Sede da Orquestra e Coral de Câmara de Niterói, Avenida Amaral Peixoto 96, sala 403, no centro de Niterói-RJ e uma apresentação no Festival de Música Clássica de Teresópolis, que ocorrerão respectivamente nos dias 9 e 10 de Abril.

Equipamentos:

Câmera Z1, baterias e carregadores;

HD externo e bateria;

Microfone Boom;

Microfone Normal e Cabo;

Transporte:Kombi para transporte de equipamentos até Avenida Amaral Peixoto 96, sala 403, no centro de Niterói-RJ;

Equipe Técnica:

Câmera, direção: Henrique de Sá;

- E o áudio, como será captado? Direto da mesa? Procure o Luciano ou a Amanda para te ajudar na captação do áudio, ou então converse com o Pedro

Albuquerque para ver como ele faz com o programa dele.) e alguém para ajudar na produção. A Márcia é boa, ou então tente a Cecile. A Simone pode fazer a produção de base, pedindo autorização para o Gilson e grana para a gasolina, uma pequena verba para emergência (estacionamento, etc) e o controle da saída do equipamento junto com vc. A saída do equipamento, por enquanto será coma Simone, com ajuda da Márcia.

- As autorizações para uso de imagem o produtor deve pedir para o duo. Para o direito autoral das músicas, tem que saber quem é o compositor. Se são de domínio publico ou se eles conseguem a liberação do pagamento dos direitos.

A responsabilidade pela retirada, entrega, transporte e segurança do Equipamento estará a cargo de Henrique de Sá, que retirará os equipamentos no dia 8 e entregará no dia 11.

4. Inmediun: incubadora de empresas: a Minuta da incubadora já está pronta. O prof. Mauro deve se reunir com a Alita e a Marize para dar prosseguimento ao projeto. Precisamos nos tornar autossustentáveis .

Acho que está tudo aqui. Se faltar alguma coisa, por favor, me avisem. (Se por acaso faltar alguma produção, ou necessidade de comentário, o responsável deve completar a ata com cor diferente e enviar para o grupo.)

Alita

28/03/2011

Ata de 23/05/2011 (em 30/05)

Presentes: Fabiano, Luciano, Cecile, Tamara, Nelia, Gisele, Márcia rocha, Lu Brasil, Mariana, Suzana e Amanda, Simone

1. Informes gerais:

- a. Amanda reclamou que na gravação do 5 encontrou restos de bolo e glacê na sala 105, parecendo que tinha acontecido uma festa de aniversário. AO equipamento estava sujo. Tinha pedaços de bolo por todo lado. Parece

que foi de propósito. Avisou que é preciso ter zelo com as coisas, e que é totalmente proibido comer perto de qualquer equipamento. Foi sugerido colocar um cartaz avisando que é proibido comer no local. Amanda achava que tinha sido a turma de multimídia e educação quem fez a sujeira. Mas a turma não teve aula no estúdio, pois foi uma aula teórica. Alguém comentou que teve uma festa de aniversário na sala 105.

- b. Luciano: falou que vai colocar o logo da UERJ no microfone que ele trouxe com uma caixinha preta. Mídia. Tem quatro lados. Os logos devem ser: Laborav, (TV com interrogação) em dois lados; FEBF e UERJ (foi feito?)
- c. Foi discutido o pgm do Canal Laborav que deve passar na TV do lado da secretaria às terças feiras, com transmissão ao vivo e pré-gravadas. Luciano falou que não pode ter áudio porque senão vai atrapalhar o pessoal da secretaria. Ele completou dizendo que sem áudio vai ficar sensorial demais. Ele sugeriu que a transmissão fosse no pátio, como o cineclube, entre 13hs e 15hs. Foi comentado que nesse horário não tem quase ninguém na FEBF. Foi sugerida uma sessão extra do cineclube, com um blockbuster e antes passando 15 minutos de programação da TV kaxinawa. Acho que a exibição do pgm do Laborav deve ter uma discussão mais aprofundada. Podem pensar em soluções hoje. Talvez no auditório com certificado? Ficar passando em looping direto, sempre que o auditório não estiver em uso? Pensem e discutam, cheguem a uma conclusão.
- d. Manutenção da comunidade no Facebook. Não terá uma pessoa encarregada. Todos devem postar comentários sobre os pgms, recomendações de filmes, links no youtube, etc.
- e. Luciano sugere que os manuais dos equipamentos (tricaster, câmeras, tripés, refletores, etc) fiquem na sala do aquário para serem consultados quando necessário. Gisele ficou de coloca-os lá (Fez isso
- f. Luciano comunicou que o tricaster já está funcionando a pleno vapor, tendo sido utilizado na gravação do 5ª dimensão e na entrevista com a Prof Marize. Ele está sugerindo um computador suplementar para

sobrecarregar menos o tricastar e que fosse operado por uma segunda pessoa, liberando o operador do tricastar para se dedicar a direção de imagem e corte. Ele sugeriu o uso de um notebook com um software de compatibilidade que pode ser baixado da internet. O computador deve ter uma saída vga para fazer vídeo conferencia pelo skype e exibir em tela cheia. Também para carregar osvideografismos realizados no after efects ou no photoshop. Ele comentou que o tricastar tem uma porta que vai reconhecer o computador externo como um servidor. Assim a gente pode alimentar o computador e poderemos transmitir um filme inteiro pela internet.

- g. Curso capacitação; HenriqueSá e Fabiano estão propondo uma oficina de edição em Linux , prática e teórica. A duração seria de 1 mês e meio duas vezes por semana. Sugiro que seja um curso de férias, começando em julho).
 - h. Lucinaose propõe a dar um curso de câmera a partir de 16 de junho as 17e 30, com 10 alunos. Câmeras da Sony.
 - i. Mariana e Alita estão esperando a resposta de Felype Bastos para a visita ao cinema noParque fluminense no dia 2 de junho. Encontro na FEBF dia 2 de junho. Mariana 0004608 para ver o que tipo de parceria podemos fazer com eles. Luciano sugere fazer uma visita técnica para ensinar a projeção digital eprojeter de película. Entrevista com o projecionista. Alita sugeriu desenvolver a idéia para um projeto coletivo de uma série de pgms sobre a passage do analógico para o digital. Pode-se visitar a cinemateca do Man, o CTAV, a casa de Rui Barbosa. Seria um projeto coletivo, onde cada um faria um episódio.(discutam se aprovam a idéia)
2. Cineclube Laborav: Fabiano e Luciano apresentaram as chamadas e trailerspara o cineclube da semana que vem e da próxima. Mariana falou que vai colocar a programação da próxima mostra no grupo e no facebook. Luciano fez a chamada com trailer que passou na abertura do cineclube. Ele também fez uma vinheta de abertura para as produções do Laborav que está muito boa. Peçam a ele para exibir para vcs. Essa abertura deve ser colocada em todas as produções do Laborav, no começo e no final. Tâmara vai fazer

hoje de noite o de crepúsculo dos deuses. Será preciso refazer o clipe de abertura que Fabiano. Será preciso fazer a vinheta para o sanduíche e o contato com alguém de produção cinematográfica. Vou ver se consigo alguém para a próxima 4ª feira. Talvez consiga uma produtora, mas não sei se será de Porto Alegre. Ela seria interessante para falar sobre a produção em geral do cinema no Brasil, principalmente dos documentários. Colocar os vídeos prontos na sala da Alita no mestrado. Luciano já trouxe a cópia do crepúsculo e do saneamento básico. Ele sugere que se teste o DVD no aparelho que irá tocar. Alita vai colocar no armário na sala do mestrado. Vai fazer a DVD de cópia acadêmica para deixar na biblioteca. Filmes o Luciano fez uma cópia para guardar. Copiar o saneamento básico. Lu copiou para DVD. A cópia deve ser testada em um aparelho de DVD antes de 4ª feira.

3. Projetos pessoais

- a. Marcia e Tamara= 1ª gravação do pgm 4 feira depois de amanhã no mate com angu. Tudo está reservado. 3ª que vem vai editar com Henriquinho. Utilizar a entrevista com o cara do mate com angu que já foi realizada. Somar com o trabalho da Dani Francisco. Elas querem criar a vinheta e abertura que será realizada pelo padrasto da Tamara.(Ficou pronta? Senão, peçam ao Fabiano). Foram sugeridos 3 nomes para o pgm: Gambiarra, Circuito aberto e Periferia sem roteiro. Como logo, Márcia sugere uma imagem de gambiarra. O nome gambiarra foi complementado pela palavra cultural, terminando como Gambiarra Cultural. O slogan é : Um programa sem roteiro. A apresentação de estreia será Dia 9 de junho, terça feira. No dia 31 de maio começam as gravações do Pgm da Tamarana biblioteca do Jardim América. Na biblioteca, as crianças não ficam sentadas, acontecem oficinas de criação. O pgm está previsto para ser apresentado no dia 21 de junho. Reserva de equipamentos: Rodrigo Mesquita, reserva do Gilson e autorizações. (a produção para amanhã, como anda? Está em dia? Relatem como foi a gravação e marquem a edição. Comecem pela decupagem do material já gravado)
- b. Quem cala consente. Simone ligou para pedir autorização no Cristo, para realizar gravação no dia 26. Pediram para enviar um e mail/fax. Ela já fez a mas eles ainda não retornaram. A sugestão foi deixar o Cristo para

depois, porque tecnicamente será muito difícil a gravação, por causa da distancia. Luciano afirma que seria preciso uma lente grande angular, pois não tem campo para filmar. Se for um dia de muito sol também será complicado, mas será um bom treino para todos resolver esses problemas. Para isso seria interessante ir antes na locação para ver as condições de gravação. Lu sugeriu gravar com o Lobato em CK com o Cristo no fundo. Luciano diz que corre o risco de ficar super brega. Ele sugeriu gravar o Luis Gonzaga no Pavilhão de São Cristóvão. Lu falou que assim era melhor partir para a Brigitte, em Buzios. O Fabiano tem um vídeo com ela. (a estátua?) O que ficou resolvido?

- c. Nelia falou que vai para Belém em junho e que tem um hand cam. Ela vai aproveitar para realizar entrevistas para a dissertação dela. (Podia fazer um pgm no mercado ver o peso, com imagens recentes e imagens de arquivo.) Ela tem um projeto sobre a dança, mas ainda não se mobilizou para realiza-lo. Não fez nem pesquisa e nem procurou as pessoas como a Faculdade de Dança da Angel Viana ou a Débora Colker para entrevistas (Sugestão: ela também pode registrar as escolas de dança e dançarinas de Belém)
- d. Lu. Já terminou o voz urbana, que deve ser avaliado e aprovado para ser finalizado (passem o vídeo hoje) Ela trouxe um vídeo sobre a AIDS que quer passar em algum lugar da programação do Laborav. Produção independente da comunidade. Que tal passarmos antes do filme do cineclube?
- e. Cecile: não chegou a conclusão. Queria fazer um vídeo sobre a arte na renascença, misturando vídeos, quadros, misturar filmes ela fez uma lista sobre o que poderia entrar. Ver cosmos. Tudo com material de arquivo. O problema seriam as autorizações para uso de imagem, mesmo se for material colhido no youtube. (seria um projeto experimental uma espécie de mashup com imagens com menos de 1 minuto? Faça a pesquisa, bole um roteiro que experimentaremos na edição.)
- f. Simone falou que o chiclete com meleca travou por causa do Jairo, que está sem tempo. Alita sugeriu que ela visse se o pessoal da FFP podia ajudar. Cecile falou que tinha uma mesa para desenho muito antiga.

Comentou-se que na FEBF existe uma mesa gráfica. Simone falou que quem desenha mesmo é o Jairo. Foi sugerido que ela fizesse um desenho mais baseado no traço, como o das Cobras do Verissimo. Simone pode treinar com a mesa gráfica. Ela disse que só falta finalizar o roteiro. Alita relembrou a idéia de filmar numa sala de aula. Todo em voz off, com imagens apenas dos pés, já que a meleca e o chiclete estão presos embaixo das carteiras. Lu Brasil ficou de procurar um ator que fale bem em off. Simone deve marcar para fazer uma Revisão de roteiro com a Cecile.

- g. Gisele: quer dar continuidade ao Aconteceu comigo na escola. Ela vai ver com a Camila Colombeli se ela cede os direitos autorais. Também pensou em fazer um programa de Conversa de banco de ônibus, onde ela pega um passageiro para contar uma história sobre a sua viagem de ônibus. Pode fazer com um telefone. A idéia foi considerada muito interessante, pois o ônibus é um território que funciona como um ponto de confluência de pessoas que só se encontram nele, durante um breve espaço de tempo. Ela ficou de começar a gravar imediatamente. (começou?)
- h. Thiago deve apresentar o seu projeto.

Ata de 18.04.1

Presentes:

Felipe, Amanda, Suzane, Nelia, Fabiano, Rodrigo Mesquita, Henrique Sá, Tamara, Luciano.

Felipe e Amanda falaram sobre a necessidade de comprar mais um HD de 500 para colocar na ilha do Laborav. Amanda falou que é preciso um levantamento para esvaziar a ilha. Alita vai ver se na próxima segunda-feira vai fazer isso.

1. Marcia e Tamara não estavam presentes.
2. Cineclube no pátio. Não tem equipamento de som.. Caixa do auditório. Fabiano já pediu para consertar com gambiarra. Henrique sugere um transmissor FM. 130,00 enfiar no aparelho de DVD ouve no celular, mp3. Colocar um rádio ligado na frequência .toda quarta-feira. Encomendar caixas de som. Home teatre. 500,00 Phillips. Colocar a caixa na próxima 4ª feira. Canal Laborav. Passar cantando na chuva. Em cima do tablado

venta. Botar em parede. Em frente da biblioteca. Tem que amarrar. Pintar a parede do CA de branco. Pedir 'a direção.. Lona de vinil para out door. Parede disponível. Parede do lado da cantina antiga. Colocar a tela. Fazer teste amanhã. Divulgar no mural eletrônica. Ao lado do bebedouro. Passar no mural eletrônico. Prestar atenção na tomada. O problema são as pessoas. Colocar fita crepe. Passar conteúdo Laborav. Não tem computador suficiente. Computador aposentado na sala de formação suporta. Computador seria para iniciar o pessoal na edição. Porque não tem placa de some porque eles já estão pegando o premiere. O pessoal do laboratório ficou de instalar o frive de áudio da placa. Pela Amanda pode. O computador está sem uso. É para usar o Vegas. O que se usa mais é o outro. Precisa saber da memória dele. O computador inabilitado. Fabiano.

3. Projetos pessoais. Nelia quer desenvolver um projeto. Tem que escrever o que quer fazer. Cecile: arte Pensou em usar imagens de Caxias e autores. Vinhetas na programação. Imaginario PERIFERICO . Cecile e Luciano estão amadurecendo.
4. Treinamento: Gisele veio um dia ou outro. Fez o levantamento das fitas. Deve apresentar por escrito.
5. Simone pediu o telefone e e-mail para fazer uma relação dos contatos. Ver com ela. Simone chegou. Simone fez a lista dos contatos. Só falta o Jairo e a Nicinha.
6. Lu: Vozes urbana. Do shopping Center. Não quer gravar enquanto não terminar. Deseja fazer o voz urbana aqui na FEBF. E Simone. Problema de áudio, com mic de mãos sem fio. O microfone não funcionou direito. Melhor tirar os que estão com problema de áudio. Verificar se dá para recuperar o áudio. Amanda afirma que é problema de equalização.
7. Vulva fuccia esta editando. Não sabe se dá para ver.
8. Caminhos do oriente. Zezé estão com problemas. Operação tem bastante para editor..

9. Henrique estão editando todo dia de manha. Ele escolheu não ter sincronia perfeita na parte do áudio com vídeo. Não vê problema. Fazer defasagem de vídeo e áudio.
10. Luciano. Tem um rapaz de informática. Para resolver a questão do ip tricastar mas nos computadores para ter um acesso de ip sem usar serviço externo. Um software para se fazer up load para a UERJ do maracanã. Fazer upload para fazer um by pass. Chegar com solução. Quero um ip para botar iptv no ar direto. Encontra a solução de fazer o upload para eles. O problema é a gente subir o conteúdo que a gente quisesse. Fazer uma rede virtual. Fazer reunião com o Paulo. Colocar o servidor lá na UERJ. Luciano pode ir lá todo dia para encher osaco para conseguir as coisas. E falando a mesma língua. A experiência dele no cefetele vai beliscando. Não domina o processo. Teria que ter alguém. O importante é fechar com o pessoal da FEBF com o cara do Cefet. Felype vale a parceria. Marcar hora com o cara.
11. Manutenção do equipamento no cefet quem faz são os alunos. Isso é robada. O cara de lá que faz eletrônica estão ocupado. Solução. UERJ tem curso de engenharia . Colocar estagiário de engenharia do laboratório. Profe disponibilizar o aluno. Abrir bolsa e chamar estagiário. Conversar com a diretora. Especulação financeira, quando no caso não é ganhar dinheiro. Fazer pelo bem comum do que troca de interesses. Alguém que more por aqui. Ele tem colega que frequenta aqui e faz pgm de radio e faz TV. E mora aqui perto. É mais uma pessoa pra colaborar.
12. Vídeo do Henrique as. O vídeo mistura dois tipos de câmera. Se for muito sutil parece erro.
13. Lu e fazendo roteiro. Lobato vai enviar um e mail. Não quer se desligar completamente, não está sem tempo. Quer fazer um com o pessoal mais antigo. Simone encontra com ele de manha.
14. Fazendo vídeo site internet. Blender pgm de edição 3d free Linux .
15. Fabiano: relatório das demandas. Tem que juntar os 3 ainda não conseguiram. Ta faltando tanta coisa que estão faltando o trabalho. Para entregar no dia da reunião. Atitude da Vanessa. Relatório de estudo. Amanda precisa fazer o levantamento das demandas. Em geral.

16. Henrique sobre produzir conteúdo; não compreende a necessidade de alguém aprender alguma coisa com algo. Pensa do ponto de vista do fazer. Pensou a partir do Pedro. O Pedro fica no estúdio e voltou a fazer o pgm de radio. Poe musica, fala alguma coisa. Independente de ser radio ou TV. O que ele vê porque o que é isso é mais o fazer. Fazer vídeo aula. Com capturador de tela e vai explicando. Aula no computador. Pensar preparar o conteúdo para alguém. Acha que está mais para o empenho do laborav esta mais no campo prático. Do que se é educação ou se esta aprendendo com aquilo. O que importa é a pratica. Luciano. A idéia é tirar da idéia do in out. tem gente que consegue construir sozinho. Rodrigo vídeo aula. Limita a singularidade. A experiência em si. Reduz a experiência e sai no molde. Aí vira a experiência de cada lugar. É questão de oportunidade. Nelia. Experiência com oportunidade. Em qq lugar ou na sala de aula. Luciano tentando montar uma metodologia para o ensino do audiovisual na educação. Dar oportunidade. Coloca outra pessoa para ter experiência estética. Os recursos estao ainda não se parou para pensar que o vídeo esta difundido. Mais fácil .equipamento em pedra sabão. Estuda arte na escola com crayon. Discussão.
17. Fernanda passou o pgm dela começou a edição. Na época do bernadard. Tem partes. Em um HD corrompido. Fitas originais. Em matéria de arte. Henrique Sá.
18. Nicinha: Nymarinho
19. Videoteca: só fazer listagem do pedido de vídeo e eles vão tentar a verba pela UERJ e alguém disponibilizar.
20. Falta memorando. De pedido dos alunos. Simone vai quebrar o galho.

Jairo: pgm> tava pensando pela falta de tempo e dinheiro e conversar com o Thiago. Tem afinidade com o conteúdo do pgm. Thiago vai ajudar na parte de edição. Ele tem afinidade com câmera. Thiago para pegar edição. Ele junta com Thiago para editar. Ele ainda tem muito material para descarregar, com coisas em formatos diferentes. As câmeras diferentes formatos diferente. Passava horas para convertendo as imagens. Agora meio que resolveu .mas ele perdeu. Win avi. Temos vários conversores.

Nicinha: esta com pouco para o quarto prg. Falta editar o 3. Já tem decupagem. Dois não vi o três que foi sobre o aborto. 4 sex sohop. Feira erótica no rio centro. A partir do dia 20. Ver o dia certo para pesquisa na internet.

Precisar de conteúdos disciplinas. Passar de meio dia as duas e de cinco as 7.

Passar4 com transmissão

Ata de 02.05.11

Presentes:

Amanda, Suzane, Nelia, Rodrigo Mesquita, Tamara, Luciano, Lu Brasil, Suzana, Mariana, Maria Jose e Márcia (faltaram: Gisele, Juliete e Henrique)

1. Informes gerais

- a. Novos integrantes no grupo. Susana e Mariana do mestrado. Mariana vê Laborav como aprendizado de mais uma competência. Ela já estudou cinema, a pesquisa dela envolve cinema e ela pretende exercer na prática. Suzana é apaixonada por recursos de mídia. Trabalhava com os alunos utilizando as diferentes formas midiáticas e essa será mais uma que ela vai aprender.
- b. Maria José foi na Lira de Ouro (Mate com Angu) e viu que um aluno da geografia é bom de transmissão ao vivo, uso da câmera etc. A Dani Araujo o conhece. Ela ficou de fazer contato com ele para que se integre ao nosso grupo. Professora Alita eu e a Márcia já falamos com o garoto de geografia e convidamos ele para estar presente em nossa próxima reunião. Ele ficou bem animado para trabalhar conosco e principalmente com a chance de ganhar uma bolsa. Esta aberto o edital para o Bolsista nota 10. Converso com ele na segunda. Seguem os contatos que eu lhe falei durante a reunião.

www.angutv.com.br

www.jacutingas.org

www.baixadafacil.com.br(06.05)

- c. A prof. Aurelina veio pegar as cópias que a Márcia estava fazendo para ela e cobrou o treinamento dos alunos dela. Alita sugeriu que eles se incorporassem à turma da noite, que tem apenas 7 alunos. Aurelina falou que são cerca de 14, o que ira demandar uma turma especial que poderia funcionar de tarde. (Sugiro que a gente envie para a Aurelina a ficha de inscrição que já temos pronta (Márcia sabe onde está?) para vermos quantos são realmente e que horários eles tem disponível. E mail da Aurelina: lxxxz@uol.com.br para enviar a ficha de inscrição.
 - d. Avisamos aos produtores/editores que tem muito material arquivado no computador do Laborav. O computador está em manutenção por conflito de memória e não está ligando. Fabiano está consertando e ele deve ficar pronto na quarta, dia 4 de maio. A partir daí vocês devem esvaziar a memória de tudo o que não esta sendo utilizado até terça feira, dia 10. O computador fica muito cheio e trava e aí ninguém pode editar. Caso não providenciem o salvamento do material em uma mídia, será tudo apagado. No computador ficarão apenas os projetos, sem a imagem que ocupa muito a memória.
 - e. Amanda falou que é preciso comprar um final cut mais atual, pois o que temos, o final cut Express tem poucos recursos. O Final Cut custa em torno de 300 dólares. Por enquanto, o première fica como nosso editor preferido. Será preciso ver com o Sobreira se temos verba para isso.
 - f.
2. Programação canal laborav: Planejou-se que a transmissão ao vivo do Canal Laborav seria às terças feiras, Entre 14e 15hs. Depois a programação continuaria em looping. Local de exibição: TV em frente da secretaria, TV do auditório e transmissão pela internet. A transmissão seria no intervalo entre a aula do mestrado e o grupo de estudos imagens sensoriais. Equipe responsável:
- a. Grade de programação: Márcia e Cecile vão fazer o levantamento do material e ver o que está bom para entrar no ar, já que a Gisele, bolsista encarregada de fazer esta atividade não o realizou. Elas farão uma grade de programação com a duração de uma hora. (Sugiro que façamos um Fala aí (ou qualquer outro nome) com uma entrevista ao

vivo com aluno ou professor sobre algum evento na faculdade. (Acho que o primeiro poderia ser com a direção sobre a mudança da FEBF para perto da Rodoviária. Um tema palpitante) Cecile e Márcia: Será que conseguimos estreiar no dia 17, com uma grade pronta para o mês de maio/junho?

- b. Montagem do pgm: Henrique Sá e Amanda dão as instruções para o pessoal que está aprendendo a editar. Suzana, Nélia e Mariana (vcs vem às quintas feiras?) A montagem é simples: é só colar um pgm no outro e montar um DVD. Sugiro que essa edição seja às quintas feiras.
- c. Transmissão: Henrique Sá, Luciano, e + o pessoal que está aprendendo, no começo, entre duas e 3 horas na segunda antes da aula do Mauro? Depois haverá rodízio.

3. Projetos pessoais

- a. Tamara e Márcia vão se reunir na terça feira para formatar o projeto. (Vcs se reuniram?)
- b. Suzana quer fazer um programa com um Prof UERJ do Maracanã que faz passeios pelo centro. Reconhecendo o Rio a pé. Ele fala sobre a história dos locais, apresenta músicas e personagens famosos. Existem vários roteiros que ele organiza. O passeio é grandetem em dia de semana e final de semana. Filmar editar e dividir. Filmar vários passeios e recortar e dividir. Cada passeio fazer uma série. (Quando falou de série, Suzana não levou em conta que para um pgm de 8 minutos gravamos muito mais do que 8 minutos.)
- c. Maria Jose: pretende realizar um documentário sobre o lixão degramacho, aproveitando o gancho que o lixão será desativado e o pessoal que vai ficar sem emprego. O que vai acontecer com elas? A igreja realizou uma missa no Lixão no sábado. Ela vai ver se consegue imagens para o documentário na catedral, já que o Padre Daniel da paróquia costuma fazer asfilmagens. Ela comentou que o entorno vive em função do lixão, que até ascasas foram tiradas do lixão. Surgiu uma discussão sobre documentários sobre a miséria. Alita falou que é fácil fazer documentários sobre a miséria. Basta ligar a câmera que tem

assunto. Difícil é fazer documentário com gente rica, burguesia e classe média alta. Que as pessoas costumam se apropriar da “voz” dos carentes para falar o que desejam. Mariana falou que Boca do lixo do Eduardo Coutinho não era um documentário apelativo, que não estigmatiza o pobre. Mas achou que Estamira era exploração, apelativo. Suzana (ou Tamara) discordou dela. Comentou-se que esse documentário da Maria José procuraria ter uma postura diferente. Comentou-se que o Rodrigo Mesquita fez um roteiro sobre o lixão que tinha uma abordagem totalmente nova. (Sugiro que depois que o Rodrigo defender a dissertação, no dia 15 de junho, se dedique a realizar o documentário dele. O Márcio, do grupo imagens sensoriais e organizador do festival visões periféricas poderia se juntar a ele na produção.)

- d. Caminhos do Oriente: Maria Jose vai fazer a pesquisa sobre o que está acontecendo agora e tentar um roteiro. Ela também vai fazer a edição do Caminhos do Oriente sobre a capoeira. Mostrou as imagens da entrevista com o mestre Moraes, a roda de luta e o batizado. Essas imagens devem se somar às imagens realizadas no Centro Cultural José Bonifácio pela Paula Andrea, que estão muito bonitas. Zezé precisa da ajuda de alguém para fazer o roteiro. Sugiro que a Cecile pegue a cópia das imagens (tanto as da Zeze quanto as do centro cultural José Bonifácio) em DVD, decupe em casa e junte com a Zeze e Alita para fazer um roteiro. Que tal marcar na quinta dia 12 para fazer esse roteiro, já com as imagens decupadas? Me disponho a encontrar com vcs em algum lugar para fazermos isso.
- e. Vozes Urbanas: Lu continua a edição , que está quase finalizada. Ela falou que aprendeu a editar praticamente sozinha, com a ajuda da Amanda. (Prestem atenção na metodologia: Ela aprendeu o básico. Agora fica na máquina editando. A Amanda fica trabalhando na outra ilha. Quando ela (Lu) tem alguma duvida, pergunta para Amanda. Chegou-se a conclusão de que aprender é mexer no programa. (chamado fazer e conhecer do Naturana e Varela no livro A árvore do Conhecimento.)

- f. Quem cala consente: Rodrigo Lobato enviou uma mensagem dizendo que queria fazer um último programa, entrevistando o Cristo. Para isso é preciso autorização para a administração do Cristo. Será preciso fazer um ofício com papel timbrado do UERJ. Nicinha zoou dizendo que ele devia alugar um helicóptero. (Isso é difícil, mas imagens de arquivo na TV Brasil é capaz dele conseguir. Ele também decidiu que quem vai fazer a direção do programa será a Lu Brasil. Nicinha, Jessica, Valmir se dispuseram a fazer essa última produção. Alguém falou que a prof Vera, uma pequenininha, tem contatos e que poderá conseguir a autorização para a gravação e a suspensão do pagamento dos ingressos (quem faz contato com ela? Simone?) Luciano falou que agora custa em torno de 15 reais e todos tem que pagar. Lobato falou que vai fazer a entrevista e que vai continuar fazendo os roteiros. (Simone disse que conversou com o Lobato de manhã, e ele disse que está disposto a continuar com o pgm e que não vai sair do laborav. Na verdade, ele precisa se decidir e dar uma posição sobre se vai ou se fica.
- g. Mariana falou que ainda não tem um projeto, mas deseja conhecer os projetos que existem. Na quinta feira às 14hs ela vai para a ilha de edição para aprender junto com a Maria José. Ela deseja ter acesso ao projeto dos outros. Vem editar quinta feira. 14hs. Aprender a editar.
4. Cineclube: Alita fez o teste com Felype e Fabiano para fazer a projeção dos filmes no pátio, na parede do lado da biblioteca. Tudo deu certo. O local é ótimo, pois todos os que chegam na FEBF podem ver o filme. As 17hs já está escuro o suficiente para a imagem aparecer bem. Serão utilizados o data show e o notebook do laboratório, com as caixinhas de som (o som ficou ótimo). Devemos colocar os bancos do pátio para a platéia e não se pode esquecer da extensão. O cineclube deve estreiar na próxima semana, na quarta feira dia 11. A equipe de divulgação será:
- a. Trailer: Luciano e Tamara .O trailer, que deve rodar na televisão da secretaria a partir de segunda feira.
- b. Programação: Mariana e Nélia. Alita ficou de arrumar os filmes. O primeiro filme será Cantando na Chuva que faz

parte da mostra O cinema que fala de cinema.(Felype e Luciano, alguém assistiu ao filme durante o teste, na quarta feira?)Os outros filmes sugeridos para essa mostra são:Noite americana.Crepusculo dos deuses: Luciano tem o making off. Com extras.Saneamento básico Divulgacao Cidadão Kane

- c. Divulgacao:Tamara e Lucino : vinheta de trailer. Chamada no Ning. Cartazes nos murais. Criar umfacebook do Laborav. Montar para a comunidade em geral escolher filmes. Sugestão para o mês que vem fazendo uma enquete.
- d. Projeção e atualização das na Internet:Felype e Henrique Sá
- e. Debates: 1 vez por mês,no final de cada ciclo.Neste dia será exibido um curta, com o debate depois. Montar uma rede de cineclubes para participar dos debates. (Márcia e Maria José farão os contatos. A rede fará parte do projeto da Márcia?)
- f. Certificados; Devemos divulgar que as sessões e os debates darão certificados e precisamos preparar os certificados (Márcia e/ou Simone: será que vcs providenciam?)

5. Necessidades do Laborav:Essas necessidades foram detectadas na última reunião, para serem levadas à direção na última quinta feira. Não houve a reunião, que foi transferida para esta quinta feira.

- a. Felype e Amanda falaram sobre a necessidade de comprar mais um HD de 500 para colocar na ilha do Laborav.
- b. Amanda falou que é preciso um levantamento do material que está no HD da ilha do Laborav para esvaziar a memória. Solicito ao Jairo, Nicinha, Maria José, Lu e a todos que tem material que já foi editado no HD da ilha do Laborav para tira-lo de lá. Senão, na próxima segunda feira Alita e Gisele farão uma limpa geral no HD. O computador está muito lento e as edições estão demandando mais espaço. Sugiro que se archive na memória os projetos do Adobe, e que os pgms finalizados sejam gravados em umDVD.ATENÇÃO, ISSO É URGENTE!!!

- c. Transmissão da IPTV com o trcaster: Foi detectado um defeito na saída de vídeo do trcaster. Precisamos procurar uma manutenção aqui no Rio.
- d. Treinamento: Amanda comentou que Gisele não está vindo frequentemente para fazer o treinamento de edição, mas que ela o levantamento das fitas e deve apresentar por escrito.
- e. Simone vai entregar a lista das pessoas que tem o direito de pegar a chave da ilha na segurança. A partir daí, será possível à equipe do Laborav frequentar as ilhas com mais autonomia.
- f. Relatório das demandas do laboratório multimídia para reunião com a Marize no dia 30, quinta feira. Fabiano e Felype falaram que precisam se reunir com a Vanessa para fazer um levantamento das necessidades. Amanda também deve levantar as demandas da IPTV (conserto de equipamentos e detalhes que faltam) apesar da TV ser de responsabilidade do Sobreira. FELYPE E FABIANO, NÃO DEIXEM DE COLOCAR NO PAPEL AS NOSSAS NECESSIDADES.

6. Relatório dos Projetos pessoais da semana passada que não foram atualizados.

- a. Nelia diz que já tem um projeto, mas que falta colocar no papel. Cecile e Luciano estão amadurecendo as idéias.
- b. Vulva fúcsia, Nicinha está editando e não teve condições de mostrar o que já estava pronto para avaliação. Mas avisou que está com pouco material para o quarto pgm, e ainda falta editar o terceiro, cujas imagens já estão decupadas. O terceiro pgm foi sobre o aborto, e ela deseja fazer o quarto sobre as sexy shops. Fernanda avisou que vai ter uma feira erótica no Rio Centro. A produção ficou de checar a data para ver se consegue autorização para ir gravar na feira.
- c. Fernanda falou que o Em matéria de arte começou a ser editado no tempo do Bernardo. Já existem várias partes editadas, mas parece que o HD ficou corrompido e perdeu tudo. Será preciso encontrar as fitas originais. Ela passou o pgm adiante, dizendo que se alguém quiser, pode assumir o pgm. (Dani Francisco, vc está interessada?)

- d. JAPA COSPLAY: Jairo falou que estava difícil para ele continuar o pgm porque estava sem tempo e dinheiro, e que já tinha conversado com o Thiago, já que ele tem afinidade com o conteúdo do pgm. Thiago vai ajudar na parte de edição. Por enquanto não precisa gravar nada, porque ainda tem muito material para descarregar. O material está em formatos diferentes, o que dificultou muito a edição, porque passava muito tempo convertendo imagens. Mas parece que agora resolveu esse problema e vai começar a edição.
7. Produção de DVD multimídia para aula de audiovisual : fizemos um grande debate sobre a necessidade de se fazer um DVD que seria objeto de pesquisa de Luciano. Seria montado um grupo que iria se encarregar de elaborar conteúdos, desenho instrucional, roteiro, webmaster, e programador. Henrique Sá comentou que não via necessidade de alguém aprender alguma coisa com algo. Pensa do ponto de vista do fazer. Para ele o importante é praticar, e citou o exemplo do Pedro Albuquerque que fica no estúdio e voltou a fazer o pgm de radio. Põe musica, fala alguma coisa. Independente de ser radio ou TV. Por isso ele não vê necessidade de se fazer um DVD com vídeo aula. Segundo, basta um capturador de tela e vai explicando. Deve ser tudo na prática, como acontece com o Laborav. Isso é mais importante do que se pensar se isso é educação ou se está aprendendo. O que importa é a pratica. Luciano falou que tem gente que consegue construir sozinho. Rodrigo falou que a vídeo aula limita a singularidade. A experiência em si é mais importante para se sair do molde. Nelia falou que aprender com a prática é uma questão de oportunidade. Existem lugares onde os alunos só podem praticar na sala de aula. Luciano comentou que o projeto dele é tentar montar uma metodologia para o ensino do audiovisual na educação. A questão que se colocou foi: como é possível colocar outra pessoa para ter uma experiência estética? A discussão continuou por um tempo, mas não se chegou a conclusão nenhuma e ninguém se ofereceu para montar o grupo de produção.
8. **Videoteca:** Simone conversou com o pessoal da biblioteca e eles falaram que é só fazer listagem dos vídeos a serem pedidos que eles vão tentar a verba pela UERJ. Falaram também que as pessoas podem disponibilizar que eles

cuidam. TODOS PODEM SUGERIR FILMES PARA A NOSSA VIDEOTECA
Próxima reunião: 9 de maio a partir de 15h.

Alita Sá Rego em 06/05/2011

Ata do dia 22 de agosto de 2011

Presença Camila, Alita, Andréa, Gisele, Henrique Sá, Débora, Renata, Caroline, Luciana, Cecília, Eni, Mariana, Luciano, Nelia

- 23/08 Mudança para nova sala, chegada dos 2 mac.
- Edição todos os dias as 14h para todos os alunos que quiserem fazer programas,
- Alita conversou com Sobreira e fizeram mudanças na Ata do dia 15/08/11, com as mudanças feitas o projeto será apresentada ao Jorge Maximo para aprovação da Incubadora.
- SEPUERJ incorporar o Laborav – não pode haver contrato, apenas auxílio como bolsa –
- Edição do vídeo do evento FEBF/UERJ na Praça.
- Camila ficara responsável pela deculpagem das fitas do laborav, segundas, terças com a ajuda Renata.
- Alita ira enviar um modelo de roteiro para Débora.
- Roteiro de estudo parte teórica – grupo de estudo imagens, vídeo, histórico, roteiro,
- Colóquio Deleuze e Guittari: equipe de produção Cecília, Luciano, Nelia, Alita.
- Proposta para secretaria de cultura do estado um documentários para o site do estado
- Ver com a Kátia a criação de uma redede iptv na escola de ensino fundamental. como pólo iniciaria em Gramacho.
- Projeto “contação de historia” -nelia, Eni, Débora, Caroline, Luciane –
- Cine clube

- Lembrar ao Thiago cine clube nesta quarta-feira 18h.
- Projeto para o Raul Cortez teatro de Duque de Caxias praça do Pacificador .
- Projeto cine clube Mariana, Leticia, Nelia Luciano para a secretaria cultural e apresentar ao Faustino.

Data: 15/08/11

Hora: 16h55min

Local: Sala LABORAV

Presentes: Alita, Débora, Letícia, Murilo, Nélia, Thiago

1. Montagem da empresa com parceria da UERJ.
 - Incubadora – aprontar minuta (com Mário).
 - Regras para abertura da Incubadora.
 - i. Atos Executivos para incubadoras (como fazer?).

Perspectivas: produção de programas e documentários.
2. Montagem da empresa (Caxias no Ar Produções Audiovisuais e Multimídia).
 - Pesquisar nomes.
 - Márcia apresentar o que levantou referente à abertura da empresa.
3. Edital da Secretaria de Cultura Estadual.
 - UERJ/FEBF em parceria.
 - Trabalho com o LABORAV.
 - Equipamentos da UERJ/FEBF – Laboratório de Audiovisual UERJ/FEBF.
 - Produção de filme: “Baía de Guanabara: onde os valões se encontram”.
4. ASCOM da Secretaria de Cultura do Estado.
 - Apresentar programas semanais com eventos da Baixada Fluminense (com 6 minutos de duração).
 - Buscar recursos do Estado para o financiamento do programa.
5. Equipe LABORAV (dedicada).
 - Bolsistas: Débora, Gisele, Thiago
 - Pesquisadores: Cecile, Luciano, Márcia e Nélia

- Voluntários: Anobeto, Camila, Elizama, Letícia, Maria José (Zezé), Murilo e Renata.
6. quarta-feira, 17/08, às 15h – Evento FEBF na praça.
- Ver com Icléa: telão e projetor apropriados para às 17h – a montagem.
 - Plano B: Felipe (XXXX-XXXX) para ajudar na montagem.
 - Equipe disponível: Letícia, Thiago e Zezé.
7. Colóquio Deleuze e Guatari de 25/08 a 02/09
- Nélia: pesquisa sobre o colóquio para a produção de filme/documentário (objetivando participação em concursos).
8. UERJ sem Muros
- Gisele e Thiago – providenciar a apresentação de posters.
9. Aulas práticas de edição
- Segundas, quartas e quintas-feiras, das 15h às 18h.
 - Somente depois de acertados todos os encaminhamentos previstos na presente ata.
10. PRÓXIMA SEMANA:
- Mudança para novo espaço (antiga sala da Zeny).
 - Chegada de dois novos Macintosh, totalizando três para nova sala.
 - Solicitar ao Paulo Futuro(?) a configuração dos três equipamentos.
11. Para próxima reunião dia 22/08:
- Horário: 14h – equipe de pesquisa e, 15 horas, os demais.
 - Discutir FEBF na Praça da Apoteose (meados de outubro a novembro).

Ata de 26 .09.11 (comentada)

Primeira chamada: Carol, Eni, Andréia , Renata, Mauricio, prof. Aníbal ,Lu,Débora

Segunda chamada: Prof. Mauro, Fabiano, Henrique Sá, Cecile, Luciano, Nélia,

Marcia Rocha, Renata, Letícia

I. Produção de programas

1. Diário da FEBF :Proposta de programa do Prof. Aníbal/Henrique Sobreira
 - a. Apresentação:Telejornal semanal, com cerca de 10 minutos, ancorado por um apresentador e transmitido ao vivo pela IPTV Kaxinawá para as televisões do Breaking the walls entre 8hs e 8h10, entre 13h30 e

13H40 e entre 18h15 e 18h 25. O programa será uma espécie de “menu degustação” composto por pequenas informações fornecidas pelos professores, direção, CAs e alunos sobre os acontecimentos diários da FEBF. O programa também vai contar com matérias especiais produzidas pela equipe do Laborav junto com os alunos, dicas sobre livros e eventos culturais da Baixada Fluminense, e entrevista com alunos/professores pesquisadores (pesquisas de mestrado e graduação)

- b. equipe: Direção Geral: Prof. Alita Sá Rego → aliXXXX@gmail.com
 ; Editor Chefe: Prof: Aníbal → anxxxxx@yahoo.com.br; Editor executivo, redação e roteiro: Cecile Azambuja: cxxxxxxa@gmail.com
 ; Produção/reportagem Renata renxxxxxxxxs@gmail.com; Gisele : gixxxxxx3@yahoo.com.br ; Andreia → fexxxxxxxxxs_a@yahoo.com.br e quem mais estiver disponível; Câmera: Maurício mxxxxxxx@ig.com.br, Thiago: thxxxxxxx@gmail.com e Lúcia; Transmissão: Zezé mxxxxxxxo@hotmail.com , Renata (ver quem pode fazer pela manhã e a tarde.) Edição de matérias especiais: Eni, Carol, Lu Brasil Renata (e quem já estiver treinado)
- c. Apresentação: Manhã? (verificar quem deseja ser a apresentadora. Deve ser alguém do turno da manhã). Tarde (verificar) . Noite: Lu Brasil: luxxxxxxa@yahoo.com.br Conselho editorial: Lu, Cecile, Renata, Letícia.
- d. Modo de produção: o programa deverá ser produzido sempre na semana anterior de sua exibição (de preferência com 10 dias de antecedência)
- i. Coleta do material enviado para o email diariodafebf@gmail.com a ser criado pela Cecile e para o Twiter e o facebook Diário da FEBF a ser criado pela Débora.
 - ii. Reunião de pauta às segundas feiras, às 13hs, onde serão apresentadas as informações sobre os eventos dos diversos departamentos fornecidas pelos professores, alunos, a direção e os CAs para o e-mail Nesta reunião será realizada a seleção dos eventos que serão abordados em cada edição diária.

- iii. Produção: as produtoras/repórteres deverão fazer contato com os responsáveis pelos eventos que serão transmitidos para combinar dia e hora da apresentação (no caso de entrevista ao vivo) e/ou fazer a coleta das informações que serão lidas pela(o) apresentador. (terça e quarta). As pessoas devem se inscrever para falar via e mail também.
- iv. Redação e roteiro do material coletado.(quarta e quinta) Os roteiros e textos deverão ser disponibilizados sob a forma de doc colaborativo para serem avaliados e corrigidos pelo comitê editorial (o comitê é formado pelos integrantes do Laborav)
- v. Aprovação do material pelo editor chefe (quinta feira, via doc colaborativo que deve ser de domínio público)
- vi. Transmissão diária

Obs: matérias especiais podem ser produzidas em 15 dias ou 1 mês.

1. Procedimentos para o lançamento do projeto
 - a. Divulgação
 - Professor Aníbal fará a chamada via o grupo docentes febf para contar com a adesão dos professores.
 - Débora deverá fazer a divulgação nas redes sociais (Facebook do Laborav, blog, ning, criar o twitter Diário da FEBF para coletar material também)
 2. Treinamento do pessoal para transmissão (pedir ao Rodrigo e/ou Henrique Sá)
 - a. Zezé, Murilo, Thiago, Renata.
 3. Treinamento de Câmera(incluindo câmeras robôs): Lucia e Luciano
 - a. Para: Renata, Murilo, Thiago, Mauricio e quem mais desejar.
 - i. (Luciano: terça feira, a partir de 17hs)
 4. Treinamento de edição : constante para todos durante a semana.

2. Voz Urbana → Locação:FEBF

Gravação: Terça feira dia 27/11

Direção: Lu Brasil

Produção: Márcia Rocha

Edição: Lu Brasil

3. Documentário sobre hip-hop: Corpo em movimento:

Direção, produção, câmera, edição: Lu Brasil

saída da z1 quarta feira, dia 28/09/11hs

4. Contação de História

Eni, Débora, Carol, Eni.

Fabiano está fazendo a vinheta de abertura (no entanto o projeto ainda não tem nome? Eu será Eu conto, tu contas?) O 1º pgm: Carol vai entrevistar a Debora e a Lu para falar sobre as diferenças entre a contação de história no hospital e na escola. 2º quadro: diferentes pessoas contam a mesma história para ver como a história se modifica a cada contação. 3º quadro: Momento de contação: contação de conto ilustrado por imagens.

. Segunda feira , às 14hs o grupo deve se reunir para finalizar o projeto, fazer um pré roteiro e planejar a pré-produção.

5. Fabiano sugeriu a possibilidade de realizarmos transmissões ao vivo da rua, fora da FEBF. Sai com um carrinho com todo o equipamento (1 notebook, 1 camera e o microfone) e para em um lugar. Seria uma espécie de Voz Urbana ao vivo. Quem estiver disposto a fazer essa experiência, compareça na reunião de segunda feira.)

5. Projeto de programa de rádio

O professor Mauro está montando uma equipe para fazer um programa de rádio e um blog em parceria com a UERJ do Maracanã, através do prof.

MarceloKischinhevsky

com doentes mentais de um Caps.(Centro de apoio psicológico) de Vila Isabel. Ele vai marcar uma conversa para efetivar a parceria, e apesar de ter um laboratório de radio na UERJ do Maracanã, a idéia é transmitir da FEBF. O professor Mauro está procurando pessoas interessadas em participar do projeto e ensinar o pessoal do caps a perder o medo da máquina. Andreia, Luciano e Eni demonstraram interesse em participar do projeto.

Andréia xxxxxxa@yahoo.com.br

Eni exxxxxx@hotmail.com

II.Assuntos gerais

1. Espaço de planejamento de produção e financiamento de projetos

Henrique Sá e Fabiano planejaram um formulário para ser preenchido pelos produtores de projetos de todas as áreas que fazem parte da CPMK: Laborav, Estúdio de Som, Rádio Kaxinawá, TV Kaxinawá. Será um formulário colaborativo criado no Google Docs onde cada encarregado por um projeto deverá preencher o que precisa, como quando e onde. Cada projeto terá um espaço ser preenchido pelas pessoas que desejarem fazer parte da equipe, que deverá deixar um endereço /telefone para contato. Há espaços para descrição do equipamento necessário, as datas em que eles serão utilizados e as necessidades do projeto (transporte, no. de fitas, etc.)

Luciano sugeriu que o formulário fosse disponibilizado na plataforma do Google, com compartilhamento aberto para que todos dessem sugestões.

Também foi aventada a possibilidade de criação de um site de financiamento para projetos de alunos da FEBF, onde seriam oferecidas cotas de financiamento. (nos moldes do <http://bepart.com.br/como-funciona>)Quem se habilita a pesquisar e criar a nossa plataforma de financiamento?

2. Treinamento em edição:

Quem:

segunda feira

Leticia e Andreiaa partir das 15hs.(o horário não é muito bom por causa das reuniões...)

Quarta feira

Carol e Eni: 12 as 14hs

Quinta feira:

Mauricio14hs

A editora Lucia falou que está livre as 2as e quartas das 11 às 15hs e terças, quintas e sextas de 14hs às 20hs para orientar o pessoal que está aprendendo a editar e a lidar com a câmera.

Novos e-mails do grupo



Laborav

Ata do dia 03/10/11

Presentes na primeira chamada: Carla, Mauricio, Ariana, Gisele, Thiago, Renata, Andreia, Henrique Sá

I. Produção de programas

a. Caminhos do oriente

- i. Mauricio pratica o taichi e ficou interessado em gravar um programa sobre esta luta durante um evento que terá no fim de semana. Ele quer documenta-lo como se fosse um episódio do Caminhos do Oriente. Ele terá que conversar com a Zeze, que é a diretora da série. No entanto ficou combinado que a gravação seria realizada.

Dia 08/10

- ii. Hora: de 9hs da manhã às 13hs
- iii. Local: av. Monsenhor Felix 1059 Irajá
 - a. Salão de festas do condomínio. Local fechado. Mauricio vai fazer o check list. Gisele ficou de enviar o formulário para ele. (ele fez o check list com fotos, o que facilitou bastante a produção.) Transporte será feito de taxi. Pedir a Cátia verba de produção. (Cátia deu a verba). Thiago ficou de encontrar direto no local. Mauricio ficou de aprender a usar a câmera com Luciano.
- iv. Equipe: Thiago (câmera), Mauricio, (direção e câmera), edição: Gisele e Ariane, Produção: Gisele, Ariana, Renata, Letícia, Carla
- v. Enviar texto para o grupo sobre a função dos integrantes da equipe.

b. Diário da FEBF

- i. Prof. Aníbal será o editor chefe. Fica sob a responsabilidade dele a seleção do que será abordado no telejornal. As reuniões de Pauta serão segundas feiras às 14hs.
- ii. Henrique Sá deseja fazer uma coluna semanal de experimentação em tempo real. Ele citou o Buraco Cavernoso do Marcio Bertoni que coloca apenas um computador e faz o pgm dele (Henrique podia elaborar um pouco mais as experimentações ao vivo, já que temos mais recursos. Pode pensar no uso dos recursos do tricaster, o que acha?)
- iii. Ficou combinado que no dia 11 as 16hs teria uma reunião de pauta na sala do Laborav.
- iv. Sobre a divulgação, ficou acordado que alguém iria procurar o CA , que certamente ia querer dar algum recado.

c. Baixada Turística (ficaram de pensar um nome melhor)

Ariane sugeriu fazerem um pgm com lugares turísticos da Baixada, que só os moradores conhecem, como a cachoeira de Xerém. Existem na região parques com sítios abertos que quase ninguém conhece, como o Parque Municipal da Taquara. Existe um problema grande nesses parques, que a população local destruiu a iluminação. Existe a estacao de Capobaiba. Existe um site de um Instituto de Pesquisa que costuma fazer um tour que termina no sítio do Zeca pagodinho.

Equipe: Nelia, Ariane, Gisele e Renata

d. Corpo em movimento

- i. Lu falou que vai gravar na ultima quarta feira de outubro e na sexta feira. O que tinha gravado no início não ficou bom.
- ii. Ela também comunicou que o Valmir quer continuar o voz urbana

II. Banco de Idéias

- a. Henrique Sá, Luciano e Fabiano. Luciano falou que já colocou sugestões no banco . De acordo com o Henrique é aproveitar o documento para opinar sobre os programas e fazer sugestões. O documento é uma planilha excel que vai funcionar como uma ficha com cadastro. A ficha

alimenta a planilha. Seria uma espécie de agencia virtual. No momento a planilha ainda está no formato Beta, para experiência. Está com deficiências.

III. Oficina de treinamento de transmissão

- a. Luciano sugeriu uma oficina com um número mínimo de pessoas (cinco no máximo, para ser bem especializada) que inventariam um assunto para gravar e que seria um treino de transmissão. Cada um assumiria uma função para gravar um bloco de 5 minutos. Depois trocavam de função. Todos passariam por todas as fases para apurar melhor as atividades de cada um e compreender as necessidades do outro profissional. Seria um treinamento gravando de verdade, cada um com um tipo de responsabilidade. A oficina tem 3 momentos: ligar e conectar equipamentos(produção de estúdio). Transmistir, Guardar tudo(desprodução). 1º grupo: Nelia, andrea, Thiago, gisele, Mauricio e Leticia. Agendar o auditório semanalmente. Andreia vai agendar. Começo na segunda feira de 16h30 às 18hs. Será o ensaio para o telejornal. O grupo treinado vai funcionar como multiplicador.

IV. Estúdio de som

- a. Mauro comentou que o grupo de estúdio se reúne todas as quartas feiras para se apropriar do equipamento e que em seguida vai abrir para usuários. Marcelo é o responsável pelas gravações, e alguns grupos já estão fazendo experiências. A idéia é começar o estúdio como uma empresa a ser incubada.

V. Cineclube

- a. Thiago se encarregou do cineclube. O próximo filme será Rede Social.

III. Assuntos gerais

- Carla se incorporou ao grupo. mgxxxxxxxxs@hotmail.com Tel: xxxx-xxxx
- Gisele ficou de enviar todos os telefones e e mails de todos para todos.

- Fazer solicitação de 100 fitas minidv sony na Pro. Av 3 Rua Evaristo da Veiga 41 sla 801 centro. 22407802Pro Ver com Cátia os dados para a nota fiscal em nome da UERJ
- Incubadora: Renata comunicou que a reunião será na sexta de manhã, dia 7, na UERJ às 10hs com a prof Marinilza. (fomos a reunião e ficou tudo acertado para terminarmos o projeto e dar entrada no pedido até final de novembro.) Segundo a Renata, ficaremos na rede de ciência e tecnologia.
-

Atas

14/11/2012

presentes: Thiago, Renata, Zezé, Mauricio, Ariana, Débora, Lu

1. Produção

- a. Voz urbana: Lu solicitou equipe e câmera para produção de doc sobre Grafite na Vila Operária no dia 25. É o sétimo ano do evento, Uma mega produção q conta com a presença do Mate com Angu. É um evento livre . Ela já tem pronto o Voz urbana com o Cifer, que é para colocar no site/canal no youtube laborav. Ela ficou de trazer um original para upload. Ela ficou de ver se consegue baterias e cam na revolute. Mauricio e Thiago farão a câmera.
- b. Conte Comigo
 - i. Ariana falou que está esperando o retorno do Sidney , embora esteja tentando falar com ele. O Celular que tem está errado(22331346). Mas apesar dele ter mostrado o maior interesse pelo nosso projeto, o projeto dele está parado (acho que depende de mudança de prefeito). No entanto, dia 22 terá o natal dos agentes de leitura contando historias. Produção: podemos ligar para o Sidney para gravar o evento e ao mesmo

tempo produzir uma visita fake de uma agente em uma casa para contar histórias de índios. Aí acompanharíamos o agente como se o projeto existisse. Aí a gente entrevista o Sidnei (pode ser chapa 13) e faz o programa sobre histórias de índios, seguindo o mesmo esquema do roteiro da pimplhos. Vamos produzir um roteiro novo. Infelizmente Carol e Eni não estiveram presentes para nos ajudar nos roteiros. Com a mudança de equipe, Debora ficará encarregada do conteúdo junto com a Eni e o Pedro, já que ela é a nossa contadora de histórias. Estou refazendo o projeto conte comigo tornando-o temático. Quando terminar envio para todos.

ii. Equipe

1. Direção Geral: Alita
2. Direção de produção e produção de externa: Renata
3. Produção de base: Arianna
4. Conteúdo: Pedro, Eni e Débora
5. Cameras: Maurício e Thiago
6. Edição : Lucas
7. Roteiro (colaborativo)

c. DR. Arianna

- i. Ainda não está podendo andar muito e fazer esforços, por isso pediu para adiar o projeto. Ela está fazendo produção de base do conte comigo.
- d. Juca mineiro: Débora explicou que tem dois episódios prontos que estão precisando de edição.
- e. Dobras. Lucas pediu para esperar até terminar o Canal Laborav e o conte comigo, já que ele tem muita coisa para fazer.
- f. Canal Laborav: Lucas e Thiago ficaram encarregados de montar os pgms que faltam para que sejam realizadas as outras cabeças e a gente possa finalizar e fazer o upload de todos os pgms. Acho que será preciso remontar os que já estão prontos para formata-los e finaliza-los.

- g. Caminhos do Oriente: Zezé falou que falta apenas a edição.
Precisamos de um editor urgente.
2. Novos projetos:
- a. Projeto em parceria com o projeto Alegria:
 - i. Historias de crianças para crianças.(falta o nome) . Débora e Suellen estão encarregadas da criação do projeto junto com as responsáveis pelo Projeto Alegria. Previsão para começar em março, quando as aulas recomeçarem.
 - b. Cineclube Laborav: Thiago ficou encarregado da realização.
Precisamos montar a infra para isso. Estou pensando em começar o cineclube em parceria com o CA, o que vcs acham?
3. Reuniões do Laborav:
- a. Teóricas: às quartas feiras depois das aulas de MME
 - b. De produção: voltadas para a produção dos projetos em andamento.
MUITO IMPORTANTE PARA AS EQUIPES que não podem faltar.

Ata de 17/10/2011

Quórum baixo nesta reunião. Estiveram presentes: Eni, Renata, Lu, Mauricio, Prof. Aníbal.

IMPORTANTE:

Renata e Gisele estarão na sala do Laborav todos os dias de 14 às 17 hs para que as pessoas possam treinar edição e editar seus programas.

- I. Uso do Laborav
 - a. O IMAC de 1terabit (Laborav2) está reservado para a edição dos programa, sem acesso à Internet. O Laborav 1 está disponível para treinamento e acesso a Internet e uso do pacote do office (Word, ppt, etc, só até chegarem os PCs que a direção vai comprar para nós). É o computador que está sendo utilizado para as atividades administrativas, embora não deva ser utilizado para isso.

- b. A Lúcia, editora do 5ª Dimensão está disponível para tirar dúvidas e ensinar os primeiros passos da edição. Ela conhece melhor o Premiere, mas tb sabe como funciona o final cut que usamos no mac. É bom lembrar que o IMAC também tem o premiere instalado.

VI. Produção de programas

a. Caminhos do oriente

- i. Mauricio fez a gravação . Deu tudo certo, as imagens ficaram boas. Agora falta avaliar para começar a edição. A equipe de edição definida na reunião passada foi:
Mauricio,(direção), edição: Gisele e Ariana

b. Diário da FEBF .

- i. Ficou decidido que a estréia seria na quarta feira, **dia 9/11**, e com notícias para a semana de 9 a 15 de novembro.
- ii. O telejornal será gravado ao vivo (e não transmitido em tempo real) e transmitido ou exibido em DVD nas salas de aula (Fabiano, Felype: precisamos do codec de vídeo nos computadores do Breaking the walls URGENTE))
- iii. Foi elaborada uma campanha de divulgação para coleta de conteúdo para o jornal.
 - 1. Foi criado o email diariodafebef@gmail.com. O e mail deve ser divulgado no docentesfebf (sob a responsabilidade do prof. Anibal.) Deve ser comunicado que o *dead line* (ultimo prazo) para envio das notícias será no domingo, **dia 6 de novembro**.
 - 2. Será gravada uma chamada para a tv da secretaria convocando os alunos e profs para enviarem o email
 - 3. Será preciso fazer os cartazes para serem colados nos murais e nas salas de aula.

4. Equipe: A Lu Brasil será a âncora do telejornal e vai gravar a chamada no dia 24 às 16hs. Fabiano deveria fazer o fundo no after effects.
5. Cecile será a redatora.
6. Mauricio fará a câmera.
7. Andréia se ofereceu para a produção (mas não tem ido às reuniões)
8. Enviar e mails para CAs com o texto da chamada
9. A gravação do telejornal deverá ser realizada dia 07 de novembro, editada na terça 08 de novembro e distribuída transmitida 09/11.

(dia 03)

- iv. Prof. Aníbal será o editor chefe. Fica sob a responsabilidade dele a seleção do que será abordado no telejornal. As reuniões de Pauta serão segundas feiras às 14hs.
- v. Henrique Sá deseja fazer uma coluna semanal de experimentação em tempo real. Ele citou o Buraco Cavernoso do Marcio Bertoni que coloca apenas um computador e faz o pgm dele (Henrique podia elaborar um pouco mais as experimentações ao vivo, já que temos mais recursos. Pode pensar no uso dos recursos do tricester, o que acha?)
- vi. Ficou combinado que no dia 11 as 16hs teria uma reunião de pauta na sala do Laborav.
- vii. Sobre a divulgação, ficou acordado que alguém iria procurar o CA , que certamente ia querer dar algum recado.

(Dia 17)

c. Baixada Turística (ficaram de pensar um nome melhor)

Apenas a Renata estava presente.

Equipe: Nelia, Ariane, Gisele e Renata

d. Corpo em movimento

- i. Lu já pegou a autorização para o uso do equipamento. Vai gravar dia 27 e dias 29 de noite. Ela vai levar o equipamento de carro. Ela também pediu para marcar a sala verde para gravar entrevistas.

- ii. **Dia 03.10**Lu falou que vai gravar na última quarta feira de outubro e na sexta feira. O que tinha gravado no início não ficou bom.
- iii. Ela também comunicou que o Valmir quer continuar o voz urbana

e. Conta Comigo

VII. Banco de Idéias

- a. Sem comentários
- b. Dia 03/10 .Henrique Sá, Luciano e Fabiano. Luciano falou que já colocou sugestões no banco . De acordo com o Henrique é aproveitar o documento para opinar sobre os programas e fazer sugestões. O documento é uma planilha excel que vai funcionar como uma ficha com cadastro. A ficha alimenta a planilha. Seria uma espécie de agencia virtual. No momento a planilha ainda está no formato Beta, para experiência. Está com deficiências.

VIII. Oficina de treinamento de transmissão

- a. Luciano não esteve presente
Dia 03/10Luciano sugeriu uma oficina com um número mínimo de pessoas (cinco no máximo, para ser bem especializada) que inventariam um assunto para gravar e que seria um treino de transmissão. Cada um assumiria uma função para gravar um bloco de 5 minutos. Depois trocavam de função. Todos passariam por todas as fases para apurar melhor as atividades de cada um e compreender as necessidades do outro profissional. Seria um treinamento gravando de verdade, cada um com um tipo de responsabilidade. A oficina tem 3 momentos: ligar e conectar equipamentos(produção de estúdio). Transmitir, Guardar tudo(desprodução). 1º grupo: Nélia, Andrea, Thiago, gisele, Mauricio e Leticia. Agendar o auditório semanalmente. Andreia vai agendar. Começo na segunda feira de 16h30 às 18hs. Será o ensaio para o telejornal. O grupo treinado vai funcionar como multiplicador.

IX. Estúdio de som

- a. Pessoal do áudio nao esteve presente

- b. Dia 03/10 Mauro comentou que o grupo de estúdio se reúne todas as quartas feiras para se apropriar do equipamento e que em seguida vai abrir para usuários. Marcelo é o responsável pelas gravações, e alguns grupos já estão fazendo experiências. A idéia é começar o estúdio como uma empresa a ser incubada.

X. Cineclube

a. O filme foi exibido. Próximo filme: Piratas do Vale do Silício

- b. Thiago se encarregou do cineclube. O próximo filme será Rede Social.

Ata de reunião com Livia da Pimpolhos da Grande Rio
13/07/2012

Presentes: Alita e Renata(Laborav) e Lévia (Pimpolhos)

As diretoras Carol e Eni não estiveram presentes pois estavam participando de um congresso.

A conversa foi sobre o 1º episódio do programa Conte Comigo, a ser gravado em agosto/setembro. Esta reunião foi a primeira da etapa de pré-produção, onde estamos fazendo a pesquisa sobre as atividades da ONG Gremio Recreativo Cultural Escola de Samba Mirim Pimpolhos da Grande Rio (<http://www.pimpolhos.org.br/projetos/>) , suas atividades e projetos.

A relação entre o trabalho da Pimpolhos e o programa Conte Comigo está ligado à elaboração do samba enredo para o carnaval de 2013, que será Pequena África Parte 2. Um samba enredo é um sub gênero do samba moderno realizado especialmente para o desfile de uma escola de samba. Os temas são variados, mas geralmente contam uma história. Um samba enredo é uma contação de história, só que com músicas. Normalmente os sambas-enredos são escolhidos por concursos internos, mas na Pimpolhos a proposta é realizar um samba enredo colaborativo criado a partir do conteúdo definido pelo grupo de pesquisa, que leva cerca de 20 dias desenvolvendo o enredo. Eles se reúnem 2x por semana, durante 3 semanas

para realizar uma sinopse. O desenvolvimento do enredo inclui a criação dos nomes das alas, como elas se conectam, quem são os personagens, os figurinos, etc.

Nesses encontros, diversas atividades são realizadas. Uma delas é a **colcha de histórias**, onde cada um pega 1 tecido e constrói um conto a partir de pesquisas sobre personagens (Pixinguinha, Gandhi etc).

Depois que o enredo está definido, há um encontro para a composição do samba. É a **roda de composição** que reúne cerca de 40 pessoas entre 14 e 60 anos, (compositores mirins e mais velhos) para desenvolver o samba. Na roda, as pessoas mostram as partes que compuseram. Aí começa uma batucada e o samba vai sendo composto em conjunto.

Depois da roda de composição acontece o **carnaval pedagógico**, onde as crianças ficam conhecendo o enredo, as fantasias, a história de cada personagem durante as atividades realizadas nas oficinas de criação.

A quarta etapa será a realização de um espetáculo ou uma **peça de teatro** onde as crianças irão representar seus personagens.

Em 2006 as crianças fizeram o samba enredo a partir de ideias delas. Em 2010 o samba enredo foi sobre contos, *Nossa memória*. NO ano passado, 2011, o enredo foi o pequena Africa.

Carnaval de 2013 →

Este ano será o Pequena África 2, com uma viagem pelo mundo onde conhece as outras culturas e volta para o Brasil de hoje. Vai da infância, narrada por Machado de Assis, descobre o mundo, conhece os pensadores e volta para o Brasil e reage às injustiças.

As atividades da Pimpolhos, este ano, vão acontecer no Centro de artes Calouste Gulbekian (Rua Benedicto Hipólito, 125 - Centro Rio de Janeiro - RJ, 20211-130(0xx)21 2221-7760), na quadra da escola de samba e no Barracão, onde serão realizadas as oficinas de carnaval, em parceria com outros cursos.

O que ficou combinado com a Lívia:

1as gravações:

30/31 de agosto:realização da colcha de histórias, de 14 às 18hs, no Centro Calouste Gulbekian.

Setembro em data a ser marcada: roda de composição na quadra da Grande Rio
Carnaval pedagógico: no barracão ou na quadra.

Teatro com o grupo de Caxias: apresentação especial para a gente. A Livia vai conversar com o grupo de teatro que vai encenar o samba enredo.

Livia falou que também pode nos ceder as imagens do desfile do ano passado, da Pequena Africa, com imagens maravilhosas que podemos utilizar na abertura do episódio.Além disso, ela tem material de arquivo da preparação. Alguém deve marcar com ela para fazer a pesquisa deste material.

Pré produção:

- pesquisa de locação: Centro Caloute, quadra da Grande Rio e Barracão.
Essas pesquisas de locações devem ser realizadas com o câmera. Vamos ver se o Luciano quer ser nosso câmera.
- Seleção de equipe:
 - Técnico de som: Thiago Tostes
 - Editora : Noale ou Suely (fazer tomada de preço), Carol e Eni
 - Fotógrafo: Luciano, Maurício, Lucas e
 - Produção: Ariana, Renata
 - Direção geral e direção de produção : Alita
 - Direção de programa: Eni e Carol

Devemos estar com tudo pronto para poder realizar a gravação assim que o equipamento novo chegar. Mas enquanto ela não chega, faremos com a Baby mesmo.

O termo de outorga já foi entregue à Faperj. Agora é só esperar o dinheiro sair.

Agora precisamos ver o segundo episódio, na Escola Municipal que a Renata falou

O terceiro episódio será no hospital

O quarto como o projeto alegria.

Precisamos fazer todas essas pesquisas.

Pimpolhos da Grande Rio

Os Projetos da Pimpolhos da Grande Rio visam o desenvolvimento de atividades de cunho sócio-cultural, promovendo um espaço de arte, cultura e educação para mais de 3000 (três mil) famílias do Município de Duque de Caxias e do Rio de Janeiro, através de ações educativas e culturais como a realização dos desfiles de carnaval mirim e das oficinas lúdico pedagógicas.

Os projetos desenvolvidos visam o fomento da cultura do carnaval carioca como ferramenta de educação e transformação social. Paralelo ao mundo dos desfiles e rodas de samba, existe um universo muito complexo que envolve milhares de pessoas, onde o carnaval dura o ano inteiro e faz parte do dia a dia, do trabalho, do lazer e da educação de cada uma delas.

Pimpolhos nas Escolas e Carnaval Pedagógico são oficinas lúdico pedagógicas que acontecem na Escolas Municipal Lions de Duque de Caxias, e na quadra da Grande Rio onde acontecem os ensaios para o carnaval. A **Escola de Carnaval** realiza, administra e gere ações educativas e culturais que visem a sustentabilidade e a inserção dos agentes no mercado local, promovendo o intercambio de conhecimentos especializados e melhores práticas entre agentes e promotores culturais. A Pimpolhos atua em parceria com diversas instituições e projetos de desenvolvimento cultural ministrando cursos, oficinas e debates. Os projetos visam a construção de redes de formação e partilha de experiências, construindo **Parcerias Educacionais** estratégicas para a realização das atividades previstas, congregando diversas instituições, artistas e produtores culturais, incluindo a Universidade Federal do Rio de Janeiro, a UniGranrio, Secretaria Municipal de Educação de Duque de caxias, Instituto de Educação Roberto Silveira, SENAC, SESC, Escola Britânica do Rio de Janeiro, Projeto Legal, Centros e Espaços Culturais como Casa da Ciência, Recicloteca, Escola Nacional de Circo, Academias de Dança, Cidade do Samba, e etc. Na quadra, chegam a ficar reunidas cerca de 1500 crianças da comunidade do carnaval.

Ata de produção de Conte comigo

26/11.

(pelo telefone.)

Arianna contatou Luna e marcou encontro com Renato, o personagem do Conte Comigo para que possamos acompanhar a filha dele, Renatinha e a família dele como nossos personagens. O encontro seria na terça feira, dia 27 para combinar a gravação no dia 04.

27/11. Alita fez entrevista com Renato por telefone no dia 27. Renato falou que na semana do dia 04 tinha um impedimento, pois era a semana de provas de Renata. Por isso ela não iria ao ensaio. Alita comentou que seria interessante gravar com todaa família na casa dele, as diversas cenas que estão previstas no roteiro. Renato falou que não teria problema nenhum, que ele estava disposto a ajudar em tudo, desde que não fosse na semana de provas de Renata. Por isso combinamos que na quinta feira, dia 06 iríamos fazer a locação na casa dele, conversando com mulher dele, e fazendo o check lista de gravação e meio que ensaiando com eles as histórias que contariam. Arianna se dispôs a fazer o check list, desde que tenha verba para o taxi de ida e volta.

1. Planejamento de gravação
2. Pré produção: Arianna, Renata e Zeze
 - Data: 06/11
 - Locação 1: Check list e pesquisa de personagem
 - Combinar horário com mulher de Renato (Arianna tem o número de Renato.. Ligar para ele e combinar)
 - Conseguir transporte para Ariana Zezé e Débora (Ver se Gilson pode, ou então verba para táxi)
 - Calcular custos da pré-produção caso seja preciso um taxi (Zezé)
 - Endereço: Av. Primavera 1433, jardim Primavera. Pto de referencia: ao lado da agencia de correios.
 - Data: combinar hoje
 - Locação 2: check list da quadra.

- Montagem de equipe (checagem de disponibilidade para dia 11, terça feira que vem)
 - Fotógrafo de fora: pesquisar nomes e custos
 - Alita faz o primeiro contato e passa para Arianna.
 - Assistentes de câmera
 - Maurício e Thiago
 - Produtoras de externa
 - Renata, Suellen, Zezé
 - Direção de Externa: (se tudo correr bem) Alita
- Confirmar e lembrar equipe de gravação na véspera (Arianna)

3. Dia da gravação: 11/11

a. Endereço:

- i. locação 1: Av. Primavera 1433, jardim Primavera. Pto de referencia: ao lado da agencia de correios.
- ii. Locação 2: Quadra da Grande Rio

b. Horário:

- i. Locação 1: de 13hs até 16:30
Saída da FEBF: 12h30 (depois do almoço)
 1. Locação 2: 16:30 até 17:15 →Lanche.
17h15→ saída para quadra
18hs→ gravação na quadra.